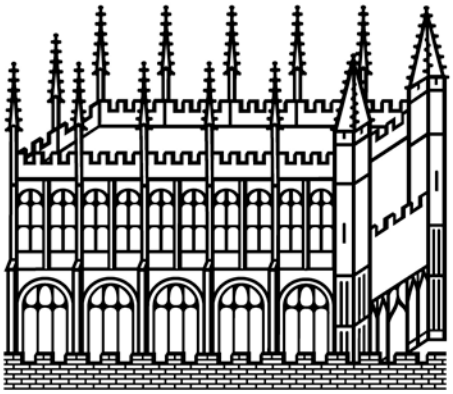


Bodleian Libraries

UNIVERSITY OF OXFORD

This book is part of the collection held by the Bodleian Libraries and scanned by Google, Inc. for the Google Books Library Project.

For more information see:

http://www.bodleian.ox.ac.uk/dbooks

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 2.0 UK: England & Wales (CC BY-NC-SA 2.0) licence.

326 a 23

Ref
FPP 270 A3

BOUND BY MALTBY OXFORD

# O CONDE D'ABRANHOS

## Obras de EÇA DE QUEIROZ

---

*O Crime do Padre Amaro*, 1 vol.
*O Primo Bazilio*, 1 vol.
*O Mandarim*, 1 vol.
*Os Maias*, 2 vol.
*A Reliquia*, 1 vol.
*Correspondencia de Fradique Mendes*, 1 vol.
*A Illustre casa de Ramires*, 1 vol.
*A Cidade e as Serras*, 1 vol.
*Prosas Barbaras*, 1 vol.
*Contos*, 1 vol.
*Cartas de Inglaterra*, 1 vol.
*Cartas familiares*, 1 vol.
*Ecos de Paris*, 1 vol.
*Notas contemporaneas*, 1 vol.
*Ultimas paginas* (manuscriptos ineditos), 1 vol.
*As Minas de Salomão* (traducção), 1 vol.

OBRAS POSTHUMAS:

*A Capital*, 1 vol.
*O Conde d'Abranhos*, 1 vol.
*A tragedia da rua das Flôres*, 1 vol.
*Paginas esquecidas*, 1 vol.
*Correspondencias*, 1 vol.
*Notas de viagem*, 1 vol.
*Alves & C.ª*, 1 vol.

**Preços, vêr a tabella em vigor.**

---

*A propriedade litteraria e artistica está garantida em todos os paizes que adheriram á convenção de Berne. — (Em Portugal, pela lei de 18 de Março de 1911. No Brasil pela lei n.º 2.577 de 17 de Janeiro de 1912).*

---

ARTES GRÁFICAS — PÔRTO

Eça de Queiroz

EÇA DE QUEIROZ

# O CONDE D'ABRANHOS

NOTAS BIOGRAPHICAS

POR

Z. Zagallo

E

## A CATASTROPHE

PORTO
Livraria Chardron, de Lello & Irmão, L.da
editores — Rua das Carmelitas, 144
Aillaud e Bertrand — Lisboa-Paris

1925

LIBRARY OF THE
UNIVERSITY
15 JAN. 1935
OF OXFORD

# INTRODUCÇÃO

## DOUS MANUSCRIPTOS A LAPIS

Ao acabar de rever as provas d'este pequeno volume, comprehendi que, apezar do leve estudo que antecede *A Capital*, era necessario dizer algumas palavras, não só sobre os manuscriptos do *Conde d'Abranhos* e da *Catastrophe*, mas ainda sobre as razões que hoje tornam legitima a sua divulgação.

Desejo assim deixar aqui expressos, bem claramente, os motivos d'ordem litteraria — e tambem d'ordem moral — que me levaram a promover a publicação d'estas duas obras, inacabadas quanto á forma e, sobretudo, embryonarias quanto á composição.

A serie d'obras que estamos agora publicando, são, como é sabido, simples primeiras fórmas. Ao presente volume, mais propriamente, poderiamos chamar um rascunho. Com effeito, tanto *O Conde d'Abranhos* como *A Catastrophe*, são apenas dous massos de folhas soltas, totalmente escriptas a lapis, n'uma inspiração ver-

tiginosa, sem um plano, quasi sem uma emenda, nem uma correcção.

Não é portanto sufficiente a habitual affirmação, de que este trabalho «não foi revisto pelo auctor.» É necessario dizer-se, mais explicitamente, que este trabalho «foi apenas esboçado pelo auctor.» Rascunho, esboço, apontamento a lapis, são effectivamente os termos que nos suggere desde logo a vista dos manuscriptos do *Conde d'Abranhos* e da *Catastrophe* : o lapis, por vezes um pouco safado, torna a lettra d'uma decifração extremamente difficil ; palavras incompletas parecem abreviaturas ; outras, apenas indicadas, foram mais adivinhadas do que lidas ; e o papel, todo aproveitado, sem aquella larga margem branca, que meu Pae costumava deixar nos seus manuscriptos, para as emendas futuras. dá bem a impressão d'apontamento rapido, de coisa provisoria, incompleta, de rascunho.

Mas esta circumstancia, a meu vêr, só torna mais interessante a publicação dos dous ineditos: temos, assim, uma visão inesperada da espontaneidade, da limpidez, com que realmente escrevia o artista que em Portugal mais emendou, mais corrigiu, mais trabalhou, mais limou, mais burilou o seu estylo.

Não é este comtudo o unico interesse do presente volume, nem é sómente a titulo de curiosidade litteraria que resolvi a sua publicação : o livro tem o

seu valor proprio e a originalidade do assumpto, creio, compensa-nos largamente das deficiencias da fórma. Assim encontra o publico na sua leitura, o largo riso e a emoção grave, que eu encontrei, quando, pela primeira vez, decifrei os dous manuscriptos do *Conde d'Abranhos* e da *Catastrophe*.

Foi logo depois d'essa primeira leitura que me acudiu a idéa de juntar n'um mesmo volume a novella humoristica e o conto tragico. Ambos escriptos a lapis, a primeira, n'um momento de bom humor, o outro, n'uma hora d'inspiração prophetica, ambos presumivelmente da mesma epocha, ambos, sobretudo, versando assumptos que se prendem com a nossa politica nacional, tudo parecia destinal-os a affrontarem juntos a luz da publicidade.

Os seus destinos, comtudo, tinham sido até aqui bem diversos. Emquanto *A Catastrophe* dormia, no esquecimento d'um fundo de gaveta, esperando a sua hora, *O Conde d'Abranhos* — esse extraordinario Abranhos, que, no seu horror ao mar e aos navios, nunca visitara a Inglaterra «por ser infelizmente uma ilha» — devia, por uma suprema ironia do destino, ir aportar ao Rio de Janeiro e atravessar duas vezes o oceano, antes de encontrar o seu logar natural e definitivo nas paginas impressas do presente volume.

Com effeito *O Conde d'Abranhos*, como já tive occasião de dizer, escripto em 79, na pequena cidade fran-

ceza de Dinan, logo posto de parte no mez seguinte, perdera-se de vista durante um largo periodo de quarenta e cinco annos, até que, em 1924, é descoberto inesperadamente no Rio de Janeiro, entre os papeis de Ramalho Ortigão, pelo filho do grande escriptor, o Snr. José Vasco Ramalho Ortigão, a quem devo a amabilidade de me ter remettido o manuscripto para Portugal, ao saber que eu estava organizando a publicação dos ultimos ineditos de meu Pae.

Julguei interessante estampar aqui um *fac-simile* da carta em que meu Pae faz a Ernesto Chardron a apresentação e resumo do seu novo livro. Esta carta, porém, traz um erro de data inexplicavel: Junho 78 — quando na realidade foi escripta em 79. Ella é, com effeito, necessariamente posterior a outra—de 8 de Junho 79, já citada na introducção da *Capital*, e na qual, pela primeira vez, é annunciado e offerecido ao editor o manuscripto do *Conde d'Abranhos*. Eis a carta:

Dinan
(côtes du Nord)
Poste restante.
23 Juin. 78.

Cher ami, mes bien amis.

Ma présence de ces
derniers jours a fait naître
quelques explications entre
vous et mon cher Père.
— Pour ces malentendus
puissent, à jamais être
dissipés, je vous supplie
de vous souvenir et
reclamer mes conseils;
et je vous dis que ce jour
devienne aujourd'hui, ainsi à
ma Bretagne. Ô Père

nil tenta-re.

O Conde d'Abranhos

Apontamentos biographicos e reminiscencias ultimos

por

L. Zagalho

em certas particulas.

Como vê é uma biographia e biographias d'um individuo insignificante, exemplo por um respeito mui atgisante.

O Conde d'Abranhos é um estadista, orador ministro, presidente de Conselho etc, etc — que sob este ponto de vista grandissimo é um Gambetta, um Bismarck e um

busto. O fim de Leon Bloy
é - alem d'uma critica de
nossos costumes publicos -
a expressão dos pequenos
entusiasmos, mantenimentos e
injurias que se occultam
sob um homem ou um
par inteiro proclamem
grandes. O Zagalla secu
lar, é tão tão só um
clinistes: e o juizo final
de Bloy é que quando
for a apotheose de seu
amor e perfeição, o visto
Zagalla, apresente-se, se
em cruz realisada, a mulher

de de personnages. Alors par
se avalia cette elements
comiques - ( mécanisme
comp.).
Rend. une biographie.
Mais il emploie constamment
une périphrase: par ex.
Cand. d'éthanol, comme
femmes, tem papier, cuve,
à cyanure, balle - et ses
cheveux, abrasive épisodes
protéger en traumatisme etc
etc. De telle sorte que
le livre est véritablement
une perpétuelle romance,
apprentissage, où une
fusion sens, une, crée nou-

tem precedente em letra
salina.

Tal é o livro.

Em geral a condição
é pouco - dep. em a em.
proporção.

Alta pouca com. dos
dições suplementares - uma
edição rica - com papel
superior, e capa.

O livro tem talvez, 15 ou
18 capas - mas com
o dispêndio de um mínimo
razoável, pode-se obter
com cada 200 ou 250 pa-
gina.

Logo um corpo alegre

Impossível mandar-lhe todo — e não se esqueça a impressão com que V.S. leitor o manuscripto completo nas suas mãos.

As provas devem ser corrigidas em tres partes. — e de cada parte uma duplicada.

Deixa-me ir resolvido a compromisso sobre o Capital em melhor papel: prefiro em lhe mandar as folhas em aqui lêr-las, emen-

Dadas alguns erros que
se introduzirão na primeira
impressão.

Deos-lhe saude e ma-
nos pra ado amado

D. S. Ls
Am. Sigr. e aff.mo

L. de Camões

Este *Conde d'Abranhos*, como disse, não é propriamente um livro : é antes o esboço d'um livro — esboço quanto á forma, mas sobretudo quanto á composição. Presente-se logo, ao lêl-o, tudo quanto n'elle seria mais tarde modificado, refundido, quando não eliminado, e que os caracteres, passando pelo crivo apertadissimo da revisão do auctor, tomariam um aspecto mais equilibrado, mais moderado, perdendo o que possam ter de excessivo no ridiculo ou exagerado na perversidade. Eu mostrei na *introducção* da *Capital* o processo de aperfeiçoamento progressivo, de adoçamento, de equilibrio por que passavam geralmente os manuscriptos de meu Pae : esse trabalho d'apuramento faltou totalmente ao *Conde d'Abranhos*. O auctor quiz fazer uma *charge:* sómente, deixando-nos apenas o primeiro jacto da sua obra, legou-nos uma caricatura. É portanto como uma caricatura que a novella deve ser tomada — e criticada.

Eu creio ter sido por estas considerações que, tendo o original em seu poder, Ramalho Ortigão nunca o deu á publicidade — e nem sequer o mencionou. Ramalho viveu n'esses tempos felizes, em que a vida era facil, simples, sem choques violentos, em que a honorabilidade era uma virtude corrente, e os homens, nem muito bons, nem muito maus, viviam em paz, sem ambições desmedidas, dentro dos limites d'uma estimavel mediania moral. O *Conde d'Abranhos*, então,

com o seu excesso critico, o seu exagero caricatural, teria destoado: o personagem constituiria uma excepção, uma anomalia — ia dizer uma monstruosidade.

Hoje, porém, os tempos mudaram, e a leitura do *Conde d'Abranhos* suggere-nos esta observação paradoxal: com o passar dos annos — o livro ganhou actualidade! Os tempos e os homens parecem querer encarregar-se de transformar em realidade flagrante o que não passava de exagero burlesco. Com a decadencia dos nossos costumes politicos, com o abaixamento do nivel moral e intellectual dos nossos homens publicos, o *Conde d'Abranhos*, d'anno para anno, vae tomando fóros de exactidão psychologica: a caricatura toma o valor d'uma photographia, a *charge* transforma-se n'um retrato fiel. O personagem, afinal, não é tão excessivo como podia parecer na epocha em que o livro foi escripto: hoje, sabemos que existe, em carne e osso, tal como meu Pae o traçou. Sómente, pela terceira vez, mudou de partido!

Assim, tendo desapparecido a desproporção entre o personagem e a realidade — ou antes, tendo a realidade descido até ao nivel do personagem — cessam as razões d'ordem artistica ou moral que se possam ter opposto, n'outros tempos, á sua publicação: assim se tornou legitima, quasi meritoria, a apresentação ao publico do curiosissimo manuscripto.

Mais uma vez, vemos a vida exceder a imaginação,

a realidade ir ao encontro da phantasia, e constatamos esse intenso poder de visão de meu Pae, que, mesmo quando se deixava levar pela imaginação ou embalar pela phantasia, conseguia ainda pintar a vida como ella é, na sua dura, exacta e lamentavel realidade.

Quanto à *Catastrophe*, é esse pequeno conto de vinte paginas de que fallei na *introducção* da *Capital*, primeiro pensamento d'um romance estranho que devia ter por titulo *A Batalha do Caia*, e do qual, infelizmente, não existem outros vestigios além do plano inicial do livro. O conto é pouco mais do que esse plano inicial amplificado : é a preparação do romance — como aquelle outro conto, *A Civilisação*, era já uma primeira fórma da *Cidade e as Serras*. Encontrei, espalhadas entre a massa dos restantes manuscriptos, essas vinte folhas soltas, escriptas a lapis, que conteem a sumula d'um romance inteiro, toda a tragedia d'uma raça, e, no fim, consoladoramente, uma previsão de resurgimento nacional.

Assim, *O Conde d'Abranhos* e *A Catastrophe*, a novella e o conto, tendo trilhado caminhos tão diversos, vindo de pontos tão distantes, encontram-se hoje de novo, reunidos no mesmo volume, sob a mesma capa nova, como de certo um dia o estiveram no espirito do seu auctor.

Julgo não errar muito attribuindo estes dois trabalhos a um mesmo pensamento. É certo que meu Pae nunca foi o que se chama vulgarmente «um politico.» A actividade vã dos profissionaes da politica, a lucta febril e esteril dos partidos, nunca lhe provocaram senão o espanto um pouco risonho, de quem não toma bem a serio todas essas grandes affirmações palavrosas, que foram o fragil alicerce do pensamento politico do seculo XIX.

Que não julgava, porém, de todo inoffensivas essa actividade vã e essas luctas incomprehensiveis, prova-o a cruel ironia que transparece sob a fórma humoristica do *Conde d'Abranhos*. Mas prova-o, sobretudo, o tom mais grave da *Catastrophe*

De facto, as duas obras completam-se, ou antes, o conto completa a novella. Os Abranhos tinham preparado aquella atmosphera d'inercia collectiva, d'incapacidade d'esforço espontaneo, em que o paiz, tendo abdicado toda a iniciativa nas mãos dos governos, vivendo apenas da vida esterilisadora das secretarias, estava condemnado a acceitar passivamente todas as crises, todas as convulsões, todas as catastrophes. *A Catastrophe* apresenta-se-nos assim como a continuação natural do *Conde d'Abranhos*, como a sua consequencia logica, e quasi poderiamos suppôr que é ainda o mesmo Zagallo, aterrado pelo espectaculo das nossas desgraças, quem nos descreve a catastrophe miseravel,

e, finalmente, nos aponta com dedo prophetico um futuro melhor, n'uma patria lentamente resgatada pela fé tradicionalista da «geração que se prepara!»

Granja, 1925.

*José Maria d'Eça de Queiroz.*

## Á EX.ma SNR.a CONDESSA D'ABRANHOS

---

Minha Senhora:

Tive, durante quinze annos, a honra tão invejada de ser o secretario particular de seu Ex.mo Marido, Alipio Severo Abranhos, Conde d'Abranhos, e consumo-me, desde o dia da sua morte, no desejo de glorificar a memoria d'este varão eminente, Orador, Publicista, Estadista, Legislador e Philosopho.

V. Ex.a, Snr.a Condessa, ergue-lhe n'este momento, no cemiterio dos Prazeres, um mausoléo commemorativo, onde o cinzel do esculptor Craveiro faz reviver a nobre figura do Conde.

Respeitosamente me arrojo, Snr.a Condessa, a imitar o piedoso acto de V. Ex.a, e n'este livro — como o artista esculpiu no

marmore o seu envolucro physico — eu pretendo reconstituir o seu ser moral. A estatua é assim completada pela biographia: na pedra, as gerações contemporaneas poderão contemplar a grandeza da sua attitude e a expressão do seu rosto; no livro, admirar-lhe-hão a elevação do espirito e a rectidão da alma.

E quem melhor do que eu poderia tornar conhecido este portuguez historico — eu, a quem elle fez a confidencia das suas crenças, da sua philosophia tão profundamente religiosa, da sua alta ambição, do seu puro amor da Patria, da sua vasta sciencia politica? Eu, que tenho presente a sua correspondencia, — cuidadosamente archivada no copiador — os seus manuscriptos, os rascunhos dos seus discursos, n'aquella letra larga e ampla que apresentava similitude com a sua alma; eu, que tive o piedoso cuidado, durante quinze annos, de recolher as menores palavras que sahiam dos seus labios — ai! que a anemia ia adelgaçando tão cruel-

mente — e, apenas entrava no meu quarto andar da rua do Carvalho, — ninho domestico que a sua generosidade me permittiu adquirir — escrevia as conversas que, á hora do chá, ou mais tarde no seu escriptorio, m'enlevavam d'admiração.

Eu fui a testemunha da sua vida. Outros o viram em S. Bento, nas Secretarias, no Paço, no Gremio, — mas só eu o vi, perdoe-me V. Ex.ª, Snr.ª Condessa, a familiar expressão — em chinelos e de *robe-de-chambre*.

Todos conhecem o grande homem. Eu, conheço o homem. Eu — e V. Ex.ª, de quem elle me dizia, pouco antes de morrer, no momento em que lhe dava a colher de bromureto de potassio : — « Zagallo amigo, ao fim da experiencia de oito annos de casamento, a Lulu (porque nos momentos d'expansão commigo, era este o nome que elle lhe dava, Snr.ª Condessa — pois que, ordinariamente, aos inferiores dizia, a Condessa, e aos seus eguaes, a D. Catharina) a Lulu, amigo Zagallo, tem sido mais que uma esposa, tem

sido *um balsamo.*» Referia-se o illustre marido de V. Ex.ª ás circumstancias dolorosas do seu primeiro casamento, a que elle se costumava referir, chamando-lhe *uma chaga.*

Taes são os motivos, Snr.ª Condessa — o desejo de lhe erguer um monumento espiritual e o meu conhecimento intimo da sua vida — que me levam, depois de demorada reflexão, a escrever esta biographia do Conde d'Abranhos.

Eu conheço — ainda que as minhas tentativas litterarias têm recebido do paiz um acolhimento remunerador — que me escasseiam as qualidades d'Estylo e de Critica, para escrever a historia complexa d'este grande homem: seria necessario, para bem o pintar, um Plutarco, ou, nos tempos mais modernos, um Victor Cousin (que elle tanto admirava), ou ainda, contemporaneamente, um Herculano, um Rebello, um Castilho — um d'esses astros que se destacam no céu da nossa Patria, com uma luz de serenidade eterna. Eu sei, além d'isso, não serem neces-

sarias apotheoses biographicas para que o paiz reconheça o homem que perdeu no Conde d'Abranhos. A dôr de toda a Lisboa devia ser bem grata á sua alma. Sim, Snr.ª Condessa, devia ser bem grato ao seu espirito immortal, já arrebatado á serenidade dos eleitos, vêr, cá em baixo, n'esta Capital que elle amava, n'estas ruas que elle tão bem conhecia, a imponente cerimonia do seu prestito funebre: o camarista que representava S. M. El-Rei; o presidente do conselho que, apezar da firmeza da sua vontade de ferro, não podia conter as lagrimas que lhe humedeciam as palpebras; a deputação dos meninos do Asylo de S. Christovam, por quem elle tomava um interesse tão delicado e a quem chamava, com aquella graça que nas horas felizes era o encanto da sua conversa, — *os meus pintainhos;* a deputação das duas casas do Parlamento, levando á frente o orador da maioria, o poeta maravilhoso dos *Sonhos e Enleios*, que me disse estas palavras memoraveis que ficarão na Historia: —

« *Vimos em nome da Viuva . . .* » — E como eu lhe perguntava, admirado : — « *Em nome da Snr.ª Condessa ?* » — « *Não* — respondeu o poeta — *em nome da Tribuna, viuva do Genio !* » — E emfim, fechando o prestito, vinte carruagens particulares, vinte e cinco da companhia e algumas de praça — entre as quaes notei com admiração alguns operarios da Sociedade *Probidade Christã*, que elle tanto ajudara a formar, e que vinham pagar um tributo derradeiro ao homem que, mais que nenhum em Portugal, amou, protegeu e educou o operario ! Alli vinham, quatro n'uma tipoia, nos seus casacos dos domingos, as lagrimas nos olhos, a fé no peito, levar com saudade á sepultura aquelle que um dia exclamara na Camara dos Deputados (sessão de 15 de Agosto, *Diario do Governo* n.º 2758) : — « *Não podemos dar ao operario o pão na terra, mas obrigando-o a cultivar a fé, preparamos-lhe no céu banquetes de Luz e de Bemaventurança !* »

E quem negará ahi que não seja esta a

verdadeira maneira de promover a felicidade das classes trabalhadoras ?

Mas não foram estas as unicas demonstrações de luto social. A imprensa — a que elle se orgulhava de pertencer, e a que chamava, com tanta elevação, o « *porta-voz do progresso* » — dedicou-lhe paginas que, pela unanimidade do sentimento, e até, se me é permittido descer a estes detalhes, o typo grande dos artigos, entre tarjas negras, lembravam os funeraes d'um Rei.

As musas mesmo o choraram, e quem esquecerá essa joia da poesia portugueza, que dedicou á sua morte o nosso grande lyrico, o auctor melodioso dos *Canticos e Suspiros?* Ah ! Snr.ª Condessa, recitemos ambos, na nossa dôr commum, esta estrophe, digna dos Hugos, dos Passos e dos Leaes :

Teu corpo desce á terra escura e fria . . .
Terra de Portugal. Treva sombria
Te cobre e te devora !
Mas não perecerá teu genio altivo,
E surges para a Historia redivivo
Como da Noite a Aurora . . .

A musica mesmo (para que todas as Artes se reunissem no côro de prantos) lá lhe vai dar o seu tributo, n'essa inspirada composição — *A Civilisação* — valsa dedicada á memoria do illustre Conde d'Abranhos, pelo padre Abilio Figueira!

Era tempo pois, Snr.ª Condessa, que eu, que n'essa grande explosão de dôr me conservei taciturno e retrahido (devendo dizer-se que o severo ataque de figado que então me prostrou, resultante das longas noites de vigilia á cabeceira do grande enfermo, me forçou a um silencio involuntario) — venha emfim depôr sobre o seu tumulo esta memoria humilde.

A Elle, Snr.ª Condessa, devo tudo. O pão do corpo e o pão da alma me deu elle com generosidade larga e fidalga. Nunca o esquecerei. Por vezes, quando me via (sobretudo depois da bronchite de que padeci no inverno de 1870) um pouco pallido ou debilitado, elle proprio ia ao armario do seu escriptorio e por sua mão me servia d'um, ás vezes dous

calices de vinho do Porto de 1815. Nos dias em que tinha gente a jantar, nunca se esquecia de mandar guardar alguma sobremesa para eu levar a meus filhos, que lhe devem, além d'esta lembrança mimosa, a educação solida e christã de que gozam e que os habilitará, espero, a entrar um dia, com justo merito, nas Repartições do Estado.

Mas, Snr.ª Condessa — e sou feliz em o poder dizer bem alto — o que acima de tudo devo ao Conde d'Abranhos, é ter-me elle refeito um ser moral. Eu, que na mocidade, sob a influencia perniciosa de leituras inconvenientes e de camaradagens futeis, partilhava as idéas que a sociedade condemna, fui transformado pelo seu exemplo, pelos seus conselhos, pela sua eloquencia e pela sua protecção. Sim, Snr.ª Condessa, seu illustre marido encontrou-me pobre, e portanto repastando-me de leituras perniciosamente democraticas, e acompanhando com moços de talento, é certo, mas inteiramente devorados pelos estragos de uma philosophia materia-

lista e d'uma sociologia anarchica; empregando-me como seu secretario particular, com um ordenado sufficiente ás necessidades de minha familia (eu casara então com a minha angelica Magdalena) o Conde d'Abranhos deu-me os meios materiaes de me tornar um conservador convicto, um defensor fervoroso das instituições, um amigo da ordem. Pondo-me ao abrigo da pobreza, digo-o bem alto, pôz-me ao abrigo da depravação intellectual, moral e social.

E de V. Ex.ª, Snr.ª Condessa, que direi, que o não tenham dito na terra os pobres de que V. Ex.ª cura os males e afasta a necessidade, e no céu, os anjos de quem V. Ex.ª é seguramente predilecta — e de certo futura companheira? Permitta-me pois, Snr.ª Condessa, que ponha aos pés de V. Ex.ª este trabalho, no qual consignei a primeira phase da carreira admiravel do Conde d'Abranhos, essa ascensão vertiginosa ás culminancias do poder, de modesto filho de Penafiel a ministro illustre, e onde deixei o que na minha

alma existe de melhor, de mais nobre, de mais duradouro — a minha respeitosa admiração pela grande figura do Conde d'Abranhos.

Sou de V. Ex.ª

o mais humilde creado
*Z. Z.*

Ex-secretario do Ex.mo Snr. Conde d'Abranhos,
socio honorario
do Gremio Recreativo do Rio Grande do Sul.

108 — Rua do Carvalho.
Lisboa — 1.º de Janeiro de 1879.

# O CONDE D'ABRANHOS

Alipio Severo Abranhos nasceu no anno de 1826, em Penafiel, no dia de Natal.

A Providencia, por um symbolo subtil e engenhoso, fez nascer no dia sagrado em que nasceu Jesus de Nazareth, aquelle que em Portugal devia ser o mais forte pilar e o procurador mais eloquente da Egreja, dos seus interesses e do seu reino.

Muitas vezes o Conde se comprazia em contar que, n'essa noite de 24 de Dezembro de 1826, inverno que ficou na historia pelas grandes neves que cahiram, seus paes — segundo a tradição venerada na familia — tinham armado um presepio, como era costume n'esses tempos em que a boa fé portugueza amava

a piedosa devoção dos altares intimos. Ao centro do presepio, florido de muita verdura, entre os animaes da narração evangelica, o Menino Jesus sorria, nos braços d'uma Virgem, obra delicadamente trabalhada por Antão Serrano, o grande santeiro d'Amarante. Em torno, ardiam as velas de cera; na cozinha, cantavam nas frigideiras os rojões da ceia; o lume de lenha humida estalava jovialmente, e fóra, na neve que cahia, os sinos repicavam para a missa do Gallo — quando a mãe do Conde, subitamente

Sentiu o tenro ser . . .

como diz o nosso grande lyrico no seu poema, *A Mãe*.

O parto foi singularmente feliz, e, alludindo a esta circumstancia, o Conde muitas vezes me dizia, que, segundo o seu velho amigo Dr. Flores, a facilidade em nascer era o indicio mysterioso d'um destino facil e de imprevistas fortunas. Todos os homens providenciaes — Napoleão I, o nosso Santo Papa Pio IX, o grande estadista Fonseca Magalhães, nasceram — como dizia o Conde com chiste — «com uma perna ás costas!» A fortuna

começa-lhes no ventre maternal: a porta da vida abre-se-lhes a dous batentes, mostrando-lhes uma sequencia d'epocas gloriosas, como salões festivos. Outros têm de arrombar com dôr essa mesma porta, sahindo para um destino escuro como uma estrada d'inverno. Providenciaes antitheses da Sorte!

E o parto da mãe do Conde foi tão feliz, que, meia hora depois das primeiras dôres, o pequeno Alipio foi trazido triumphantemente para a sala. A comadre sentara-se casualmente deante do presepio, e os dous meninos — o que havia de ser um homem, e o que fôra um Deus — sorriam-se á claridade das velas festivas do Natal, ambos nuzinhos, ambos ao collo, emquanto de fóra, lançados vivamente, vinham os repiques do sino, atravez dos flocos de neve!

Tocante quadro; e poucos conheço — se attendermos á gloria do Conde d'Abranhos — que mais mereçam ser lançados na tela ou esculpidos no marmore.

Os paes do Conde, é geralmente sabido, eram pobres. Mas a origem da sua familia não só não é plebeia — como affectavam suppôr os seus adversarios d'idéas — mas, bem estudada, revela uma origem tão nobre

como as das melhores casas do norte de Portugal.

Os Abranhos são originarios d'Amarante e alliados pelas mulheres á illustre casa de Noronha. Em 1758, D. Jacintha Anna de Sobral Vieira Alcoforado e Noronha, viuva do capitão-mór Telles Azurara, senhora já avançada em annos, mas ainda de aspecto imponente, casara com Manoel Abranhos, que, pelas suas fórmas athleticas e belleza viril, era chamado o *Apollo d'Amarante*. Manoel Abranhos não era de certo um fidalgo, mas é inteiramente inexacto o dizer-se, como se imprimiu na *Revolução de Setembro*, então na opposição, que era um carniceiro: estas insinuações perfidas deshonram as grandes luctas intellectuaes da politica!

D. Jacintha Anna concebera por elle uma d'essas paixões, como aquellas que a poesia tem celebrado, e, apezar da renitencia dos parentes — que faz lembrar a dos Capuletos, pae e irmão da doce Julieta (tanto as familias historicas se assemelham nos grandes sentimentos que as agitam) — D. Jacintha apoderou-se do bello Abranhos, e o casamento foi celebrado (recordo-o a titulo de curiosidade historica) pelo padre Vicente Tardinho,

reitor de Varzelhe, que depois tanto se celebrisou n'um processo retumbante. Já então, digamol-o de passagem, sob a influencia d'essa vaga aragem revolucionaria que soprava de França, tinha principiado esta longa perseguição ao clero, que um dia devia tomar proporções que de certo modo lembram as perseguições de Deocleciano.

O casamento, escrevo-o com dôr, não foi feliz. Não possuo os documentos necessarios para decidir a quem pertence a responsabilidade das desintelligencias crescentes, mas é certo que o bello Apollo que, como dizia com um chiste adoravel o Conde, «frequentava muito o seu collega Baccho», espancava tão imprevistamente D. Jacintha, que obrigou muita vez esta dama a refugiar-se em casa dos seus parentes, levando apenas sobre as suas fórmas, que tinham conservado uma grande magestade aristocratica, um saiote de flanella! Apezar, porém, d'estas violencias, a paixão de D. Jacintha, que eu respeitosamente comparo á mulher de Putiphar ou ás Phedras da lenda antiga, trazia-a de novo, submissa e amorosa, á casa commum e ao leito conjugal, até que um dia, (e aqui textualmente copio uma carta, existente no

archivo da familia e escripta por Segismundo de Noronha, irmão da dama espancada): «... a sova foi tão forte, que vimos a mana Jacintha entrar-nos pelo portão da casa em camisa e tendo nos hombros nodoas tão rôxas e dilatadas, que o padre Simões, o nosso bom capellão, as comparou, com o devido respeito, ás nodoas rôxas nos hombros do Redemptor depois de 12 horas de Via Dolorosa.»

A familia Noronha exigiu uma reparação. D. Jacintha veio viver com seus irmãos, e cinco mezes depois deu á luz um menino que, por se julgar que não sobreviveria, foi á pressa baptizado pelo capellão Simões, com o nome poetico de Florido. Sobreviveu, porém, felizmente. E aqui encontro um facto que, por respeito ás duas familias Abranhos e Noronhas, não cerco de commentarios; é elle egualmente justificavel e condemnavel. Biographos irreverentes e temerarios poderiam talvez emittir uma opinião nitida, cortante, definitiva: eu abstenho-me, e assim deve fazer todo o historiador honesto, sempre que se trate de factos em que duas familias, ambas illustres, ambas historicas, tenham um conflicto d'interesses: a ordem social repousa n'estas respeitosas reticencias.

O facto é este na sua nudez historica: o menino Floridozinho foi lançado á roda.

Um irmão, porém — e aqui dou amplamente sahida ao meu desejo de glorificar os Abranhos — um irmão, porém, d'Apollo (que Apollo a esse tempo desapparecera d'Amarante) reclamou Florido, adoptou-o, educou-o, e foi recompensado d'esta nobre dedicação, porque Florido Abranhos foi um espelho de virtudes e uma flôr d'honradez. É talvez aqui a occasião de destruir outro erro que tende a introduzir-se na Historia: o irmão d'Apollo, tio de Florido, sem estar de certo n'uma alta situação social, não era todavia, como perfidamente insinuou em tempos a *Gazeta de Portugal*, um padeiro. Como dizia o Conde com grande elevação moral, estas pesquizas miudas, mesquinhas, na intimidade familiar d'um homem d'Estado, são singularmente odiosas.

Florido, que pelo lado materno era um Noronha, casou em Penafiel, e a sua vida teve a tranquillidade limpida d'um bello rio d'aguas claras que corre entre margens de serenidade idyllica. Viveu, amou, trabalhou...

Et sa vieillesse fut comme le soir d'un beau jour...

Teve dous filhos — uma menina que herdou a belleza de seu avô Apollo, e um rapaz que foi Antonio Abranhos, o pae feliz que na noite de Natal de 1826, deante da pompa do Menino Jesus no seu presepio illuminado, apertou nos braços o seu filho unico — Alipio Severo de Noronha Abranhos, futuro Conde d'Abranhos.

O Conde portanto é da familia dos Noronhas — e dos Noronhas que direi que o não saiba a Patria ? O seu nome está na Historia pelos altos feitos e na Legenda pelos poeticos amores.

Não vos lembraes da nobre canção :

Aldina na alta torre
Alta torre d'Algesiras,
Chora de noite e de dia
Que condemnou-a seu pae
A não ter mais alegria...
Levae-lhe os prantos, oh ! rios,
Nuvens, levae-lhe os suspiros... (1)

(1) *Lenda dos Cavalleiros*, por Savedra Botto. Este formoso livro, sobre cujas paginas nossas mães suspiraram e scismaram d'amor, já revela as altas qua-

Aldina é uma Noronha. Da torre d'Algesiras restam vestigios — todo um lanço de alvenaria, evidentemente do seculo XIII, descoberto ultimamente pelo nosso distincto archeologo Macedo Garção, que offereceu á familia Noronha uma formosa photographia da ruina.

Outra Noronha foi de grande belleza e illustrou o seu nome e o da sua raça, partilhando o leito do nosso Rei D. Affonso V.

D. Violante de Noronha, de uma belleza classica que lhe mereceu o nome de Juno (n'esta familia, a belleza das mulheres eguala a bravura dos homens) recebeu o mesmo alto favor do nosso senhor Rei D. Pedro II.

Dos varões d'esta casa citarei Fernando de Noronha, tão cioso da sua raça que um dia, entrando no momento em que um creado repellia com força seu filho Affonso que n'um innocente brinquedo lhe arrepellava os cabellos, mandou decepar a mão direita ao lacaio.

Estes actos inspiravam um terror salutar

---

lidades d'este faiscante genio que mais tarde devia ser o illustre reformador da nossa legislação administrativa.

e ainda que nos nossos tempos mais doces poderiam ser desapprovados e o jury de certo mandaria o seu auctor para a costa d'Africa, eram todavia necessarios n'essa epoca gloriosa da monarchia, para manter as classes nos justos limites indicados pela Providencia.

Citarei tambem Camillo de Noronha, que, já n'este seculo, foi notavel como toureiro e varredor de feiras. A sua destreza no jogo do pau era tal, que chegava a um arraial, apeava e destroçava a multidão, atirando homens por terra como uma creança que derrota um regimento de soldadinhos de chumbo. Contam-se d'elle deliciosas anecdotas. Na Covilhã, por exemplo, tinha um cavallo adestrado que escouceava mal o alegre Camillo de Noronha assobiava. Costumava aproximal-o de fidalgos e senhoras (mas sobretudo de plebeus)... Um assobio rapido, um couce imprevisto, e o individuo ou a dama eram levados em braços, no meio da hilaridade que entre os seus amigos causavam sempre taes façanhas. Sem inteiramente approvar estas distracções violentas, não se póde todavia deixar de reconhecer que ha em taes actos uma plenitude de seiva, de vida animal e de força que agrada em jovens fidalgos.

Estas migalhas d'Historia, apanhadas ao acaso, pintam a traços largos a feição d'esta familia illustre. Os Noronhas usam sobre campo de prata tres castellos d'oiro e este mote: *In Christo spes mea* (em Christo a minha esperança) sublime divisa, a melhor, a mais nobre. E foi esta a divisa do Conde d'Abranhos, até que, por decreto do 1.º de Janeiro de 1860, S. M. lhe concedeu o titulo de Conde. Tomou então este outro mote: *Ex corde pro rege* (do coração pelo Rei!) Estas palavras, partindo d'um homem que não era um cortezão e até então não mostrara especial dedicação pelo Monarcha, parecem-me exemplo alto e resplandecente de reconhecimento, n'este seculo de ingratidões endurecidas e lealdades frouxas.

Foi sempre para mim um motivo d'assombro que durante a sua infancia, Alipio Abranhos não tivesse — como Napoleão, Chateaubriand ou Lord Byron — revelado a sua futura elevação d'espirito e de caracter por alguma d'essas extranhas precocidades que são como as faiscas inesperadas que sahem d'um fogo ainda incubado. Os seus primeiros annos são sem relevo e inteiramente incaracteristicos. Elle mesmo o reconhecia com

modestia, quando dizia, sorrindo: « — Como toda a gente, apanhei ninhos e fiz papagaios de papel . . . »

É certo que o meio em que se passou a sua mocidade não offerecia occasião a que se revelassem os seus gostos innatos e se accentuassem as suas tendencias. Estou bem certo que se tivesse sido educado n'uma d'essas velhas casas morgadas, onde gerações letradas formavam ricas e sabias bibliothecas, veriamos o pequeno Alipio deixar os ninhos e os papagaios, para se ir esconder n'algum recanto da silenciosa livraria, e alli, folhear os antigos romances de cavallaria, ou, o que era mais natural á feição nativa do seu espirito, lêr, comprehendendo-os mal, os philosophos do passado. É porém sabido que seu pae — e não creio offender a sua memoria revelando-o — tinha um pequeno e honesto estabelecimento d'alfaiate, e as unicas publicações que de certo alli se veriam entre os cortes de panno, seriam os volumes do antigo *Espelho da Moda*. Eu creio, porém, que esta falta de vida intellectual foi singularmente favoravel ao seu desenvolvimento physico. Não tendo livros que o prendessem em casa, Alipio passava os seus dias pelas

hortas e pelos quintaes, crescendo em plena natureza, crestado pelo sol, batido dos largos ares, e, como dizia um poeta antigo, mamando á farta nos peitos de Cybele.

Foi esta forte educação rural que lhe deu aquellas côres sadias, aquelle porte erecto, que destacavam com um tão edificante relevo entre os bustos anemicos e as faces amarelladas da raça lisboeta. É a esta primitiva communicação com a natureza que elle deveu o seu espirito recto e tão bem ponderado, amando em tudo a ordem, o equilibrio, a formosa disposição das hierarchias. *Mens sana in corpore sano:* que eu por mim tenho que as idéas falsas, anarchicas, são o resultado das organisações debilitadas. As cidades modernas, com as suas ruas mal arejadas, os seus quintos andares abafados, o seu rumor trovejante de fabricas e de vehiculos, a luz crua do gaz, a alimentação insalubre, formam estas gerações pallidas, nervosas, agitadas por um desejo hysterico de novidade, d'artificio, de desordem e de violencia. É esta a origem do espirito revolucionario. O homem que, pelo contrario, habita os campos, que respira o ar dos largos prados, repousa a vista na vasta linha do horizonte,

na serenidade silenciosa das aldeias, ganha, n'um corpo forte, um espirito calmo : odeia a agitação ; está naturalmente preparado para respeitar a Auctoridade, os Principios solidos, a Ordem, toda a ordenação harmonica e bella do Estado.

Tenho porém a certeza de que o Conde, com a sua grande modestia, não exprimia inteiramente a verdade quando attribuia aos ninhos e aos papagaios o privilegio de lhe absorverem todo o interesse ! Não ! Já então n'aquelle espirito de creança deviam passar idéas, ainda indefinidas mas fortemente marcadas d'originalidade : soltando aos ares os seus papagaios, é de crer que pensasse na eterna aspiração da alma para os cimos azulados da graça ; e, ao contemplar ovos de pintasilgo, fofamente dispostos no fundo d'um ninho muito quente e muito tenro, de certo lhe devia passar na alma a idéa eterna da instituição da familia. Um dia mesmo, ao contar-lhe estas supposições que me tinham atravessado o espirito :

— Qual historia ! — respondeu com bondade o Conde. — Isso são cousas da sua imaginação de poeta. Eu era um cavallão, aqui onde me vê ! . . . Não nego, porém, que desde

novo, fui inclinadote a agitar questões sociaes ! . . .

E quando eu vejo, hoje, moços sahidos das escolas, sem experiencia da vida, do Estado, da Administração, quererem reformar a Sociedade, como me parece admiravel a modestia d'este homem notavel, que classificava assim o seu grande genio philosophico : —*inclinadote a agitar questões sociaes ! . . .*

Assim, pois, crescia o joven Alipio Abranhos, quando — do que depende o destino dos homens e muitas vezes a sorte das nações ! — sua tia Amalia veio a Penafiel consultar um dentista americano, então famoso em todo o Norte.

Esta senhora providencial (em que reapparecia a singular belleza do Apollo d'Amarante) casara em nova com um proprietario rico de Amarante, e viuva, sem filhos, vivia em isolamento na sua Quinta dos Migueis.

Naturalmente, em Penafiel, a tia Amalia viu frequentemente seu sobrinho Alipio, e bem depressa a graça, a vivacidade, a esperteza do pequeno captivaram a tia, que, secretamente infeliz por não ter filhos, se vira até então obrigada a empregar o seu fundo d'affeição maternal nas aves domes-

ticas e nos diversos animaes da sua quinta. Alipio era como um filho inesperado que lhe apparecia « a meio do caminho da sua vida. » *(Dante).*

Não é hoje segredo para ninguem que o Conde d'Abranhos preparava um volume de *Memorias intimas*, quando o accommetteu a doença. É d'essas notas interrompidas, truncadas, que eu transcrevo o seguinte paragrapho, relativo a este periodo decisivo da sua carreira :

« Minha tia Amalia concebera o plano — « abençoado plano ! — de me levar para a « Quinta dos Migueis, e mandar-me dar uma « educação que me habilitasse a tomar na « sociedade a posição elevada que natural- « mente me pertencia pela minha bisavó pa- « terna : n'uma palavra, fazer de mim um « Noronha, digno dos Noronhas.

« Abriu-se a este respeito com meu pae, « que accedeu promptamente, deslumbrado « pela perspectiva de me vêr possuidor d'uma « educação que os seus meios de fortuna não « lhe permittiriam dar-me. A sua vontade, « porém, encontrou formidaveis escolhos nas « lagrimas da minha mãe. Separar-se do filho « que ella creara ao seu peito, parecia-lhe tão

« doloroso como uma amputação. Lembra-
« me vagamente de a vêr abraçada a mim,
« dizendo, banhada em rios de lagrimas: *Oh,*
« *Lipinho, que te querem levar! Ai, Lipinho*
« *que querem fazer de ti um doutor!*

« Mas meu pae, com o seu bom senso, mi-
« nha tia, com as suas promessas, venceram
« essa resistencia, egual á da leôa a que
« impudente caçador quer arrebatar os filhos,
« e n'uma manhã de Agosto — como recordo
« o opulento sol nascente, cravando o mundo
« das suas flechas d'ouro! — parti com minha
« tia Amalia para a pittoresca Quinta dos
« Migueis, onde me decorreram a infancia e a
« puberdade, primeiro nos infantis brinque-
« dos, mais tarde em uteis estudos. E nunca
« revisitei a Quinta dos Migueis, sem uma
« profunda saudade d'esses annos descuido-
« sos, e sem ir ao pequeno cemiterio, — onde
« minha tia Amalia repousa no seu bem tra-
« tado jazigo, cercada de floridos goivos —
« ajoelhar e murmurar uma reconhecida pre-
« ce, no silencio da tarde, pela alma simples
« que me abriu a sua bolsa e me habilitou
« a cursar as aulas da nossa sabia Univer-
« sidade. »

Pagina admiravel! — em que se nos re-

velam as qualidades eminentes do escriptor e a tocante bondade do homem! Que quadro aquelle em que o vemos, já illustre, já titular, já ministro, seguir o caminho estreito do cemiterio, por alguma tarde suave de outomno, pousar o joelho sobre a relva, descobrir-se, e rezar! Pagina admiravel, repito, repassada d'uma saudade grave, n'um colorido tão delicado de paisagem!

Na Quinta dos Migueis se passou a mocidade do Conde d'Abranhos. Alli estudou a grammatica e o latim, sob a direcção do abbade de Serzedello, velho de raras virtudes christãs. Alli passou as suas ferias de formatura.

Eu tive a honra de o acompanhar, quando o Conde foi tratar da sua eleição a Amarante, n'uma visita á Quinta dos Migueis. Do portão, uma rua plantada de loureiros conduz á casa d'habitação, baixa, solida, coberta d'um dos lados por uma formosa trepadeira, atulhada de rozinhas brancas. Um lance d'escadas de pedra, ornado de velhos vasos azues, leva ao salão, grande, pintado d'oca, com cortinas vermelhas e brancas, e nas paredes lithographias das batalhas de Napoleão. Tudo é simples, patriarchal e grave. O Conde mos-

trou-me o seu quarto e o rebordo da janella onde, em pequeno, pendurava gaiolas de grillos, com a sua folhinha verde d'alface. D'alli descobre-se a estrada, no traçado do antigo caminho, onde o Conde (segundo elle proprio me contou) via com inveja passar as liteiras que levavam a Braga e ao Porto os fidalgos das vizinhanças. Já então, um sentimento vago — presentimento do seu alto destino ou simples aspiração d'um espirito distincto para os centros letrados e intelligentes — o levava constantemente a desejar a existencia das grandes cidades.

Ao fundo da quinta foge um pequeno regato, muito claro, muito pausado, cujo rumor tem a tristeza das aguas mansas que correm entre hervas altas; as margens são cobertas de salgueiros; na primavera os rouxinoes enchem de ninhos aquelle logar assombrado e terno.

Como a noite que passei na quinta era muito calma, fomos, depois de jantar, passear junto ao *Ribeiral*, que é o nome d'aquelle canto de paisagem elegiaca, e nunca esquecerei a bella confidencia com que alli me honrou o Conde.

— V. Ex.ª — tinha eu observado — de-

via, muitas vezes, durante as ferias, vir passear aqui e sentir-se inspirado . . .

O Conde que por causa da frescura da noite se estava cuidadosamente agasalhando no seu *cache-nez*, parou e disse, com aquelle gesto grave que tanto impressionava a Camara :

— Não o conte em Lisboa, Zagallinho, mas uma noite, aqui, compuz versos ! . . .

Eu não me atrevia a pedir-lhe que m'os recitasse, mas, sem duvida, a claridade da lua no meu rosto revelou um desejo tão intenso de os ouvir, que o Conde, sempre bom, me tomou o braço e disse :

— Era uma noite d'appetite : eu andava aqui a passear, a pensar, fumando o meu charuto, — que a tia Amalia tinha horror ao fumo do tabaco — quando, de repente, a lua ergueu-se por detraz dos salgueiros e um rouxinol pôz-se a cantar . . . e sem saber como, fiz uma quadra. Não a repita ! . . . Lembra-me perfeitamente :

Deus existe ! Tudo o prova,
Tanto tu, altivo sol,
Como tu, raminho humilde
Onde canta o rouxinol !

Não pude conter um bravo, respeitoso mas sentido.

— O pensamento é bonito, mas não o diga em Lisboa, Zagallinho. Se os jornaes soubessem que fiz versos... Que gostinho para a opposição...

Eu exclamei, rindo:

— Que gostinho para a opposição, mas que gloria para o ministerio...

Elle accrescentou:

— Emfim, são rapaziadas. Todos nós, mais ou menos, em rapazes, fomos poetas e republicanos... Antes isso que andar a beberricar genebra pelos botequins e frequentar meretrizes... Mas quando se entra na verdadeira vida politica, é necessario pôr de lado esses sentimentos ternos...

Eu então citei com respeito alguns dos nossos homens d'estado, que foram, são ainda, poetas d'alta imaginação.

— Pois sim...— interrompeu o Conde.— Mas lá têm o seu logar marcado na formação do Ministerio... Um poeta não póde ser Ministro do Reino, mas póde muito bem ser Ministro da Marinha.

Grande verdade politica!

Quando entrámos, eu atrevi-me a pedir

a S. Ex.ª que escrevesse aquella formosa quadra no album de minha esposa, que trouxera commigo, esperando obter, no Porto e em Braga, autographos d'alguns poetas e prosadores das provincias do Norte.

O Conde tomou o album, sorrindo, e retirou-se para o seu aposento. Qual não foi, na manhã seguinte, a minha alegria, quando elle m'o restituiu, e li ao abrir a pagina:

« Deus existe, tudo o prova,
« Tanto tu, altivo sol,
« Com tu, raminho humilde
« Onde canta o rouxinol!

« *Estes versos, que eu escrevi quando me*
« *verdejavam n'alma as illusões da mocidade,*
« *poderia escrevel-os hoje que a experiencia da*
« *vida me tem demonstrado que fóra de Deus,*
« *não ha senão illusão e vaidade...*

« *Conde d'Abranhos.* »

Quando voltei a Lisboa e mostrei esta pagina preciosa á minha Magdalena — que surpreza, que arrebatamento! Fallamos até tarde, essa noite, da bondade do Conde e da vastidão do seu genio.

Se eu me detive n'este incidente intimo d'uma existencia historica, foi para mostrar que o Conde não era um homem destituido de sentimento poetico e d'imaginação idealista. N'aquelle cerebro todo occupado de legislação, de reformas, d'economia politica, de debates parlamentares, tinha havido um momento, na sua mocidade, em que florescera, como uma violeta isolada mas fresca, a flôr delicada do sentimentalismo. E quiz tambem provar que a poesia não é inteiramente uma arte subalterna e propria d'espiritos effeminados, pois que um homem de tão robusto genio pratico não desdenhou um dia, sob a influencia d'uma paisagem romantica, servir-se d'ella para exprimir um alto conceito philosophico. Estou certo de que os poetas contemporaneos, os Hugos epicos, os delicados Tennysons, os Campoamores d'humoristica melancolia, se orgulhariam d'este collega que eu lhes revelo, e que, se apenas uma vez feriu a lyra, fel-o com tal originalidade, vigor e elevação, que esse simples verso isolado sobe mais alto no céu da Arte do que muitas symphonias magestosas dos Mussets debochados ou dos Baudelaires hystericos:

Deus existe, tudo o prova,
Tanto tu, altivo sol,
Como tu, raminho humilde
Onde canta o rouxinol!

Não farei uma narração detalhada da mocidade estudiosa do Conde. Este estudo não é propriamente uma biographia em que deva seguir, anno a anno, a carreira intellectual do seu vasto espirito. São simples apontamentos, quadros destacados d'uma nobre carreira, que servirão para que um mais alto engenho (na phrase energica do Epico) reconstrua, com sufficiente relevo, esta soberba figura historica.

Desde os onze annos, pois, Alipio Abranhos viveu na companhia de sua tia Amalia, e a não ser nas ferias do segundo anno, em que a doença da mãe o chamou imperiosamente a Penafiel, não tornou a vêr seus paes.

Comprehender-se-ha facilmente que o joven Alipio, tendo penetrado n'um meio mais elevado, habituado no Porto, onde estudara parte dos preparatorios, e depois em Coimbra, ás convivencias eruditas, cultivadas, educadas, se achava extremamente deslocado na companhia pobre e illetrada de seu pae. Quando, durante annos, se tem vivido pela

imaginação com os heroes da Historia e do Romance, quando se tem o ouvido habituado á nobre linguagem dos Ciceros, dos Tito-Livios, quando se tem acostumado o espirito aos interesses da Sciencia, da Logica e da Metaphysica — não é facil supportar-se a conversação de pessoas que só se preoccupam com pequenos interesses locaes e «mexericos de villa pobre».

Depois das largas salas e dos vastos horizontes da Quinta dos Migueis, a pequena casa do pae, com o chão atravancado de retalhos de fazenda e o ar abafado do cheiro acre dos estrugidos, a pequena villa escura, onde os vizinhos vão de noite despejar as immundicies, causavam aos costumes fidalgos d'aquelle Noronha uma repulsa instinctiva.

Já então revelava o seu gosto pelo luxo, pelas largas habitações tapetadas, pelo serviço harmonico de lacaios disciplinados. A pobreza e os seus aspectos era-lhe odiosa. Quanta vez, mais tarde, quando elle subia o Chiado pelo meu braço, eu me vi forçado a afastar com dureza os pobres, que á porta do Baltreschi ou da casa Havaneza, vinham, sob o pretexto de filhos com fome ou de mem-

bros aleijados, reclamar esmola; o Conde, se os via de muito perto, «ficava todo o dia enjoado». Todavia a sua caridade é bem conhecida, e o Asylo de S. Christovam, a que em parte deveu o seu titulo, ahi está como um attestado glorioso da sua magnanimidade.

Além d'isso, elle reconhecia que a caridade era a melhor instituição do Estado. Quanto ao pauperismo, tinha-o como uma fatalidade social: fôssem quaes fôssem as reformas sociaes, dizia, haveria sempre pobres e ricos: a fortuna publica devia estar naturalmente toda nas mãos d'uma classe, da classe illustrada, educada, bem nascida. Só d'este modo se podem manter os estados, formar as grandes industrias, ter uma classe dirigente, forte por possuir o ouro e base da ordem social.

Isto fazia necessariamente que parte da população «tiritasse de frio e rabeasse de fome». Era certamente lamentavel, e elle, com o seu grande e vasto coração que palpitava a todo o soffrimento, lamentava-o. Mas a essa classe devia ser dada a esmola com methodo e discernimento: e ao Estado pertencia organizar a esmola. Porque o Conde

censurava muito a caridade privada, sentimental, toda de expontaneidade. A caridade devia ser disciplinada, e, por amor dos desprotegidos, regulamentada: por isso queria o Asylo, o Recolhimento dos Desvalidos, onde os pobres, tendo provado com bons documentos a sua miseria, tendo apresentado bons attestados de moralidade, recebessem do Estado, sob a superintendencia de homens praticos e despidos de vãs piedades, um tecto contra a chuva e um caldo contra a fome. O pobre devia viver alli, separado, isolado da sociedade, e não ser admittido a vir perturbar com a expressão da sua face magra e com a narração exagerada das suas necessidades, as ruas da cidade. « Isole-se o pobre ! » dizia elle um dia na Camara dos Deputados, synthetisando o seu magnifico projecto para a creação dos *Recolhimentos do Trabalho*. O Estado forneceria grandes casarões, com cellas providas d'uma enxerga, onde seriam acolhidos os miseraveis. Para conseguir a admissão, deveriam provar serem de maior edade, haverem cumprido os seus deveres religiosos, não terem sido condemnados pelos tribunaes (isto para evitar que operarios d'idéas subversivas que, pela *grève* e pelo

deboche, tramam a destruição do Estado, viessem, em dias de miseria, pedir a esse mesmo Estado que os recolhesse). Deveriam ainda provar a sobriedade dos seus costumes, nunca terem vivido amancebados nem possuirem o habito de praguejar e blasphemar. Reconhecidas estas qualidades elevadas com documentos dos parochos, dos regedores, etc., seria dada a cada miseravel uma cella e uma ração de caldo egual á que têm os presos.

Mas, dir-se-ha, o Estado, então, sustenta-os de graça? Não, — poderia exclamar triumphantemente o Conde, mostrando as paginas admiraveis do seu regulamento, em que se estabelecia, com um profundo sentimento dos deveres do cidadão para com a cidade, que todo o pobre admittido seria forçado a uma consideravel somma de trabalho, segundo as suas aptidões. O mais util paragrapho, a meu vêr, é aquelle que determina que grupos de pobres sejam forçados a calçar as ruas, collocar as canalisações de gaz, trabalhar em monumentos publicos, etc. Taes serviços, todos em favor da Camara Municipal, obrigal-a-iam a concorrer para a despeza d'esta instituição, alliviando assim o Estado d'uma grande parte dos gastos.

Uma vez admittidos, os recolhidos perderiam o direito de sahir — a não ser que provassem que iriam d'alli ser empregados, de tal sorte que não lhes fôsse possivel recahir nos acasos da miseria.

Em nenhuma legislação humana conheço instituição tão justa, tão efficaz, tão profundamente christã, tão beneficamente social. É mesmo muito preferivel ao *Work-House* inglez: alli, o pobre conserva uma somma d'independencia que lhe faz suppôr a existencia d'uma somma de direitos; considera-se ainda um cidadão, tem pretensões ao respeito, á egualdade, á consideração: desobedece, revolta-se, foge do *Work-House*, recahe no deboche, na fome, na desordem, no vicio. Aqui, não: o pobre fica prisioneiro da caridade! Perde o direito de ter fome. E as classes dirigentes, tendo a certeza de que os seus pobres lá estão, bem aferrolhados, com uma razoavel enxerga e um caldo diario, podem dormir descançadas, sem receio de perturbações da ordem ou de revoltas do pauperismo.

Infelizmente este projecto tão perfeito, de que todos os jornaes serios fallaram com palavras de commovida admiração, nunca

conseguiu passar nas Camaras. Motivos mesquinhamente governamentaes impediram uma tão bella instituição de resolver o grande problema da miseria, pois é com estas sabias medidas que ella se arranca do seio da sociedade, e não com as vossas reformas hypocritas, sophistas da revolução social!

Foi esta instinctiva repulsão pela pobreza, pelas maneiras rudes, pelas installações incommodas, que impediu Alipio, desde que gozava na Quinta dos Migueis as vantagens da educação e os regalos da riqueza, de visitar a miude a casa modesta de seus paes. É porém uma calumnia dizer-se — como o disseram certos pamphletos indecorosos — que o Conde, já rico, já ministro, *renegára a sua familia.*

É para mim uma honra, vir hoje, perante Portugal, explicar, destruir esse erro voluntario e hostil.

Logo que o Conde entrou na Camara, fez o seu casamento tão rico e se estabeleceu em Lisboa, pensou sem demora em elevar parallelamente a situação social de seu pae. Encontrou n'elle, porém, exigencias taes que tornaram impossivel a realisação dos seus desejos. As negociações foram longas, muito

delicadas, muito secretas. Tenho nas mãos toda essa correspondencia, e posso dizer que n'ella o Conde mostra um tacto, uma prudencia, uma previdencia geniaes. Seu pae, ao principio, desejou que o Conde lhe fornecesse meios d'abrir em Lisboa um grande estabelecimento d'alfaiate. Isto era naturalmente inacceitavel. Como o Conde me disse muita vez, não podia passar, com o correio de ministro atraz, pela rua onde reluzisse a taboleta « *Abranhos, Alfaiate* ». Como conseguiria elle, na Camara, aniquilar um adversario que lhe poderia responder: — « Tudo isso é muito bonito, mas o peior é que o senhor seu pae me estragou inteiramente este par de calças e roubou-me na fazenda! »

Era impossivel esta permanente tortura moral. E o pae do Conde tanto o comprehendeu, que escreveu (não cito textualmente, pois que nem a sua orthographia, nem a sua grammatica poderiam ter logar n'um livro correcto): — Se não queres que eu possua um estabelecimento do officio em que me creei, que é honrado e me tem ajudado a viver, e á tua mãe, então o melhor é que eu vá para a tua companhia, para tua casa, onde tua

mãe, que é tão economica e tão habil nos arranjos, póde ser uma governanta util e poupar a tua mulher todos os incommodos « dos azeites e vinagres ». (Esta expressão é d'elle).

O Conde recusou com indignação. Realmente a exigencia é curiosa. Virem aquelle homem e aquella mulher de Penafiel, com os habitos, os modos, as figuras, a falla de dous trabalhadores de Penafiel, viver n'uma casa onde se recebia a fidalguia de Lisboa, os representantes dos Reis estrangeiros, a flôr da litteratura, a Maioria ! Absurdo ! Se o Conde, como elle dizia, não fôsse um homem publico, poderia sacrificar-se a essa companhia plebeia. Mas como Estadista, a presença na sua casa d'aquelle pae de feição reles, a comer o arroz com a faca, a escabichar os dentes com as unhas, a perguntar ás senhoras — *então como vai essa bizarria?* — com o seu catarrho, cuja expectoração perpetua era repulsiva, só serviria para diminuir a auctoridade moral do Conde e o prestigio do seu talento. Em nome dos interesses superiores do Estado, devia repellir aquella proposta. Se um dia tivesse a jantar o Ministro d'Inglaterra ou de França no momento d'uma negociação delicada e

d'alto interesse para Portugal, como poderia impressionar os diplomatas estrangeiros, com o pae, ao lado, a tirar cera dos ouvidos ?

Foi por isso que elle informou o pae de que só o receberia em sua casa, com a condição de nunca apparecer aos jantares ou ás *soirées*. O velho, de certo mal aconselhado por intrigantes politicos, respondeu com uma carta (que, pelas razões dadas, não cito textualmente) em que lhe diz que, desde que o filho se envergonha de seu pae, todos os arranjos são inuteis, e que cada um siga o seu caminho ; eu (diz elle) não posso, aos 55 annos, mudar os meus habitos e o meu catarrho : sou como sou ; não tenho as maneiras d'um elegante, mas tenho a minha honra e os meus sentimentos. Que meu filho jante na sala e me faça jantar na cozinha, não ! Continua a ser Abranhos deputado, que eu continuarei a ser Abranhos alfaiate. Mas nem por isso deixo de ser tão homem de bem como tu.

Homem de bem ! Não o era de certo, dando, pela sua ingrata obstinação, motivo a que — se um dia se soubesse, como se soube, este incidente — o Conde fôsse insultado na imprensa e escarnecido na Camara !

Esta resposta do pae desgostou muito

o Conde; mas com uma bondade quasi sobrehumana, escreveu-lhe novamente, remettendo-lhe 200$000 réis e afiançando-lhe que se algum dia, por falta de trabalho ou doença, se encontrasse em necessidade, o avisasse logo, pois que, apezar da sua carta offensiva, nunca elle, como filho christão, perderia o respeito que lhe devia!

A esta carta tão nobre, tão filial, o velho alfaiate respondeu, devolvendo a letra, nas dobras d'um papel onde havia uma palavra unica: — M....! — Não transcrevo a palavra (que de resto a intelligencia dos que me lêem logo comprehenderá) porque me respeito, e nunca ponho nos meus livros essas obscenidades que se permittiu escrever o visionario auctor dos *Miseraveis*, esse epico emphatico d'uma democracia esteril!

M....! Essa palavra foi para o Conde o desgosto grave da sua vida. Era evidente que seu pae, perdendo o respeito proprio, propendia para a obscenidade! Boa razão tivera elle, pois, em não o admittir em sua casa, no convivio da sociedade mais *raffinée* de Portugal!

D'este incidente da vida do Conde, que mais direi que o não saiba o Paiz? É conhe-

cido hoje (tanto o escandalo popularisou o episodio) que, obstinando-se na sua ingratidão, o alfaiate morreu pobre, sem nunca ter escripto a seu filho, que só o soube quando o velho se tinha enterrado. Mas o snr. Carvalhosa, o deputado da opposição por Penafiel, com essa perfidia que inspira o despeito politico, apenas teve conhecimento de que o velho expirava na miseria, apressou-se, com pompa, com evidencia, a ir-lhe a casa, levar-lhe um medico e enterral-o á sua custa. Para quê ? Para que se pudesse imprimir nos jornaes da opposição — que o snr. Ministro deixara morrer o pae n'uma mansarda infecta e que fôra o deputado da opposição quem, por misericordia, lhe chegára aos labios a ultima malga de caldo !

Eu vi o Conde chorar na intimidade da sua livraria. Lagrimas de raiva, que para outras não havia logar. Aquella morte isolada, obscura, silenciosa, n'uma miseria voluntaria, — *era a vingança do pae !* Deixava-lhe aquella vergonha permanente. Quem sabe mesmo se o alfaiate não teria combinado com a opposição toda aquella lugubre scena, a enxerga, a apparição do Carvalhosa, a tumba d'esmola !

— Ai, Zagallo — disse-me o Conde abraçando-me — o maior erro da minha vida foi nascer de semelhante pae!

E foi! Por isso o Conde, na sua severa justiça, deixou que o corpo do alfaiate repousasse na valla onde o levara a tumba de misericordia.

Deante de Deus, como elle dizia, considerava-se filho de sua tia. E a ella, filialmente, elevara aquelle bello monumento onde o Anjo chora sobre uma columna truncada que sustenta um livro, symbolo da educação que facultara ao Conde, e uma pequena bolsa, emblema da fortuna em terras que por testamento lhe deixara.

Mas estas digressões necessarias (pois que, repito, eu não conto na sua disposição chronologica os episodios de tão illustre existencia, mas apenas dou, a traços largos, as feições essenciaes da sua physionomia historica) trouxeram-me aos annos, não distantes, em que o Conde d'Abranhos viu, por assim dizer, Portugal a seus pés.

Volte pois o leitor commigo a essa formosa estrada do Porto, onde, n'uma liteira,

acompanhado pelo procurador de sua tia, vae o nosso Alipio em direcção a Coimbra.

Os sete annos que ahi viveu foram serenos e graves.

Muitas vezes o Conde me disse que a Universidade lhe fizera uma impressão profunda, não tanto como edificio — ainda que seja imponente aquelle monumento no alto do monte, severo e isolado, como uma immutavel fortaleza de vetusta sciencia — mas sobretudo como Instituição. Eu confesso não ser talvez competente para avaliar estas questões d'Ensino e d'Educação. A pobreza de meus paes não me permittiu a honra vantajosa de ser bacharel, mas tendo convivido com tantos homens illustres, eu sou como aquelle antigo fabricante d'idolos, que, á força de viver entre elles, guardava nas mãos e na tunica alguma cousa do seu dourado. Além d'isso, n'este assumpto, como em todos, sigo, por admiração muda e reconhecimento correcto, as idéas e opiniões do Conde d'Abranhos.

A primeira vantagem da Universidade, como instituição social, é a separação que se fórma naturalmente entre *estudantes* e *futricas*, entre os que apenas vivem de revolver idéas ou theorias e aquelles que vivem do traba-

lho. Assim, o estudante fica para sempre penetrado d'esta grande idéa social: que ha duas classes — uma que sabe, outra que produz. A primeira, naturalmente, sendo o cerebro, governa ; a segunda, sendo a mão, opera, e veste, calça, nutre e paga a primeira.

Dous mundos — como diz o nosso poeta Gavião — que se não podem confundir e que, vivendo áparte, com fins differentes, caminham parallelamente na civilisação, um com o titulo egregio de Bacharel, outro com o nome emblematico de Futrica. *Bachareis* são os politicos, os oradores, os poetas, e, por adopção tacita, os capitalistas, os banqueiros, os altos negociadores. *Futricas* são os carpinteiros, os trolhas, os cigarreiros, os alfaiates... O *Bacharel*, tendo a consciencia da sua superioridade intellectual, da auctoridade que ella lhe confere, dispõe do mundo ; ao *Futrica* resta produzir, pagar para que o Bacharel possa viver, e rezar ao Ser Divino para que proteja o Bacharel.

O Bacharel, sendo o Espirito, deve impedir que o Futrica, que é apenas a Materia, aspire a viver como elle, a pensar como elle, e, sobretudo, a governar como elle. Deve mantel-o portanto no seu trabalho subalter-

no, que é o seu destino providencial. E isto porque um *sabe* e o outro *ignora*.

Esta idéa de divisão em duas classes é salutar, porque assim, educados n'ella, os que sahem da Universidade não correm o perigo de serem contaminados pela idéa contraria — idéa absurda, athea, destruidora da harmonia universal — de que o futrica póde saber tanto como sabe o bacharel. Não, não póde : logo as intelligencias são desiguaes, e assim fica destruido esse principio pernicioso da egualdade das intelligencias, base funesta d'um socialismo perverso.

Como póde realmente o homem que todo o dia trabalhou no seu tear, e á noite, depois do caldo de couves, dormiu do somno brutal da fadiga physica, participar do governo da cousa publica — como esse outro homem que conhece as linguas, tem os principios da Introducção aos tres reinos, estudou o Direito Romano, se penetrou do Direito Canonico, leu os poetas do seculo, discutiu as leis no Parlamento, fez administração nas Secretarias ?

Irrisão !

Outra vantagem da Universidade é a organisação dos seus estudos. O Conde consi-

derava-a admiravel e a melhor garantia da Idéa Conservadora. E aqui copio textualmente o relatorio que acompanha o seu notavel *Projecto de Reforma do Ensino*:

« Têm alguns espiritos, ávidos de inno-
« vação, ainda que no fundo sinceramente
« affeiçoados aos principios conservadores,
« sustentado que o systema da Sebenta (como
« na sua jovial linguagem lhe chama a mo-
« cidade estudiosa) é antiquado. Eu consi-
« dero, porém, a *Sebenta* como a mais admi-
« ravel disciplina para os espiritos moços.
« O estudante, habituando-se, durante cinco
« annos, a decorar todas as noites, palavra
« por palavra, paragraphos que ha quarenta
« annos permanecem immutaveis, sem os
« criticar, sem os commentar, ganha o habito
« salutar de acceitar sem discussão e com
« obediencia as idéas preconcebidas, os prin-
« cipios adoptados, os dogmas provados, as
« instituições reconhecidas. Perde a funesta
« tendencia — que tanto mal produz — de
« querer indagar a razão das cousas, examinar
« a verdade dos factos; perde emfim o ha-
« bito deploravel de exercer o livre-exame,
« que não serve senão para ir fazer um pro-
« cesso scientifico a venerandas instituições,

« que são a base da sociedade. O livre-exame « é o principio da revolução. A ordem o que « é ? — A acceitação das idéas adoptadas. « Se se acostuma a mocidade a não receber « nenhuma idéa dos seus mestres sem veri- « ficar se é exacta, corre-se o perigo de a « vêr, mais tarde, não acceitar nenhuma ins- « tituição do seu paiz sem se certificar se « é justa. Teriamos então o espirito da revo- « lução que termina pelas catastrophes so- « ciaes !

« Hoje, destruido o regimen absoluto, te- « mos a feliz certeza de que a Carta liberal é « justa, é sabia, é util, é sã. Que necessidade « ha de a examinar, discutir, verificar, cri- « ticar, comparar, pôr em duvida ? O habito « de decorar a *Sebenta* produz mais tarde o « habito de acceitar a Carta. A *Sebenta* é a « pedra angular da Carta ! O Bacharel é o « germen do Constitucional ».

Conheço na philosophia contemporanea — sem mesmo exceptuar os livros dos Thiers, dos Guizots, dos Bastiats, dos Pagès — poucas paginas tão profundas. A phrase é tersa, viril, nobre, bem ponderada ; a argumentação é sã e cerrada, inexpugnavel ; a idéa tem a solemnidade severa d'um dogma. Nobre

pagina ! E pensar que aquelle que a escreveu não escreverá outra, e repousa sob o pedestal da sua estatua, com as mãos em cruz, na terra bruta !

Não menos maravilhoso parecia ao Conde o systema das relações entre o *estudante* e o *lente*.

O habito de depender absolutamente do lente, de se curvar servilmente deante da sua austera figura, de obter por meio de empenhos que a sua severidade se abrande, fórma os espiritos no salutar respeito da auctoridade. O sentimento excessivo da dignidade pessoal leva ao amor exagerado da independencia civil. Cada um se torna por este modo o seu proprio dono, o seu chefe, o seu Rei, o seu Deus. É a anarchia ! Assim educado, durante cinco annos, a curvar-se, a solicitar, a sorrir, a obedecer, a lisonjear, a supplicar, a depender, o bacharel entra na vida publica disciplinado, e, em logar de ser o homem que quer tomar na vida o logar que lhe convem (o que seria a desorganisação das posições sociaes) vai humildemente collocar-se, com um sorriso, no logar, na fila, no cantinho que lhe marcam os que governam. Assim se fórma uma imperecivel harmonia social.

O joven Abranhos bem depressa mostrou, em Coimbra, o seu profundo amor da Disciplina e da Ordem.

O lente de Direito Natural era então o velho Dr. Paschoal; já muito myope, a sua veneranda sciencia, os seus achaques, os seus serviços de decano, inspiravam a todos os que admiram estes vetustos sabios encanecidos nos commentarios de vetustos compendios, uma admiração sympathica.

Havia, porém, n'esse curso (a recordação recente das guerras civis de algum modo o explica) temperamentos rebeldes e perniciosos, que, por o ancião pertencer a uma velha familia Miguelista, procuravam, como dizia o Conde, *achincalhar a prelecção*. Foi assim que uma occasião, de repente, d'entre os bancos, um morcego solta o vôo, e estonteado pela luz, esvoaça furiosamente, vai bater nos vidros, vai bater nas paredes, vai bater, finalmente, no rosto veneravel do Dr. Paschoal. O velho grita, o archeiro corre... Mas, como diz o nosso grande poeta, auctor dos *Canticos do Céu*:

Quem sabe d'onde vem a aragem fresca?
Quem sabe d'onde vem o vôo d'ave?

Quem sabe d'onde vinha o morcego ?

No dia seguinte, tinha justamente o veneravel doutor aberto a *pauta* — quando outro morcego, maior, mais negro, começa a esvoaçar furiosamente pela aula ! O respeitavel Dr. Paschoal fechou a *pauta*, sahiu da aula, todo tremulo, todo branco . . .

Alipio, porém, vira o condiscipulo indigno que soltara os morcegos, e alli mesmo, na geral, decidiu, por amor da disciplina violada e do professorado ultrajado, accusal-o ao decano. Mas como repugnava ao seu caracter leal ir, de viva-voz, a casa do Dr. Paschoal, denunciar o condiscipulo, redigiu uma carta anonyma com estas palavras: « O villão que arrojou o morcego ás faces de V. Ex.ª e perturbou o recinto escolar, é o n.º 89 ! »

Era um certo Adriano Cravilho, que — posto que d'uma intelligencia notavel e d'um temperamento honesto — tinha, como se diz em Coimbra, « o furor de fazer partidas ».

Uma semana depois, condemnado por um processo secreto e summario, era riscado da Universidade perpetuamente. O respeitavel Dr. Paschoal, porém, ficara tão reconhecido ao « anonymo » que lhe revelara o

auctor do maleficio, que costumava dizer no conselho da faculdade, que, se soubesse quem era, «pespegava-lhe um *accessit* no fim do anno. Porque emfim, collegas, livrou a aula d'um malvado!»

Estas palavras, espalhadas, impressionaram Alipio. O seu acto appareceu-lhe revestido d'uma importancia inesperada; examinando-o, descobria-lhe a nobreza, via-o como um verdadeiro serviço feito á Sciencia, á Disciplina, á Ordem, ao principio auctoritario. E considerava que se é justificado o pudor que nos faz occultar o serviço feito a um amigo, ha uma falsa modestia em esconder um beneficio prestado á sociedade. Póde esquivar-se ao reconhecimento quem salva um homem — não quem salva um principio!

E dias antes dos actos, dirigiu-se a casa do Dr. Paschoal, e escrevendo deante d'elle as palavras textuaes da carta anonyma, convidou-o a comparar as letras, provando ao veneravel professor que era elle, Alipio Abranhos, quem prestara aquelle serviço tão marcante á Disciplina.

— Pois faz favor de deixar o seu nome... faz favor de deixar o seu nome — exclamou

o ancião, que estava na edade em que a memoria é como tela gasta, que, repuxada, se esgaça.

Alipio deixou o seu nome — e no fim do anno recebia o 1.º *accessit*.

Teve ainda o 1.º *accessit* no segundo anno — anno em que elle, justamente, dedicou a sua dissertação sobre o *Direito das Gentes* ao Dr. Capello, conhecido pela redundancia dos seus periodos, com esta dedicatoria: « Ao Deus da Eloquencia, Ex.mo Dr. Capello, off. d. c. Alipio Abranhos, discipulo deslumbrado».

Teve uma *distincção* no terceiro anno — anno, exactamente, em que (segundo vejo nas suas notas) a tia Amalia lhe augmentou a mesada, o que habilitou Alipio a fazer presentes delicados a D. Rosalinda Carreira, que a calumnia então apontava como concubina do seu lente de Direito Civil.

No quarto anno recebeu emfim o segundo premio — para o que concorreu uma sabbatina em que, argumentando com o lente, o sophista Dr. Abreu, e enleado por um sophisma complexo, lhe lançou estas bellas palavras: « não sei o que hei-de responder; a lucta é desegual: eu só tenho por mim o estudo e V. Ex.ª tem o genio! »

No quinto anno, ignoro que recompensa recebeu a sua fecunda applicação.

Estas honras, porém, não eram dadas unicamente ao seu talento : eram tambem o premio da sua conducta moral. Nunca o moço Alipio fôra visto em conflictos com futricas ou em noitadas nos bilhares da Baixa. O seu odio á estroinice era tão grande, que, para evitar a brutalidade burlesca do entrudo, refugiava-se em Cellas, para onde ia a pé, em deliciosas excursões pelas margens suaves do Mondego. Não se pense porém que as severidades do estudo — tão justamente comparadas pelo nosso lyrico a um *vento esterilisador*, — tinham ressequido no joven Alipio as florescencias naturaes do sentimento moço. Se eu não receiasse affectar uma fórma preciosa, comparal-o-ia a um codigo d'entre cujas folhas sahisse uma flôr d'amor-perfeito. N'este *urso* (nome pittoresco que se dá em Coimbra aos premiados, que, absorvidos pelo estudo, se descuidam de cultivar as graças exteriores) n'este *urso*, havia um *gamo* — se tomarmos o gamo como symbolo animal das naturaes vivacidades e das irreprimiveis sympathias. Sómente Alipio era d'estas naturezas prudentes que cuidadosamente occultam o que

o Destino, o Acaso ou a Providencia lhes deu de mais excessivo ou desregrado.

Todo o homem tem vicios, ou paixões, ou gostos perversos, mas o seu dever é escondel-os e mostrar-se apenas aos seus semelhantes como um ser regrado e bem equilibrado. Era assim, por exemplo, que apezar de gostar de genebra, Alipio nunca se entregava a esta inclinação na publicidade brutal dos botequins ruidosos: ahi, tomava regradamente o seu copo d'orchata. Mas, tendo assim cumprido o seu dever d'homem, de cidadão, de premiado, dando um exemplo severo de sabia sobriedade, julgava poder, sem escrupulos, depois de satisfeito o dever, satisfazer a inclinação; e em casa, no seu quarto solitario, usava com largueza da garrafa de genebra que guardava debaixo da cama, no caixote da roupa suja. Tocante exemplo de respeito pessoal e de submissão á decencia!

A mesma discreção usava no que se refere aos sentimentos ternos: seria incapaz de ir com condiscipulos, «n'uma troça» a casa d'essas Venus vulgares que batem o lagedo com sapatos cambados e cujo leito é como uma praça publica. Mas se a natu-

reza, nas suas inilludiveis exigencias, que ás vezes os effluvios da primavera ou a preguiçosa e tepida atmosphera do outomno tornam mais mordentes, o solicitasse, esperava pela noite, e, com sapatos de borracha para que nem lhe ouvissem os passos, procurava as viellas mais retiradas, onde, depois de ter pactuado com a paciente que lhe seria guardado absoluto segredo, sacrificava com seriedade no altar de Venus Aphrodite.

Foi por essa discreção tão digna que ninguem — nem os seus companheiros — souberam d'um terno episodio passado durante o seu quinto anno. Elle era então hospede das Barrosos, respeitaveis velhas onde estudantes encontravam carinhos maternaes por preços discretos. A servente, uma Julia, tinha 18 annos, era virgem, e, segundo me confessou o Conde, a sua belleza delicada e tocante fazia lembrar esses typos de odaliscas que se encontram nos *Keepsakes*, recostadas em coxins, á sombra de arcadas mouriscas, acariciando com a ponta aguçada dos dedos ideaes uma gazella familiar. Tanta belleza, tão nobre, n'uma condição tão rasteira — a natureza compraz-se por vezes n'estas ironicas antitheses — commoveram o coração

d'Alipio, e, uma noite em que a servente dormia na sua agua-furtada, o joven quintanista atreveu-se a subir, em pontas de pés, a admirar a fórma delicada, mais bella na sua camisa d'estopa do que as Venus que os artistas florentinos recostavam em coxins de sêda, com rouparias de damasco... Mas ao ranger perro da porta a servente acordou: ia gritar, assustada, quando Alipio, tapando-lhe a bocca com a mão (sem a magoar comtudo) rogou, na balbuciação supplicante do desejo:

— Mas ouve, filha, ouve primeiro o que te vou dizer...

O que lhe disse? Quem sabe o que ao arvoredo diz o vento, o que dizem as alegres aguas correntes ás relvas dos prados, o que diz o rouxinol na sombra dos salgueiros, quando sobre a collina, serena e branca, se ergue a lua?

Desde essa noite, Alipio não trocaria aquella agua-furtada, onde a caliça cahia com a humidade, pelas salas de marmore do Vaticano! Mas, admiravel exemplo da seriedade do seu espirito, mesmo alli, não esquecia o seu trabalho: levava os expositores, a *sebenta*, os apontamentos, e, depois do primeiro transporte amoroso, emquanto,

como ave fatigada, a servente se aninhava na cova da enxerga, o nosso Alipio, á luz d'uma vela de sebo, ia estudando as mais altas questões do Direito Penal — até que o Desejo, ferrão despotico, o arremessava de novo aos braços brancos que o somno enlanguecia. Delicioso idyllio !

E quantas vezes, nos seus annos illustres, quando elle fazia Historia, de certo lhe volveriam á memoria, como um trecho de mal lembrada melodia, aquelles mezes de verão e d'amor romantico, em que a bella Julia e o joven Alipio, abafando as suas risadas, faziam no quarto miseravel, sob as telhas, a caça aos mosquitos nas paredes e aos percevejos nas frinchas . . . Ah, bem o têm dito os poetas: a mocidade, como o sol, tudo esbate e envolve n'uma vaga nevoa d'ouro ; e os mosquitos que se matam aos vinte annos, n'uma alcova amada, parecem deliciosos áquelles, que, aos quarenta, dormem sob cortinados de sêda, sentindo na rua, junto á porta, o passo respeitoso da sentinella protocolar !

Quando Alipio, concluida a formatura, deixou Coimbra, Julia estava no terceiro mez da sua gravidez. No emtanto conser

vou-lhe sempre uma estima terna, até que um companheiro, d'ahi a tempos, lhe escreveu, dizendo que Julia fôra expulsa da respeitavel casa das Barrosos (como de resto era justo) e que, achando-se sem emprego, formosa e com um filho a sustentar, se lançara na prostituição.

Desde então o nosso grande Alipio só concebeu por ella desprezo e repulsão — porque n'aquelle espirito nobre sempre houvera o horror das miseraveis, que, esquecendo o que devem ao respeito proprio, á sociedade, á familia, ao filho, vão pedir ao indolente abandono do lupanar o pão que deveriam obter das severas fadigas do trabalho. Recusou mesmo com indignação a esmola que ella lhe mandara pedir, temendo que os poucos mil réis que lhe poderia remetter fôssem porventura contribuir para enfeitar e arrebicar uma nova sacerdotisa da Venus das viellas. Tanto a esta alma severa e forte repugnavam as molles condescendencias e as vãs piedades!

Dous annos depois da sua formatura, encontramos Alipio Abranhos em Lisboa, n'uma

casa da rua do Ouro que faz esquina para o Rocio, e praticando no escriptorio do famoso Dr. Vaz Correia.

O Conde nunca me deu pormenores minuciosos sobre estes primeiros annos de Lisboa, nem encontro nas suas notas elementos pelos quaes possa fazer d'elles uma narração detalhada. O Paiz tinha então atravessado a grande crise social que é popularmente conhecida pelo nome da *Maria da Fonte.* Não me proponho, n'este estudo puramente intimo, fazer critica historica ou apreciar as consequencias d'esta formidavel convulsão da nossa politica portugueza.

Uma vantagem, porém, — e insisto n'ella porque se prende indirectamente com a carreira politica do Conde d'Abranhos — tirámos da Junta: e foi essa vantagem o ficar provada a impossibilidade em Portugal d'um d'esses ministerios á Polignac e á Cabral, que vão, com uma obstinação altiva e brutal, contra as tendencias do espirito publico e pretendem impôr-se pela força em logar de conquistar pela habilidade. O povo é como um d'esses monstruosos elephantes da India de que tenho ouvido contar: d'uma pujança indomavel e d'uma simplicidade risivel, o mun-

do inteiro, pela violencia, não o pode obrigar a caminhar contra a sua vontade, e uma creança, pela astucia, obriga-o a fazer cabriolas grotescas. O povo tem a força d'um elemento e um regimento não lhe póde impôr uma idéa que um simples advogado habil em declamação lhe faz acceitar sem esforço. Isto eram verdades já velhas no antigo mundo hellenico. Os Polignacs, os Guizots, os Cabraes, são portanto culpados, não de falta de civilisação, mas de falta d'astucia. Para que se ha-de combater um monstro invencivel, quando é tão simples illudil-o?

Os Romances de Cavallaria dão-nos uma alta lição politica, quando nos pintam esses medonhos gigantes que guardavam as entradas das pontes, sobre torrentes tenebrosas: as lanças dos melhores cavalleiros, tentando forçar a passagem, quebravam-se de encontro á pelle coriacea dos temerosos brutos, até ao dia em que um bravo Percival ou um Lancelote, flôr de cavallaria, lhe mandavam um anão perfido e habil em manhas, que adormecia profundamente o colosso — e os cavalleiros podiam impunemente trepar-lhe sobre o ventre monstruoso, como sobre uma montanha inerte, e entrar no castello de-

sejado onde os esperava um seio branco e os vinhos raros que vêm das collinas d'Inspruk.

Polignac, Guizot, Cabral, quebraram as lanças d'encontro ao gigante; ainda hoje viveriam, e de certo estariam no castello, coroados de rosas, nos braços da Princeza, se, em logar do heroico e vão esforço, tivessem mandado adeante o anão, profundo em manhas.

Os politicos da geração moderna comprehenderam e acceitaram a grave lição da *Maria da Fonte*. O systema da violencia foi abandonado como inutil, e começou, com exito, o ductil methodo da habilidade.

O Conde d'Abranhos, com a sua alta intuição, sentiu que se estava preparando uma nova politica, que, condizendo com o seu temperamento, seria o elemento natural em que a sua fortuna medraria como n'um terreno propicio. Elle bem sabia que o governo nada perdia do seu poder discricionario — mas que apenas o disfarçava. Em vez de bater uma forte patada no paiz, clamando com força: — P'ra aqui! Eu quero! — os governos democraticos conseguem tudo, com mais segurança propria e toda a admiração da plebe, curvando a espinha e dizendo

com doçura: — Por aqui, se fazem favor! Acreditem que é o bom caminho!

Tomemos um exemplo: o eleitor que não quer votar com o Governo. Eil-o ahi, junto da urna da opposição, com o seu voto hostil na mão, inchado do seu direito. Se, para o obrigar a votar com o Governo o empurrarem ás coronhadas e ás cacetadas, o homem volta-se, puxa d'uma pistola — e ahi temos a guerra civil. Para quê esta brutalidade obsoleta? Não o espanquem, mas pelo contrario acompanhem-no ao café ou á taberna, conforme estejamos no campo ou na cidade, paguem-lhe bebidas generosamente, perguntem-lhe pelos pequerruchos, mettam-lhe uma placa de cinco tostões na mão e levem-no pelo braço, de cigarro na bocca, trauteando o Hymno, até junto da urna do Governo, vaso do Poder, taça da Felicidade! Tal é a tradição humana, doce, civilisada, habil, que faz com que se possa tyrannisar um Paiz, com o applauso do cidadão e em nome da Liberdade.

Quantas vezes me disse o Conde ser este o segredo das Democracias Constitucionaes: «Eu, que sou governo, fraco mas habil, dou apparentemente a Soberania ao povo, que é forte e simples. Mas, como a falta de educa-

ção o mantem na imbecilidade, e o adormecimento da consciencia o amollece na indifferença, faço-o exercer essa soberania em meu proveito... E quanto ao seu proveito... adeus ó compadre!

« Ponho-lhe na mão uma espada; e elle, baboso, diz: eu sou a Força! Colloco-lhe no regaço uma bolsa, e elle, inchado, affirma: eu sou a Fazenda! Ponho-lhe deante do nariz um livro, e elle exclama, de papo: eu sou a Lei! Idiota! Não vê que por traz d'elle, sou eu, astuto manejador de titeres, quem move os cordeis que prendem a Espada, a Bolsa e o Livro!»

E eu que, durante quinze annos, vivi na honrosa intimidade do Conde d'Abranhos e me penetrei das suas idéas, estou tão crente d'esta verdade, que — dado um Chefe d'Estado irresponsavel, ministros, e uma Camara electiva — me comprometto, oh! leitores, a fazer governar esse grande e velho reino da Taprobana pela Camilla Pellada, do Becco dos Cavalletes! Como procederei eu? Tomo a Pellada, enamoro d'ella o Chefe do Estado, o que é facil, hoje que o deboche tem as persuasões d'uma religião e os methodos d'uma sciencia. Dirigido por ella, o Chefe do Estado

escolhe os ministros, e os ministros, como no conto popular, convencem os eleitores, que nomeiam os deputados, que os legalisem a elles, ministros, e ás suas phantasias, decretos, emprestimos e discursos! O povo, satisfeito, affirma: Eu sou o dono! Eu, rio-me. A dona é a Camilla — e se eu, por acaso, fôr o Seraphim da Camilla, sou eu, afinal, quem governa a Taprobana, d'entre os lençoes d'uma alcova, no Becco dos Cavalletes!

Tudo isto o sentiu n'um relance o Conde, quando, depois da *Maria da Fonte*, os ministerios da Força cederam o passo aos ministerios da Astucia. A *Maria da Fonte* foi a introducção no Estado d'uma nova tactica social.

Entretanto, querendo vir á arena com todas as armas, o Conde preparava a sua reputação litteraria, como redactor-chefe da *Bandeira Nacional*, jornal de que, attendendo ao brilho que lhe deu a collaboração d'Alipio e á sua curta existencia, eu poderia dizer, paraphraseando o conhecido verso de Malherbe sobre a rapida vida das rosas —

que viveu o que vive um foguete, o espaço d'um estalo e d'um clarão!

A *Bandeira Nacional* era um d'estes muitos jornaes, que, fundados sem capitaes e não correspondendo a nenhuma necessidade intellectual, têm na sociedade um logar isolado e sem valor, arrastam uma vida difficil, tendo que mendigar, aqui e além — ou da opposição ou do governo — a esmola d'um subsidio, e, quando este lhes falta, se extinguem por si mesmos no silencio e na obscuridade.

Os fundadores da *Bandeira*, moços ambiciosos que rondavam em torno das repartições do Estado, tinham encontrado um patrono n'um homem politico, alta figura de relevo na historia Constitucional, o conselheiro Gama Torres. A protecção que dispensava porém á *Bandeira* este homem notavel, era, como dizia finamente o Conde — *platonica, toda platonica!* Não lhe dava dinheiro, porque, chefe de familia, entendia, e muito bem, que a politica não deve sorver fortunas, mas pelo contrario produzil-as. Não dava tão pouco idéas, porque, apezar da sua alta illustração, que o torna um dos nossos grandes contemporaneos, a sua prudencia, a

sua reserva eram taes, que raras vezes se lhe tinha ouvido uma opinião nitida.

Sabia-se que aquella fronte um pouco calva, de entradas largas, estava recheada d'idéas; sómente conservava-as como um thesouro escondido. Era, por assim dizer, um avaro intellectual. As suas idéas eram para si; no silencio do seu gabinete, agitava-as como o velho Grandet agitava o seu ouro, regalando-se do seu brilho e da sua sonoridade. Mas se alguem entrava de repente, aferrolhava tudo á pressa no cofre do cerebro, e a sua larga testa, de entradas altas, não offerecia mais que uma fachada impenetravel e monumental, que impressionava a todos e não aproveitava a ninguem.

Era alto, encorpado, e os seus olhos, azulados e redondos, tinham uma singular falta d'expressão e d'intenção. Porém, todos sabiam que por traz d'aquelle olhar parado um mundo d'idéas fermentava.

É curioso observar quantos homens publicos do nosso paiz têm esta apparencia apagada, vazia, vaga, abstracta, somnambula; e todavia eu que pelo Conde fui admittido a conhecel-os, sei quanto genio habita em segredo n'aquellas cabeças, calvas ou

cabelludas, a que os superficiaes, não lhes conhecendo as secretas riquezas, acham um aspecto alvar. É que nós somos uma raça reservada, inimiga da ostentação e das attitudes: ao inverso dos francezes, que mal têm uma ponta de talento, tratam de o fazer brilhar, reluzir, deslumbrar, nós, com vastidões de genio no interior, desprezamos estas demonstrações vaidosas e guardamos para nós mesmos as nossas riquezas intellectuaes. Assim faz o arabe, que cerca os seus jardins deliciosos e as suas habitações douradas d'um muro negro de pedra e lama, de modo que se julga vêr uma cabana onde realmente existe uma Alhambra! Mas não somos nós de raça arabe?

Por isso nunca o Conselheiro Gama Torres se dignou fazer á *Bandeira Nacional* a esmola d'uma idéa. Deu-lhe porém a protecção do seu nome; dizia-se «a *Bandeira* do Gama Torres» e isto trazia ao jornal uma auctoridade imprevista.

Muitas vezes, segundo me contou o Conde, durante os mezes d'estio em que a politica, refugiada na sombra das quintas ou na frescura das praias, dormita, o redactor da *Bandeira*, sem assumpto para o seu artigo

de fundo, recorria ao genio do Conselheiro, como um pobre envergonhado. Gama Torres, porém, collocando-se no meio da casa, as pernas afastadas, o ventre saliente, as mãos atraz das costas, fitava o soalho e bamboleando o craneo fecundo, murmurava surdamente:

— Elle ha muitas questões!... Ha questões terriveis. Ha a prostituição... o pauperismo... Elle ha muitas questões...

Mas, repito-o, era um avaro intellectual que não gostava de fazer a esmola d'uma idéa. Não o censuro, pois é sabido que elle dava todo o seu tempo e todo o seu genio ás grandes questões sociaes. Ellas preoccupavam-no tanto que era usual — sempre que deante d'elle se fallava de assumptos politicos — ouvil-o murmurar soturnamente:

— Elle ha muitas questões! Questões terriveis: o pauperismo, a prostituição! São grandes questões! Questões terriveis!...

E pareciam com effeito terriveis essas questões, d'uma tenebrosidade d'abysmo, quando se via o olhar esgazeado com que elle parecia contemplal-as mentalmente.

Pouco tempo antes da sua morte, lembro-me de o ter visto, uma noite, em casa do

Conde, n'uma occasião de crise ministerial, e nunca esquecerei a terrivel impressão que me deixou aquelle grande homem, de pé no meio da sala, esgazeando o olhar em redor e dizendo cavamente:

— Os senhores podem crel-o, nem tudo são chalaças; elle ha questões terriveis... A prostituição, o pauperismo, o ultramontanismo... Questões terriveis!

E no silencio apavorado que deixara aquella voz prophetica, em que se sentia a ameaça de graves tormentas sociaes rolando do fundo do horizonte, aproximei-me instinctivamente do Conde, como quem procura asylo seguro.

Tal era o director da *Bandeira*. Devo accrescentar que os unicos artigos que elle dava para o jornal annunciavam as suas jornadas para a Ericeira, ou os partos frequentes de sua esposa, ou ainda os progressos da sua doença de bexiga: artigos curtos, de resto, mas n'uma linguagem tersa, firme, grave, em que se sentia o homem d'Estado!

A collaboração de Alipio Abranhos na *Bandeira Nacional* veio dar ao jornal anemico um sangue novo e vivo. Eu possuo — precioso presente do Conde — uma collecção

da *Bandeira*, ricamente encadernada, e muitas vezes, abrindo-a com veneração, me repasto d'esses artigos, que, como prosa e como argumentação, lançam na sombra os famigerados Girardins, os Sampaios tão preconisados. Quereria transcrever alguns d'esses modelos de litteratura jornalistica, mas a estreiteza d'este estudo apenas me permitte extractar um trecho, por onde o leitor presentirá o colosso, como Cuvier por uma vertebra adivinhou o mastodonte.

O jornal, a quem o ministerio d'esse periodo recusara, sem razão, um honroso subsidio, fazia uma opposição amarga. O ministro apresentara um projecto de *reforma administrativa*. Estas reformas têm sido tão numerosas em Portugal — tal é o honroso esforço de todos os governos para um ideal melhor — que não posso precisar os principios sobre que esta se baseava: debalde tenho perguntado aos homens publicos que então a discutiram e votaram: nenhum se recorda. Deduzo, porém, dos artigos da *Bandeira*, que o seu espirito era centralisador. Foi então que Alipio escreveu esse artigo, tanto mais admiravel quanto é certo que elle concordava inteiramente com os prin-

cipios defendidos na *reforma*. Porém, jornalista d'opposição, não duvidou fulminal-os — tal era a sua lealdade aos compromissos politicos.

Eis a conclusão d'esse trecho immortal:

« . . . A centralisação, pois, chamando « toda a vida politica do paiz ao centro, á « capital, á cabeça da Nação, cria, por assim « dizer, um estado politico plethorico e apo- « pletico, em que é o centro que tem todo o « sangue, todo o vigor, e as extremidades, « onde não chega a circulação necessaria para « que ellas se conservem n'um calor bene- « fico e saudavel, arrefecem, e, em breve, « definham, ficando como organismos mortos, « apenas ligados, para assim me exprimir, « por tendões artificiaes, que o mais pequeno « choque despedaça, o que produz a situação « anormal d'um corpo que, por falta d'uma « vitalidade que o mantenha intacto e com- « pacto, se vê a cada momento arriscado a « perder membros essenciaes, cuja falta lhe « faz immediatamente sentir a aproximação « da morte, sendo já tarde para lhe insuflar « á pressa uma vida, que de resto apenas « poderá ser artificial, e que rapidamente se « extinguiria, deixando consequentemente a

« gangrena moral fazer a sua sinistra obra de « destruição e de decomposição. Que o saiba « pois o Governo, que, em desprezo de todos « os principios mais provados da Economia « e do Direito, está á frente da nossa enti- « dade nacional: se a sua reforma fôr avante, « arrisca-se a que o paiz se decomponha so- « cialmente e que a posteridade um dia, vendo « o seu cadaver à beira da estrada da civili- « sação, diga, apontando com horror para os « loucos que têm nas mãos culpadas as redeas « da governação : eis ahi os assassinos ! »

Mostrem-me, se a conhecem, em todo o jornalismo contemporaneo, uma pagina egual! Como o periodo se desenrola em curvas lustrosas e fluentes, seguindo na cadencia melodica—e quando o leitor extatico imagina que elle vai findar, eil-o que se reergue e se arqueia, mais limpido e mais facil, para fechar n'um remate sonoro e magistral.

Assim, nas praias do mar Tyrrheno, se succedem e se produzem umas das outras as ondas de curvas molles em que os antigos viam as linhas harmonicas de Venus, mãe do Amor !

Que imagem aquella, em que a posteridade, á beira da estrada da civilisação, de-

para com Portugal exangue, fulminado pela apoplexia causada pelo excesso de sangue administrativo no cerebro, — e exclama: *eis ahi os assassinos!*, mostrando faces pallidas d'estadistas que se encolhem na sombra!

Não me admira por isso, que, sempre que em Portugal se annuncia uma reforma administrativa, este sublime artigo reappareça textualmente, palavra por palavra, nos periodicos que por dever de partido combatem a centralisação, causando sempre a mesma impressão profunda.

Sómente, com respeito o digo aos meus collegas da imprensa, é lamentavel que o reproduzam como obra original — tanto mais que todos os letrados lhe conhecem o auctor, e até a *Selecta* para o curso de Portuguez do segundo anno dos lyceus o collecionou, como um modelo d'estylo oratorio e jornalistico.

De resto, a facilidade do Conde era extraordinaria. Prova-o bem uma anecdota, que me é referida por um sabio professor d'economia politica, que ao tempo escrevia na *Bandeira* folhetins de muita imaginação. Como disse, o governo tinha recusado um subsidio a esta folha (tanto em Portugal é

pertinaz a tradição cruel de esfomear o Genio!) e a *Bandeira* rugia na opposição, quando o ministro fez a nomeação d'um certo Abranches (hoje personalidade esquecida), nomeação considerada por toda a gente de bem como um favor torpe. Havia de resto no caso uma complicação asquerosa de esposa cedida á concupiscencia d'um estadista lubrico.

Era uma magnifica occasião « d'escachar » o ministerio, e o nosso Alipio immediatamente compoz um artigo—que o sabio professor que me relata a anecdota compara ás satyras de Juvenal e ás verrinas classicas de Cicero indignado.

O Governo, porém, que a essa hora sentira que era imperioso abafar todo o protesto, calculou logo que o ataque mais violento lhe viria de certo da *Bandeira Nacional.* Por isso viu-se, á meia noite, o gerente do jornal, que fôra chamado a casa do ministro, precipitar-se desvairado na redacção, exclamando :

— O Governo dá a cheta! duzentos mil réis por mez!

E correndo á janella, berrar com força para o fundo do pateo, onde era a typographia :

— Tio Marçal, suspenda a tiragem ! Traga cá acima a desanda ! Temos cheta !

E emquanto o tio Marçal mandava desfazer a verrina, o nosso Alipio, tomando a penna, improvisou outro artigo, louvando o despacho do Abranches — que o sabio professor que me conta este notavel incidente, compara, pelo seu vigor, a sua logica, a sua elevação moral e a penetração dos seus argumentos, ás defezas mais celebres da historia — alguma cousa de semelhante a Lord Brougham, defendendo na Camara dos Pares d'Inglaterra a desolada princeza Carolina !

Quando um homem possue taes poderes intellectuaes e faz d'elles um uso tão util, a sua carreira politica está marcada, e, olhar para elle, é como vêr uma prolongação verdejante de altos arcos triumphaes.

Mas — tal é a tradicional ingratidão dos grandes — o Governo, depois de obter aquella defeza sublime do seu patrocinato torpe, suspendeu immediatamente o subsidio, porque já então era claro que a *Bandeira* — desamparada d'assignantes — em lhe faltando aquelle apoio, findaria a sua gloriosa marcha avante.

Na sua justa colera, Alipio quiz escrever um terceiro artigo em que o caso Abranches fôsse revelado na sua realidade abjecta. Mas era tarde: passara um mez, a opinião desinteressara-se do incidente, e o Abranches, inamovivelmente installado na sua sinecura, parecia indifferente ás coleras da opinião no á critica dos poderes publicos.

A *Bandeira*, pois, despediu-se dos seus leitores n'um artigo admiravel em que Alipio exclama: « A *Bandeira* não morre: enrola-se « por um momento, em virtude de considera- « ções particulares, mas para se desfraldar « ovante, um dia, cedo, e palpitar então « bem alto no parapeito da Civilisação, a « todos os ventos da Liberdade! »

Desgostado com as luctas da imprensa por este indigno procedimento do ministerio, Alipio recomeçou a applicar-se ao seu trabalho d'advogado, sendo mais assiduo ao escriptorio do famoso Dr. Vaz Correia, com quem praticava. Vaz Correia, de quem Alipio celebrára muitas vezes na *Bandeira* os triumphos forenses, tinha por Alipio uma consideração a que se misturava tocante

mente uma sympathia paternal. Quem não conheceu de resto ahi o Dr. Vaz Correia ?

Elle offerecia plenamente o typo do *rabula*. Que esta palavra não seja tomada no seu sentido grotesco: o Dr. Vaz Correia era um resplandecente espelho de lealdade. Os seus olhinhos vivos que espreitavam por cima dos oculos, a sua carita redonda e enrugada, as duas repas de cabello grisalho, espetadas como orelhas de diabo de cada lado da calva, a alta gravata de sêda preta ás pintas, o collete de xadrezinho, e o habito de fallar com as mãos atraz das costas, tornando saliente a sua barriguinha prospera, são feições d'elle bem conhecidas em Lisboa.

O que menos se conhecia era a sua grande bondade, que me faria dizer — se eu não odiasse as preciosidades de linguagem — que n'aquelle Pegas havia um S. Christovam ! E digo S. Christovam, porque, entre toda a população santificada do Reino dos Céus, este bom gigante, com a sua bonhomia, a sua paciencia, o seu ar paterno, me parece um modelo amavel de bondade terrestre.

Eu, na realidade, ignoro os actos de bon-

dade do Dr. Vaz Correia. Devia-os ter porém, e grandes: mas a sua historia intima é-me desconhecida. Todavia, a avaliar pelo seu procedimento com Alipio, justifica-se que eu o compare com S. Christovam, que, apoiado ao seu pinheiro, ajudava os fracos e os fatigados a passar a torrente traiçoeira.

Uma crise, com effeito, estalara na vida serena d'Alipio Abranhos. Sua tia Amalia, de cujas mesadas vivia e com cuja fortuna contava, acabava, inesperadamente, de contrahir segundas nupcias com um joven delegado d'Amarante. Nem a edade, nem a obesidade (que lhe viera nos ultimos annos), nem o respeito dos proprios cabellos grisalhos a retiveram, e, possuida d'uma chamma tardia mas exigente, trocou a delicia toda moral de apoiar a illustre carreira do sobrinho, pelos encantos baixamente materiaes d'um esposo robusto. Foi para o futuro estadista um golpe severo. Sua tia, é certo, não lhe suspendia presentemente a mesada: mas a certeza da sua fortuna dissipava-se, porque, não só uma dama de paixões tão ardentes poderia, apezar da edade, ter descendencia, mas de certo, acorrentada á vontade do

marido, veria todas as suas posses passarem para os bolsos do delegado e dos parentes esfomeados que lhe cercavam as propriedades com olhos avidos e cubiçosos.

Alipio teve dias de amargura: não era d'aquelles seres orgulhosos que erguem alto a cabeça e crêem que podem apoderar-se da fortuna pelo jogo simples das suas energias naturaes. Pelo contrario, o nosso Alipio era d'estes sabios espiritos que nunca se arriscam na estrada da vida sem irem bem amparados da esquerda e da direita, sem alguem que os alumie adeante, e alguem que por traz os proteja das feras imprevistas.

Este desalento do seu espirito espalhava-se-lhe na expressão; e o Dr. Vaz Correia, sabedor do caso, vendo-o dobrado sobre os autos como «sobre o rio do destino», segundo a expressão biblica, perguntou-lhe um dia, do fundo da sua poltrona:

— O amigo conhece o Desembargador Amado?

— Não conheço, snr. doutor. Isto é, conheço de reputação, de vista, mas não pessoalmente.

O doutor mergulhou sobre o papel sel-

lado, e, durante minutos, a sua longa penna de pato fez prosa sabia. Por fim, recostando-se novamente na poltrona:

— Então o amigo não conhece o Desembargador Amado?

— Não conheço, snr. doutor. Isto é, repito, pelo menos pessoalmente. Pessoa muito estimavel, dizem.

O doutor anediou as duas repas grisalhas da calva, e depois de tossicar:

— Pois se o amigo quer, eu levo-o a casa do Desembargador Amado, que são ámanhã os annos da filha. Conhece a filha?

— Não conheço, snr. doutor. Isto é, do mesmo modo, não conheço pessoalmente.

— Boa moça!

— Muito galante — disse respeitosamente Alipio.

Este dialogo foi, poderia dizer-se, a origem do casamento do Conde d'Abranhos, de que eu, segundo as notas do proprio Conde e os relatos de testemunhas presenciaes, quero dar uma narração detalhada.

O snr. Desembargador Amado era d'uma boa familia do Norte e tivera uma carreira

singularmente facil. Dizia-se d'elle : « aquelle deixou-se ir e chegou ».

Sustentado pela vasta influencia da parentella, fôra com effeito levado, sem abalos nem choques, n'uma ascenção gradual e confortavel, até á sua poltrona de damasco vermelho da Relação de Lisboa. Ahi se deixára cahir com o peso da sua obesidade, e cruzando as mãos sobre o estomago, começara a ruminar regaladamente. Que de modo nenhum se creia que eu queira diminuir com azedume os meritos d'este varão obeso : quero sómente mostrar a natureza, toda d'indolencia e d'egoismo, do Desembargador Amado, occupado em se nutrir com abundancia, attento exclusivamente ao jogo das suas funcções, assustado se a bexiga, ou o baço, ou o figado denunciavam alterações, sem ter coragem de se mexer do sofá durante noites inteiras, completamente desinteressado dos homens — e mesmo de Deus.

O nosso immortal José Estevão, vendo-o um dia entrar n'uma recepção em casa do chorado duque de Saldanha, exclamou, designando-o com um verso conhecido de Juvenal :

—Aquelle ventre que alli vem, é o Amado!

Era com effeito um ventre, que em certos dias da semana punha somnolentamente os oculos, e assignava com a mão papuda, onde os collegas lhe indicavam com o dedo; da sua sciencia juridica, nada direi, para não envergonhar as paredes e os moveis d'este quarto onde escrevo; da sua honestidade, sei que a sua grande fortuna e as suas propriedades d'Azeitão o tornavam indifferente ás tentações do dinheiro: mas condemnaria Jesus e absolveria o mau ladrão, se o peitassem com um casal de patos bem gordos ou com um salmão fresco do rio Minho.

Fazia, ao comer a sopa, um *glou-glou* nojento e repellente, e atirava para o soalho os escarros que merecia na face. Tal era esta besta obesa. O Conde detestava-o. E eu mesmo, apenas o respeito que lhe devia como sogro de S. Ex.ª, me impediu certa noite — ainda tremo ao recordal-o! — de lhe atirar estas mãos ao pescoço gordalhufo, e apertar-lh'o, apertar-lh'o até que lhe pendesse, inchada e negra, aquella lingua onde a banalidade era mais usual que a saliva, e lhe sahissem das orbitas aquelles olhos que só tinham fixado n'este mundo

com algum interesse as postas de vitella de que se abarrotava.

Era uma noite que elle passara em casa do Conde. Desde o jantar, estirado n'um poltrona, só denunciando a sua presença por arrotos frequentes, tinha dormido o somno bestial do seu enfartamento senil. Eu estava justamente contando á snr.ª Condessa, que me escutava com interesse, uma deliciosa anecdota do snr. D. João VI que lêra n'essa tarde — quando ouvi, do fundo da poltrona onde dormitava o Vitellius, estas palavras, n'aquella voz espessa e brutal que era a repercussão sonora da sua intelligencia :

— Olá, snr. secretario, veja lá em baixo se já vieram com a sege ! . . .

Eu fiquei petrificado, com a lividez da cal. Mas a snr.ª Condessa que — sejam quaes fôrem as suas culpas — tinha delicadezas tocantes, acudiu immediatamente :

— Oh papá !

E agitando a campainha, dirigiu-se ao João que apparecera :

— Veja se já está a carruagem do papá !

Emquanto fui secretario do Conde, tratei com Fidalgos, com Ministros, com Embaixadores, com Augustos Personagens, e só

recebi de S. Ex.as — e poderia dizer de S.S. M.M. e A.A. — aquella benevola consideração que talvez as minhas aptidões justificassem, mas que eu recebia como preciosa recompensa da minha dedicação. Mesmo junto dos degraus do Throno, só encontrei bondade, e a mão que eu ia beijar na humildade tradicional, apertava a minha com uma sympathia que me deixava na alma impressões inesqueciveis.

Só aquella obesa carcassa se arrojou a tratar-me como um lacaio!

Morreu. Morreu da bexiga. Notou-se com admiração o fetido que lhe sahiu do corpo, depois de morto, e a decomposição muito rapida das materias serosas: isto talvez fôsse a dissolução do corpo; mas o cheiro asqueroso vinha da sua alma torpe que se soltava, dando a exhalação d'uma latrina que se destapa.

O caixão em que o levaram pesava arrobas, e quando o embalsamaram e lhe extrahiram o cerebro, viram que não era mais volumoso que o d'um bacorinho recemnascido. Na cavidade craneana metteram-lhe um pedaço d'esponja velha, de certo mais util e tão intelligente como o cerebro que substituia!

Amortalharam-no na sua béca de setim· — que não cobre agora um desembargador mais morto e mais putrido do que tinha coberto nos dias de sessão da Relação de Lisboa. Levaram-no ao Alto de S. João, ao passo de quatro eguas cobertas de pannos negros; e as quatro eguas agitavam a cabeça, parecendo vaidosas do cadaver que arrastavam: foi o unico orgulho que inspirou jámais a companhia da sua pessoa. Alli apodrece aquelle resto de materia mal organizada, que rebolou durante 60 annos pela terra, sob o nome desacreditado de Justiniano Sarmento Amado.

Este ventre — segundo a phrase de José Estevão — era naturalmente um titere, um titere obeso nas mãos de sua mulher: era ella quem lhe puxava as guitas da vontade. D. Laura Amado, d'aspecto, dava a impressão d'uma regua: esguia, chata, erecta, perpendicular, com o seu vestido de sêda negra, parecia, não uma senhora, vivendo n'um predio á Estrella, mas uma creação pittoresca do illustre Dickens. Moralmente, tinha a mesma rigidez dura e inflexivel, o mesmo rectilineo de regua. Era uma devota, d'uma pontualidade de machina no cumprimento

da sua devoção. Desde nova até ao dia em que a levou uma benemerita escarlatina, rezou, rezou imperturbavelmente, chronometricamente, com um tic, tic, tic, de relogio.

Era dotada d'uma lingua feroz com que lacerava todas aquellas — porque raras vezes, de certo por pudor, se referia aos homens — que não exerciam uma devoção tão complicada, ou tinham os gozos, os luxos, as paixões que lhe prohibia o seu Deus, um Deus especial, d'ella — um Deus terrivel, que vivia na Egreja de S. Domingos, insaciavel de louvores, prodigo de catastrophes, sempre prompto a despedir, como raios, doenças mortaes ou desgostos com as creadas, e que era necessario abrandar constantemente com promessas, missas, ladainhas e offertas, porque o seu divino temperamento, d'uma irritabilidade fóra do vulgar, o mantinha no desejo frenetico de fazer mal.

O sacerdote particular d'este Deus, o interprete na terra das suas vontades, era o padre Augusto, que morava n'uma casa de hospedes ás Portas de Santo Antão, e de quem D. Laura recebia a direcção espiritual, as ordens, os conselhos, as admoestações e as baforadas do halito impregnado d'alho.

Póde parecer irrespeitosa esta apreciação da familia Amado, mas, para minha justificação, direi que o Ex.$^{mo}$ Conde a abominava. E todavia — tanto a sua polidez era perfeita — nunca deixou de beijar respeitosamente a mão de sua devota sogra — mão magra, amarella e secca como um caranguejo, de longos dedos que ella tinha sempre postos em attitude de reza, contra o peito, na Egreja, sobre o regaço, na sala, e em cima do prato, á mesa.

D'esta devota, e do outro, do montão de gordura de que fallei acima, tinha nascido um anjo!

Que me perdôe a memoria do Conde, mas D. Virginia Sarmento Amado, primeira Condessa d'Abranhos, era um anjo!

Não ignoro os seus erros: mas se, para os attenuar, não bastasse lembrar-me que, ha 1800 annos, Jesus de Nazareth defendeu das pedras pharisaicas a pobre mulher amorosa prostrada a seus pés, bastar-me-ia recordar a bondade de D. Virginia, a sua tocante delicadeza, o mimo das suas maneiras, aquella necessidade de vêr todos á volta d'ella confortaveis e contentes... Era um anjo, tanto na sua alma, *viva e toda espon-*

*tanea*, como nos seus cabellos louros, sempre um pouco desordenados, nos seus grandes olhos activos e banhados n'um largo riso dôce, no seu nariz tão fino, d'um tom de marfim, na sua figura delicada, patricia, de movimentos d'ave... Era um anjo!

D'esta familia, o pae foi magistrado condecorado, a mãe, devota respeitada, e a filha — segundo a lei e a moral corrente — criminosa repulsiva. Hoje, dormem os tres no jazigo monumental do Alto de S. João, e eu estou bem certo que esta opinião dos homens não foi corroborada por Deus. A devota estimada está, não o duvido, atravessada pelo espeto tradicional, que um diabo, por toda a Eternidade, vae fazendo girar, para a assar ora d'um lado ora do outro. O pae, magistrado coberto d'honras, impossivel para ser de Deus, muito abjecto para ser do diabo, deve estar n'esse logar tenebroso, latrina da Eternidade, onde os Vitellius torpes e os Amados putridos chafurdam para todo o sempre n'uma massa liquida, feita dos excrementos dos homens e da baba das feras.

E ella, a dôce culpada, a loura condessa, parece-me vêl-a, com um vestido candido,

a palma verde na mão, os fios d'ouro fino dos seus cabellos soltos, banhada na luz paradisiaca e mystica que sae dos olhos de Deus.

Que não me accusem d'ir, n'estas apreciações, d'encontro á moral social, ou, possuido d'um orgulho sobrehumano, de dar indiscretamente um conselho a Deus. O crime de Virginia é horroroso — mas a sua pessoa era adoravel. Á que peccara como ella, Christo perdoou, e — lavada a culpa pelo perdão divino — o que nos resta é uma deliciosa creança loura, d'aquelle louro que um dia cantou em versos inolvidaveis o mavioso poeta das *Nevoas :*

O ouro da tua trança
Vale os milhões d'um avaro ;
Não é pagar muito caro
Morrer por a ter beijado ! . . .

Este anjo fazia 18 annos na noite em que o Dr. Vaz Correia conduziu Alipio á casa apalaçada do Desembargador Amado.

O Conde que era supersticioso, como Napoleão e Lamartine, contou-me depois que entrara na sala com o pé esquerdo.

Preoccupado com isto, quando se achou

defronte d'uma grande barriga que um amplo collete branco vestia, em logar de dizer «snr. Desembargador», titubeou «snr. Conselheiro», o que foi tão agradavel ao obeso magistrado, que, ao apresentar Alipio á sua secca e hirta esposa, exclamou:

— É já collega do Vaz... Diz que é um talentarrão!...

Isto fez má impressão na devota senhora, que, em todos os homens novos e com talento, via invariavelmente inimigos da religião.

Mas o nosso Alipio desfez bem depressa esta impressão hostil, afiançando a D. Laura, o que era de resto exacto, que sempre, *antes* e *depois* dos actos, em Coimbra, ia á Sé Nova, prostrar-se aos pés da imagem de N. S. da Saude, *antes*, a implorar a sua mystica influencia nos lentes, *depois*, a agradecer humildemente o *nemine discrepante*. E corroborou esta descripção da piedade dos seus costumes mostrando a gravidade das suas maneiras: em vez de procurar a companhia das meninas, que, de boquinha ao lado e olhos doces, perturbam a paz dos espiritos puros, foi de preferencia juntar-se ao grupo severo dos magistrados e solidos negociantes. E isto fez

dizer a D. Laura que Alipio parecia ser «um moço de proposito».

A *soirée* era de resto animada; e pelo conhecimento que eu mais tarde tive da famosa sala do Desembargador e das pessoas que habitualmente a frequentavam, e pensando na influencia que essa noite exerceu no destino do Conde d'Abranhos, mais d'uma vez me tenho entretido a reconstituir essa *soirée*, com os seus personagens, os seus agrupamentos e a sua decoração.

Alli está, sob o retrato a oleo do Desembargador, o alto sofá de damasco vermelho e as quatro poltronas empertigadas e sentenciosas em que se sentam D. Laura e as duas ricas manas Victorino, ambas magras, côr de cidra, de nariz acavallado, bandós achatados, com enfeites pretos, todas d'uma tonalidade negra onde destaca o lenço branco, sustentado na mão secca de cordoveias fortes, sobre o regaço. Muito liberaes, seu irmão, magistrado, fôra enforcado no Porto no tempo de D. Miguel, e este incidente pathetico, de que ainda fallam, parece ter-lhes perpetuado a tristeza na alma e a amarellidão na face.

Alli vejo tambem o velho Serrão, coronel

reformado, com o seu espesso bigode grisalho, aparado á tesoura, a calça côr de flôr d'alecrim esticada pelas presilhas, ainda rijo, cheio de opiniões, censurando com rancor as promoções do exercito e acompanhando uma filha, aquella magrinha de vestido de cassa com pintinhas, dentes maus do abuso dos doces, omoplatas salientes sob o estofo transparente, e tendo, a fallar com os homens, a impertinencia familiar de quem está sempre a pensar nos seus vinte contos de réis de dote. Na sombra, quasi a um canto, lá está a pobre D. Joanna Carneiro, triste e macerada, com o seu scirro no estomago, muito lamentada por todos, que admiram a sua resignação apezar de lhe censurarem o mau halito.

Junto ao piano, vejo ainda D. Amalia Saraiva, cujos seios enormes parecem dous pequenos odres; traz sempre sua filhinha, de 7 annos, a Julinha, que durante toda a noite, muito socegada, com o cabello encaixando-lhe a carita magra, folheia o volume illustrado da *Asia Pittoresca*, admirando pagodes indios e selvagens semi-nus, até que a chamam para recitar: então, no circulo admirador, sob o olhar ancioso da mãe, cujos

odres arfam d'emoção, diz, n'uma vozinha fina e egual, como o correr do fiozinho d'agua d'uma torneira estreita:

> Vai alta a lua na mansão da morte,
> Já meia noite com vagar soou ...

Ao fundo, junto á mesa do voltarete já armada, o Conselheiro Andrade, attrahido para alli pela paixão das cartas, vae fazendo a sua paciencia devagar, e explicando os seus contratempos de lavoura ao amigo Torres Pato e a outro personagem taciturno, apenas conhecido pelo nome de «o Doutor», que, muito apertado n'uma sobrecasaca azul, só quebra o seu silencio lugubre para murmurar, com a testa franzida n'uma grande concentração d'espirito:

— É notavel! Homem, é notavel!

Mais além, vejo ainda, de peito alto e penteado soberbo, a bella Luiza Fradinho, casada ha pouco com o Dr. Fradinho, advogado e publicista, que apparece atraz, fincando no nariz a luneta d'ouro ou retorcendo entre os dedos finos a ponta das suissas d'azeviche.

D. Luiza é, nas *soirées* do Desembargador, a *bella*, a sereia. O coronel, o conselheiro,

os magistrados, admiram os seus soberbos olhos, o seu corpo d'estatua, as suas *toilettes* d'enxoval; diz-se baixo que inspirou uma paixão a um Augusto Personagem; os seus movimentos, os seus olhares, os seus gestos, são seguidos por olhos vorazes de velhas que a criticam; sob a vaga sensação da influencia que deve ter nos homens aquella soberba creatura de côr de pelle tão brilhante: uma, acha que ella ri atabalhoadamente e com coquettismo; outra, que arruina o marido em vestidos; e quando ao fim da noite o Dr. Fradinho lhe diz: «são horas, filha, vai-te agasalhar» — todos, o coronel, o conselheiro, as damas, a doente do estomago, os seguem com os olhos, com um pensamento involuntario ao leito conjugal onde de certo se vão recolher.

Ao canto do sofá, no seu logar consagrado, lá vejo tambem, de grande casaco negro e volta branca, com a face gorda, grave, trigueira, muito barbeada, o reverendo padre Augusto.

Junto da janella, a adoravel Virginia e as duas amigas, as filhas do Conselheiro Andrade, cochicham vivamente, com as cabecinhas muito juntas.

E ao pé da mesa do voltarete, n'uma poltrona, enfartado e obtuso, dormita o obeso Amado.

Tal devia ser então uma *soirée* em casa do Desembargador; e n'aquelle meio um tanto incaracteristico, a figura aprumada do joven redactor da *Bandeira* seria de certo de vivo destaque.

Alipio era então, digo-o afoutamente, um formoso moço: de elevada estatura, bem proporcionado, a testa larga e alta como a idéa que abrigava, os hombros solidos de quem póde sem esforço sustentar um mundo, o olhar azulado, penetrante, preparado pela natureza para sondar, nas suas mais longinquas consequencias, as altas resoluções politicas — um d'esses olhares que atravessam e exploram n'um breve relance todo um problema complicado — a barba alourada, em collar, como n'esse tempo era ainda a moda, e se vê no retrato do immortal Garrett — tal era, aos 26 annos, o futuro Conde d'Abranhos. E posso dizer que não foi sem desapontamento (que me perdoem este expressivo gallicismo) que Virginia, as Andrades, e, ouso affirmal-o, a bella Fradinho, viram aquelle esbelto moço afastar-se da sua

companhia graciosa, para ir, pausado e grave, conversar com o conselheiro, o coronel e o amigo Torres Pato.

Aconteceu mesmo que ao chá, quando Alipio — já então o excessivo calor d'uma sala lhe dava oppressões asthmaticas — se aproximava da janella, notou que a bella Fradinho conservava na mão a sua chicara vazia. Immediatamente, como um verdadeiro Noronha, muito homem de sala, muito homem de côrte, Alipio apressou-se a tomar-lh'a da mão, depositando-a sobre o piano. D. Luiza agradeceu, e logo com grande volubilidade:

— Creio ter visto V. Ex.ª na galeria da Camara dos Deputados.

— Eu frequento com regularidade as sessões da Camara, minha senhora — foi a resposta grave do redactor da *Bandeira*.

E como havia junto da bella Fradinho uma poltrona vazia, sentou-se respeitosamente, e bem depressa a conversa, dirigida pela intelligente senhora, tomou um tom elevado e critico. Fallavam de oradores illustres, dos folhetins notaveis da *Revolução*, de poetas e d'Arte — quando Alipio percebeu com terror que as matronas, o coronel, o con-

selheiro, D. Laura e as duas collegiaes, tinham os olhos cravados n'aquelle dialogo isolado. Afastou-se logo um pouco, endireitando-se na poltrona; mas isto só tornava mais saliente a gesticulação animada da bella Fradinho! Então, aterrado de suspeitas possiveis, Alipio ergueu-se bruscamente. Para elle nada existia mais sagrado que a *Familia*, e esses assaltos á honra conjugal, que a sociedade, culpadamente, complacentemente admitte e até idealisa, considerava-os, como muitas vezes m'o affirmou, o *cumulo da torpeza*, sobretudo tratando-se de senhoras que, pela sua posição social, muito observadas, não podem trazer ao seductor senão desgostos e embaraços na sua existencia, além de darem um exemplo funesto ás classes subalternas.

Foi sempre fiel a este severo principio. É certo que o accusaram de ter relações culpadas com a mulher d'um tal Bento, correeiro nas Portas de Santo Antão, mas este caso é inteiramente differente. O correeiro era tão insensivel á honra do seu lar, que consentia que sua mulher fôsse visitar diariamente uma tia — que elle sabia ter fallecido havia mezes. Além d'isso, pela sua posição modesta

esta ligação nunca poderia ser posta em evidencia nem andar nas conversas da cidade, não correndo assim o risco de ser uma lição perniciosa para a mocidade.

Por estas considerações — que elle pesou conscienciosamente antes de se entregar a actos libidinosos com a mulher do correeiro — Alipio julgou poder, sem risco para a ordem social e sem prejuizo para a sua carreira, permittir-se este gozo occulto.

De resto, elle compensou com nobreza a injuria moral que fizera ao correeiro, pois que, quando este artifice falliu, Alipio, então deputado, proporcionou-lhe uma proveitosa situação n'uma repartição do Estado.

Foi, pois, sob a influencia d'estes altos principios que elle se arrancou com dignidade á conversa captivante da bella Fradinho, indo mesmo dizer ao marido, que, de perna traçada, fumava na saleta proxima:

— Acabo de ter uma conversa muito philosophica com sua Ex.ma esposa, e raras vezes tenho visto uma senhora tão instruida... Discutimos Victor Hugo...

— Ah, ah! Sim, é apreciadora!... E eu não lhe prohibo esse gostinho, porque sou do meu seculo e entendo que uma mulher,

para fazer figura na sociedade, deve ter o seu bocado de litteratura e o seu vernizinho de philosophia.

— Tem V. Ex.ª muita razão . . .

Mas tinha-se feito na sala um silencio e havia em todos os rostos um riso mudo d'approvação complacente. Dirigida por D. Amalia, de seios cheios como dous odres, Julinha estava no meio da sala, amarellinha, esguia, de membrozinhos molles e olheiras fundas, e da sua boquinha aberta como o bico d'um pintainho que espera um grão de milho, sahia uma vozinha tremula que dizia:

É noite, o astro saudoso
Rompe a custo o plumbeo céu;
Tolda-lhe o rosto formoso
Alvacento, humido véu . . .

Esta precoce menina foi depois D. Julia de Mendonça, esposa do meu chorado amigo Carlos Luiz de Mendonça, habil tachygrapho da Camara dos Deputados. Não correspondeu, porém, a sua vida de mulher ao seu delicado sentimento de creança, pois, como é sabido, esquecendo o que devia a si propria, a Carlos Luiz e á Sociedade, foi encontrada, na propria alcova conjugal, nos braços ple-

beus d'um Alfredo, galan do Gymnasio. E era tal a sua perversidade — estes pormenores não são indiscretos, pois que os dous esposos repousam no cemiterio dos Prazeres — que tirava da gaveta de seu esposo as melhores camisas e as ceroulas mais finas, com que presenteava o abjecto comediante, que a seduzira pelos cabellos encaracolados e olhos langorosos de trovador de ballada. Ah! bem mal pagou os desvelos de sua mãe, que a educou no culto de tudo o que é fino e delicado, ensinando-lhe, de pequena, os poemas dos nossos melhores lyricos, cercando-lhe a mocidade de exemplos tão elevados. Os candidos lirios que tinham sido semeados n'aquella alma refloresceram mais tarde em venenosas plantas!

Aos sete annos, porém, era um pequenino anjo, dotado de extraordinaria memoria: e nada mais dôce do que o meigo langor dos seus olhos, quando dizia, apertando as mãos contra o peitinho, onde de certo já se rosavam os dous fructos gemeos do seio:

Meiga lua, os teus segredos
Onde os deixaste ficar?
Deixaste-os nos arvoredos
Das praias d'além do mar?

E mesmo o nosso Alipio impressionado pela revelação d'uma alma tão sensivel n'um corpo tão franzino, não poude conter uma exclamação :

— Bravo á Julinha ! Ha-de ser uma mulher de grande illustração !

— Bravo, bravo !

E Julinha, devorada de beijos, passava dos lindos braços cheios de rendas da bella Fradinho, para os joelhos do respeitavel coronel, que lhe dizia :

— Ah, sua pequena, essa cachimonia é que eu queria para a minha Catharina... Mas aquillo para versos é uma tumba...

— Pois é grande prenda, coronel...

— É grande prenda para sociedade, snr.ª D. Victorina... Mas a rapariga nunca teve memoria, e eu nunca quiz puxar por ella, porque é delicada, e filha unica.

— Tem razão, coronel.

— Parece-me que tenho, snr.ª D. Victorina.

Foi então que Alipio, que voltara para a saleta onde os homens fumavam, viu, com espanto, o Dr. Fradinho approximar-se d'elle, pedir-lhe em nome das senhoras que recitasse « alguma cousa » ao piano, e, sem quasi

lhe dar tempo a collocar no parapeito da janella o charuto meio fumado, arrastal-o para a sala, exclamando :

— Aqui o trago á força ! . . . E agora é obrigal-o !

Debalde Alipio expoz que a seriedade dos seus trabalhos não lhe facultara nunca a opportunidade de decorar as poesias sublimes dos Garretts ou dos Castilhos . . . Não acceitaram a desculpa. Custava a comprehender, realmente, que um bacharel formado não soubesse alguma poesia bonita, de mais tendo, durante annos, dirigido com tanta eloquencia a *Bandeira Nacional !* Não, as senhoras não lhe perdoavam. Alli estava a D. Luiza ao piano, com o pézinho no pedal dos *graves !* Era necessario ser complacente ! Era dia d'annos — e de folia — como disse padre Augusto.

Alipio via, em redor, rostos abertos n'um riso de admiração antecipada, e parecendo-lhe que os olhos de D. Virginia, cujos cabellos louros o tinham impressionado, se fixavam n'elle com uma supplicação quasi tocante, apoderou-se das costas d'uma cadeira, e depois de passar o lenço sobre os beiços, disse com gravidade :

— Eu obedeço a V. Ex.as. Sómente devo dizer que não sou um recitador. É apenas por comprazer... Em Coimbra, ás vezes, por brincadeira, recitava, mas, realmente não tenho nenhuma poesia estudada... Emfim vou dizer *Ciumes do Céu*, do nosso chorado Gomes Guiães.

A bella Fradinho feriu o teclado, e Alipio começou estes formosos versos, que um acompanhamento dôce, gemente e triste, accentuava deliciosamente:

Recordas-te, Elvira, d'essa praia triste
Onde passeamós, uma noite, sós?
O luar brilhava sobre o mar quieto,
E tu murmuravas, a tremer-te a voz:

Para que levantas, sem cessar, poeta,
A fronte, e contemplas a lua sem véu?
Não vês tu, poeta, dentro dos meus olhos,
Segredos mais fundos que os que tem o céu?

Mas os *Ciumes do Céu* são bem conhecidos. Não ha em todo Lamartine um canto mais desolado e mais philosophico. Elvira queixa-se que os olhos do poeta se elevem constantemente, explorando os céus, indo procurar, lá longe, o ideal, quando elle está alli perto, n'um olhar do ser que o adora. Mas

o poeta explica a sua alma: encontra nas grandes alturas a que se eleva um go o divino que nunca encontraria na terra. E Elvira, toda zelosa de que haja no Universo alguma cousa que o poeta lhe prefira, mesmo o céu, mesmo a divina face de Deus, promette fazer-lhe conhecer um gozo maior que lhe fará esquecer o mysterio insondavel que o attrahe: « Sou tua »! exclama, unindo os seus labios aos d'elle n'um beijo infindavel. E o poeta, recordando esse momento, em que a sua alma conheceu o extasis supremo, exclama, torturado pela saudade:

Vento que murmuras, onde estão os echos,
O timbre divino d'essa meiga voz?
Onde estão, rochedos, os ais magoados,
Tristes, que soltámos n'essa noite sós?

Sobre a areia branca reclinaste o corpo,
Eu prendi-te a cinta na mão palpitante...
E um beijo infinito desfez-se na aragem,
Rosa desfolhada na brisa distante!

Mas n'esse momento, erguendo casualmente os olhos para a porta da sala, o nosso Alipio viu com espanto o Dr. Vaz Correia, em bicos de pés, que lhe fazia com os olhos, com os beiços, acenos impacientes que pa-

reciam significar: Não! não! Cuidado! Então?!...

Mas D. Luiza bateu uma nota grave e Alipio, atarantado, começou a seguinte estrophe:

Que divinos beijos, que soluços brandos,
Que momento dôce, que ideal anceio...
A lua de prata, no azul suspensa,
Inundava a curva branca do teu seio.

Seio d'alabastro, seio côr d'espuma,
Luminoso, quente, palpitante — e meu!
E que me faria esquecer o mundo,
Renegar a crença, proclamar-me atheu!

Vaz Correia então não se conteve: lançou no silencio pesado a sua grossa tosse catarrhosa; e quando Alipio, naturalmente, ergueu a vista para elle, como de resto todos os presentes, viu-o mudo, hirto, apopletico, cravando-lhe um olhar chammejante. Mas, levado pelo rhythmo da musica, Alipio, enfiado, teve de continuar:

Não mais os meus olhos quero erguer a Deus...

A voz secca e dura de D. Laura cortou a recitação:

— Virginia! Vá lá p'ra dentro! Vá lá p'ra dentro, menina, qu'isto não é para senhoras!...

E Alipio, aterrado, reconheceu que tinha provocado um escandalo.

Com a sua penetração maravilhosa, comprehendeu logo que só se poderia salvar se conseguisse improvisar algumas estrophes, em que o poeta, findo o seu reprovavel delirio, repellisse a seducção da carne representada por Elvira, e voltasse a orgulhosa fronte para o céu, vivo espelho da alma. Isto daria de certo uma formosa intenção moral ao canto lubrico... Mas Alipio não era poeta! Como elle me disse depois, teria dado, n'aquelle momento, todos os seus trabalhos, a sua soberba dissertação academica, os seus maravilhosos artigos politicos, para ter a potencia imaginativa d'um Hugo ou d'um Garrett, e improvisar um fecho profundamente religioso, que immediatamente lhe conciliasse aquellas honradas senhoras!

Mas, na impossibilidade de o fazer, embrulhou versos, saltou estrophes, e apressado, concluiu:

Não te esqueças nunca d'esse instante, Elvira,
E o que me dizias, a tremer-te a voz,
E o luar de prata, que inundava a praia
Onde nos amámos, uma noite, sós.

Calou-se. Vozes discretas disseram, aqui e além:

— Muito bonito! muito bem!...

E coberto de suores frios, Alipio enfiava para a saleta, quando Vaz Correia lhe travou do braço, rosnando com uma voz apoplética:

— Fel-a bonita! Limpe a mão á parede! Está tudo perdido... Fez escandalo grosso!

— Oh snr. doutor, mas...

— Tudo pela agua abaixo! Um homem de bom senso, um premiado! Pôr-se a recitar d'essas indecencias! A mãe está como uma fera! Tudo perdido!...

— Mas escute V. Ex.ª...

— Não escuto nada. Lavo d'ahi as minhas mãos. O senhor imagina que se encontra todos os dias uma rapariga bem educada, e bonita, com doze mil cruzados de renda?

— Quem? Que quer V. Ex.ª dizer?

— Quero dizer que o trouxe aqui para agradar á pequena, á mãe, ao pae, ao padre

Augusto, ás Victorinos — e que o senhor, como um simplorio, escandalisa as Victorinos, o padre Augusto, o pae, a mãe e a pequena! Limpe a mão á parede, e... chafurde no atoleiro!...

— V. Ex.ª é severo...

— Severo? O senhor chama-me severo? O senhor acha de bom senso pôr-se no meio d'uma sala a dizer obscenidades?

— É uma poesia...

— É uma obscenidade!

— Eu não sabia... É uma poesia conhecida... Recita-se em toda a parte.

— Isto aqui não é toda a parte. Isto é a casa da D. Laura e do padre Augusto. Aqui recita-se o *Agnus Dei* e a ladainha... E em dias de festa, em dia d'annos, por excepção, a pequena, por galantaria, recita a *Lua de Londres!*...

— Vou pedir desculpa á snr.ª D. Laura — disse Alipio com decisão.

— Lavo d'ahi as minhas mãos — respondeu o doutor friamente.

E Alipio, immediatamente, com aquella energica decisão, que mais tarde, nas crises politicas, tantas vezes lhe deu o triumpho, dirigiu-se para o sofá de damasco vermelho,

onde D. Laura, erecta, pallida, o nariz mais longo, o recebeu d'olhos chammejantes.

— Minha senhora, eu venho dar uma explicação a V. Ex.ª.

— É uma indecencia, senhor doutor... vir a uma familia...

— Eu rogo a V. Ex.ª o favor de um momento, um momento só. V. Ex.ª é muito christã para me condemnar sem me ouvir. Direi só a V. Ex.ª: crê V. Ex.ª que eu viria a uma casa, a casa de V. Ex,ª que eu respeito, que sempre respeitei como uma das senhoras mais virtuosas de Lisboa, um modelo de qualidades christãs, um anjo de caridade, uma mãe exemplar — que eu viria de caso pensado affrontar os principios mais sagrados — principios que são os meus? V. Ex.ª responda a isto. Eu peço a V. Ex.ª que responda a isto.

— Foi justamente por isso, snr. Alipio, que me escandalisei...

— Que V. Ex.ª considere. Pedem-me para recitar. Para ser agradavel...

D. Casimira Victorino, que estava ao lado, hirta, sinistra e enrugada, interrompeu:

— Escusava, para ser agradavel, de se pôr a dizer porcarias.

— Oh snr.ª D. Casimira, oh minhas senhoras, por quem são! V. Ex.as bem vêem... Os *Ciumes do Céu* são uma poesia conhecida, considerada pela melhor critica como uma magnifica peça lyrica... Refiro-me á fórma. O assumpto, confesso, é torpe, é infame... Mas, quando se recita, é para se apreciar a fórma. É como uma musica ao ouvido... Eu não sei outra poesia de cór... Não me lembrei, de repente, d'aquella abjecta scena no areal... Depois, levado pelo fogo da declamação... Mas acreditem V. Ex.as que comprehendo a sua desapprovação, accuso-me, quero-me mal por a ter recitado — como além d'isso se recita em casas muito respeitaveis... Mas confesso que o assumpto é torpe! V. Ex.as não me conhecem — mas o Dr. Vaz Correia conhece os meus principios moraes, o meu horror á devassidão, a minha indignação com todos os casos de infidelidade conjugal, emfim, as minhas convicções. Appello para elle...

E sem esperar a resposta, curvando-se profundamente, afastou-se, atravessou a sala, indo encalhar junto da mesa do voltarete.

— Frescalhotes, os versos — disse-lhe o Conselheiro Andrade.

Alipio acudiu :

— Oh ! snr. Conselheiro, nem me falle n'isso ! Que desgosto . . . Eu não imaginei . . .

— Qual historia ! Eu, não me pareceu bem por causa das pequenas, mas cá por mim, gosto de versinhos picantes . . . Lembra-se do Bocage ? *Sete vezes amor voltou*, é . . . O quê, tres matadores ? Oh amigo Torres, o senhor muda-lhes as côres, com certeza !

No emtanto Alipio, da mesa do voltarete, seguia os movimentos do padre Augusto : vira-o erguer-se pesadamente da cadeira, ir fazer uma cocega no pescoço da Julinha ; depois, com as mãos por baixo das abas do casaco, fazendo-as saltar, conversar curvado com a bella Fradinho ; finalmente, devagar, ir para a *Saleta dos Fumistas*. Alipio precipitou-se logo, e dirigindo-se vivamente a elle :

— Oh, snr. padre Augusto, eu, sem ter a honra de conhecer V. Ex.ª, venho pedir-lhe um favor. V. Ex.ª é um sacerdote de grande illustração, de grande virtude, de grande eloquencia, e deve comprehender a minha situação. Eu, pediram-me para recitar . . .

O padre Augusto que conservava uma das mãos com o cigarro por traz das costas, disse, raspando o queixo com a outra :

— Homem, elle não é lá por dizer... Mas olhe que os versos são d'arrepiar... Eu estava a vêl-os deante de mim, no areal, a mulher deitada, o homem... Oh, senhor doutor!...

— Mas V. Ex.ª sabe o que é poesia: questão d'imaginação, d'exageração!

— Mas é que realmente está a gente a vêl-os. É que se me não tira o quadro dos olhos! A mulher toda desapertada... Foi um desgosto para a snr.ª D. Laura. E se V. Ex.ª soubesse com que cuidado, com que recato tem sido educada a Virgininha. É a primeira que ella ouve... É a primeira — e é de mão-cheia!

— Pois snr. padre Augusto, V. Ex.ª é um sacerdote, e eu, acredite, tenho pelo clero o respeito mais profundo. Verdadeiramente, curvo-me deante de V. Ex.ª porque tem experiencia, e sei que virtude, que saber, que dedicação se escondem debaixo d'uma batina modesta... E realmente o que eu desejo é que V. Ex.ª seja verdadeiramente um sacerdote christão. Isto é, que restabeleça a harmonia e que dissipe a irritação da snr.ª D. Laura. Eu já lhe expliquei, já lhe supliquei... Mas fil-o a tartamudear... A sua

virtude inspira-me um respeito! Desejo que V. Ex.ª a convença de que eu, foi na minha boa fé, na minha innocencia, por estupidez — ahi está o que foi — por estupidez, sem reparar, que comecei a recitar... E aqui lh'o digo em segredo, supprimi varias estrophes, as peiores! Lembrei-me a tempo... V. Ex.ª faça-me isto. Não lhe offereço a minha dedicação porque ella lhe é inutil; mas se, como advogado, como jornalista, como homem, como crente, puder um dia ser-lhe prestavel, é dizer: — *aqui, Alipio!* — e Alipio lá estará, ao pé de V. Ex.ª.

— Oh, senhor, muito obrigado, muito obrigado! Não é para tanto. Deixe estar que eu fallarei a D. Laura. Eu fallarei. Ha de se arranjar... Ha de ficar tudo em paz.

— Agradeço muito a V. Ex.ª — disse Alipio; e ia a retirar-se, quando a voz do padre Augusto o chamou com um *pst* discreto.

Alipio voltou-se, e o padre, levando-o para o vão d'uma janella:

— Desculpe a curiosidade. Mas eu, n'estas cousas de litteratura, sou curioso. Sou apreciador. Gosto de bons versos... quando são bons! — E baixando a voz: — Vamos lá a vêr como são as taes quadras...

— Quaes ? As que supprimi ?

— Sim, as que supprimiu.

—Ah, deliciosas!—E, complacente, o nosso Alipio recitou ao ouvido do padre Augusto estas estrophes d'um ardente erotismo lyrico :

Fria, me dizias ! Fria, tu, mulher ?
Mas esses teus braços que s'estorcem, loucos,
Esse fragil corpo que o delirio agita,
D'essa ardente bocca os gemidos roucos ?

Porque balbucias no delirio, diz ?
Porque desfalleces, adorada amante ?
Oh ! dá-me os teus labios, oh, invoca a morte . . .
Que morrer é dôce n'este dôce instante !

O padre Augusto coçou vivamente a cabeça :

— Hum ! É o que eu dizia, é estar a vêl-os. É que os estou a vêr ! Pois é uma bella poesia . . . E lá direi a D. Laura : tudo se accommoda, tudo se accommoda . . . Bella poesia !

Durante o resto da noite a attitude d'Alipio foi reservada e prudente. Passou-a junto da mesa do voltarete, em silencio, seguindo com uma attenção grave o interessante movimento das vazas. Mas, como me confessou mais tarde, « tinha a cabeça em fogo ».

As palavras do Dr. Vaz Correia voltavam-lhe constantemente á memoria, tocando a rebate e alvoroçando-lhe a imaginação: « Eu trouxe-o aqui para agradar á mãe e á pequena ! » E parecia-lhe então que no seu futuro, que ultimamente se carregára, appareciam, aqui e além, como abertas reluzentes, clarões entrevistos de felicidades possiveis !

Doze mil cruzados de renda ! E o Desembargador, com aquella obesidade morbida, D. Laura, com aquella amarellidão arthritica, não podiam de certo, coitados, durar muito . . . Os cabellos de Virginia eram na realidade deliciosos . . . E uma cadeira em S. Bento tornar-se-ia de certo accessivel a quem dispuzesse d'uma renda de doze mil cruzados. Excellente casa aquella: mobilia solida e util, boas pratas, bom piano ! . . .

E o seu desejo de agradar á familia, aos amigos, era tão intenso, que, tendo o Conselheiro (que perdia) fallado com irritação em « calistos », o nosso prudente Alipio levantou-se sem ruido, afastando-se discretamente.

A sua *soirée* fôra até alli singularmente infeliz: querendo ser amavel com a bella Fradinho, vira nos olhares indignados das

senhoras que se suspeitava das suas intenções; desejando dar á sociedade o gozo d'uma bella poesia bem recitada, offendia os sentimentos pudicos de D. Laura; pensando lisonjear o Conselheiro pelo prazer que manifestava em o vêr jogar, *encalistava-o!* Então, para não chocar nenhuma susceptibilidade, para não ferir nenhuma conveniencia — como um homem que n'uma loja de *bric-à-brac* não se move, com medo de partir alguma peça cara — o nosso Alipio refugiou-se no vão d'uma janella, e alli ficou, entre as cortinas, solitario, immovel. Esse isolamento voluntario, porém, foi-lhe a breve trecho amplamente compensado: quando examinava, atravez da vidraça, o céu que se toldava, um ruge-ruge de sêda correu sobre a esteira da sala, e voltando-se, poude vêr D. Virginia que passava, e que lhe deu um longo olhar, um olhar de muda reprehensão, como se ella tambem lhe quizesse dizer:

Para que levantas, sem cessar, poeta,
A fronte e contemplas a lua sem véu?
Não vês tu, poeta, dentro dos meus olhos,
Segredos mais fundos que os que tem o céu?

Foi grande a sua tentação d'entrar na

sala, de fallar com ella. Reteve-o, porém, o receio da indignação de D. Laura, quando visse o homem que recitava versos lubricos em conversa intima com sua filha.

Por isso, e porque eram onze horas, foi despedir-se de D. Laura; e qual não foi a sua commoção quando a ouviu, com uma voz que agora era quasi branda e amiga, dizer-lhe:

—Quando quizer, senhor doutor, esta casa está ás suas ordens. Teremos muito gosto em o vêr...

Ao pé d'ella, padre Augusto sorria — e o nosso Alipio comprehendeu que era á diplomatica intervenção do honrado sacerdote que elle devia aquella benevolencia inesperada.

Que influencia elle tinha, o reverendo! Tudo em D. Laura mudara: a voz, o olhar, e até a mão, que agora lhe pareceu menos hirta, mais quente, mais humana.

E ao descer, abafando-se cuidadosamente no seu *cache-nez*, perguntou ao creado que o acompanhava:

— Sabe-me dizer onde mora o senhor padre Augusto?

— Ás Portas de Santo Antão, 36, segundo, meu senhor. Em casa da Gervasio.

E d'ahi a dous dias, como havia em casa da Adelaide Gervasio um quarto devoluto, Alipio tomava-o e passava a ser o companheiro, o confidente e o amigo do benevolo sacerdote.

Muitas vezes me disse o Conde, annos depois, que esta convivencia com o padre Augusto lhe fôra extremamente instructiva, porque o esclarecera definitivamente sobre os costumes intimos dos senhores ecclesiasticos, e destruira muitos prejuizos que uma tradição injusta formou em volta do clero, em hostilidade aos excessos dos frades. Assim se convenceu que é absolutamente infundada a reputação que têm S. Ex.as de costumes lubricos. « Durante dezoito mezes que vivi com o padre Augusto, Zagallinho, nem por palavras, nem por olhares, nem por obras, o vi desviar-se da regra imposta pelos votos. Um modelo de castidade, Zagallinho ! Um modelão ! »

Elle mesmo, pelos seus olhos, se certificara d'esta verdade. O seu quarto e o do padre Augusto eram separados por um tabique, onde outr'ora houvera uma communicação sem porta. Esta abertura, para isolar os dous quartos, fôra depois tapada

com uma simples lona coberta de papel pintado, onde um pequeno rasgão triangular permittia a Alipio mergulhar um olho observador no interior do quarto do reverendo. Conseguiu assim verificar que este homem intelligente poderia ser comparado (se tal comparação não fôsse offensiva da sua qualidade de sacerdote christão) ao propheta do Islam, de quem as legendas do deserto celebram os costumes simples e o amor das occupações domesticas. O reverendo sacerdote, elle proprio, passajava as suas meias, cosia as suas voltas e limpava a batina com benzina; vivia arrumando, espanejando o quarto, e todos os dias polia o seu candieiro de latão, com uma dissolução d'acido oxalico que elle mesmo ia comprar á pharmacia Azevedo. Pendurado defronte da janella, tinha um canario de que tratava com cuidados femininos. Á noite, ao recolher, dispunha sobre a mesa um covilhete de marmelada, uma garrafa de Porto (de que D. Laura o tinha sempre bem provido) e com satisfação e methodo, tomava a sua ceia, tendo defronte o breviario aberto que ia lendo. Alipio nunca o viu tomar mais de meio calice de Porto, aos pequenos goles, que conser-

vava um momento na bocca, saboreando-lhe o aroma, e que engolia com um estalo placido. Depois, despia-se, dobrava a roupa com methodo minucioso — e d'ahi a pouco resonava com estridor. Vida d'um santo!

Uma tarde de grande calma, em meados d'Agosto, a engommadeira da casa, depois de levar a roupa a Alipio, entrou no quarto do padre Augusto. Era uma formosa rapariga. Alipio immediatamente correu a applicar o olho ao rasgão da lona, a observar o que faria o ecclesiastico, só no quarto com a engommadeira, n'aquella tarde de verão em que a casa estava solitaria e calada. Padre Augusto dormitava na sua poltrona, com o lenço de sêda sobre o rosto, as pernas estendidas, as mãos sobre o ventre. Alipio julgava que passaria ao menos os dedos pelo queixo da rapariga, que lhe beliscaria o braço appetitoso. Pois não: ergueu a ponta do lenço, e vendo com o olho meio fechado que era a engommadeira, continuou a sua sesta placida! Excesso de quebreira, dir-se-ha. Não, porque d'ahi a pouco Alipio ouviu-lhe dizer por baixo do lenço:

— Oh menina, que não esqueça o par de peugas que ficou da outra vez.

Tão grande era a sua indifferença ás tentações do amor!

Era, além d'isso, sobrio — o que destroe inteiramente a conhecida e lendaria gula canonica — e não de todo hostil ás profanidades da arte, pois que, sempre que o homem do realejo fazia, ao cahir das tardes de verão, o seu giro no bairro, padre Augusto propunha entre os hospedes da D. Adelaide uma subscripção de cinco réis por cabeça, para mandar tocar ao italiano as peças escolhidas da *Norma*, que elle escutava com deleite.

O fraco d'este santo era o alho; gostava d'elle crú: esfregava com alho o gume da faca, o miolo do pão, o fundo do prato, e dizia sempre depois d'esta operação:

— Muito estomacal, caros companheiros, muito estomacal...

Não era um fanatico; nunca a sua conversação recahia sobre «questões religiosas». Quando se fallava deante d'elle do progresso das idéas revolucionarias, não se exaltava, mas, coçando o queixo, dizia:

— Pois será o que quizerem, caros companheiros, será o que quizerem. Mas lembrem-se das palavras de Christo: «Não pre-

valecerão contra elle as portas do inferno; a barca de Pedro não se submergirá! »

E se ouvia algum dos companheiros — um certo Azevedo do Ministerio do Reino, sobretudo, proferir impiedades ou achincalhar os dogmas, o bom sacerdote sorria:

— Tudo isso é muito bom emquanto se tem saude, amigo Azevedo. Mas quando vem a velhice, e as doenças, e o final... Eh! Eh! O amigo verá como se chega ás boas idéas. Verá como ainda me manda chamar! Não, que a Eternidade é cousa séria!

Tal era este santo homem. As suas occupações eram simples: de manhã, dizer missa em S. Domingos; durante o resto do dia, salvar a alma de D. Laura.

Nem gula, nem lubricidade, nem ambição. Os tres *Inimigos da alma*, da Cartilha, os tres sinistros collegas — Mundo, Diabo e Carne — que de braço dado rondam em volta da humanidade, á caça das almas indefesas, ou nunca ousaram approximar-se d'este varão impeccavel, ou, se o fizeram, foram vergonhosamente escorraçados, como ratos — se me permittem a comparação — surprehendidos sobre um velho pedaço de queijo.

A admiração que elle inspirou a Alipio foi grande e duradoura.

Muitas vezes ouvi o Conde affirmar quando se agitavam as grandes questões do Clero, do Ultramontanismo:

— Não, não... Não é tanto assim! O Clero é extremamente virtuoso. Olhe, um padre conheço eu, o padre Augusto, que foi meu companheiro nas Portas de Santo Antão... Uma vez...

E era certo então vir alguma deliciosa anecdota, em que as virtudes do padre Augusto resplandeciam, como joias fulgurantes delicadamente engastadas.

E julgando todos os ecclesiasticos, de todo o Universo, por este sacerdote que conhecera na mocidade — tanto o seu espirito pratico amava as opiniões *à posteriori* e fundadas na experiencia — o Conde nunca concebeu o clero senão como uma classe cheia de virtudes, passajando meias, indifferente ás engommadeiras e cheia de benevolencia pelas fraquezas humanas.

Poucos dias depois da sua installação na casa d'hospedes de D. Adelaide, a intimidade de Alipio com o padre Augusto era tão completa, que á noite, depois de deitados, ainda

conversavam atravez do tabique. O assumpto nunca variava: os Amados, as virtudes de D. Laura, as prendas de D. Virginia, as capacidades do Desembargador, os meritos da Anna cozinheira — de tal sorte que ao fim d'uma semana Alipio conhecia os Amados, os seus habitos, os seus fracos, as suas propriedades, os seus gostos, as suas idéas, melhor do que se com a sua propria imaginação os tivesse concebido e descripto nas folhas manuscriptas d'um romance.

Foi d'este modo que elle veiu a esclarecer qual o typo de marido que D. Laura desejava para sua filha. Esse typo não demonstrava ambições desordenadas: um bacharel, de costumes honestos, com uma carreira começada, temente a Deus, sem tisicos na familia, observando os jejuns, economico, caseiro e pontual á missa.

Alipio, com uma grande humildade, interrogou-se, sondou-se, folheou-se como quem folheia um livro, e achou que correspondia exactamente ao *typo* de D. Laura. Estou certo de que, se encontrasse em si condições divergentes — se se reconhecesse inclinado á frequentação dos bilhares, ou fraco deante da belleza, ou se algum seu parente tivesse

deitado sangue pela bocca, estou certo (pois conheci bem aquelle caracter rectilineo e rigido) de que elle se teria considerado indigno de ser o marido da loura Virginia. Mas como nenhuma d'estas circumstancias objectaveis concorria n'elle, Alipio não hesitou, e, habilmente, deixou vêr ao padre Augusto que alli, do outro lado do tabique, existia um bacharel com todas as qualidades de saude, de fé, de moral e de disciplina que D. Laura exigia do futuro marido de sua filha Virginia, *loura como os louros trigos*, segundo a formosa expressão do poeta.

Padre Augusto, de resto, reconhecia-o ; e a sua sympathia crescia por aquelle moço que não blasphemava, o acompanhava no seu passeio hygienico ao comprido do Caes do Sodré, que o tinha presenteado com duas formosas navalhas de barba, e que, uma noite em que elle estava soffrendo d'um defluxo terrivel, lhe puzera um sinapismo de mostarda com cuidados e carinhos de enfermeira. De tal sorte que esse moço exemplar, benevolo, dôce, instruido, se tornara a preoccupação dominante do bom sacerdote ; e mal chegava a casa do Desembargador, ainda antes de se servir a sopa, padre Augusto, puxando o

guardanapo para o pescoço, encetava o assumpto querido : — Alipio !

Todavia, D. Laura podia verificar por si mesma as qualidades de Alipio — ou pelo menos aquella que mais a interessava : a sua devoção. Na missa das nove, em S. Domingos, no Lausperenne, no Santissimo, no Mez de Maria, ella podia vêr aquelle bacharel impeccavel, ora de joelhos, devorando as orações do seu *ripanço*, ora de pé, a cabeça cahida n'uma meditação grave, ora estatico, contemplando a edificante scintillação dos altares. Nunca os seus olhos se distrahiam, solicitados por algum chapeu mais alto em que se destacasse a côr viva d'um ramalhete, ou por qualquer ruge-ruge de folhos de sêda. Não. Alli estava, serio, compenetrado, circumspecto, reverente. Á sahida, ao passar por D. Laura, uma cortezia respeitosa ; e depois, tac, tac, tac, no seu caminho, com o seu livro debaixo do braço, os olhos nas pedras da calçada.

— É um modelo — dizia um dia D. Laura. — Um rapaz assim é que dá gosto a uma mãe.

Estas palavras, repetidas á noite pelo padre Augusto, mostraram a Alipio que elle podia emfim, com honestidade, fazer ao sa-

cerdote a confidencia do seu sentimento e da sua ambição.

Fel-o com palavras dignas, graves, elevadas... Desde que vira D. Virginia, amava-a. Amava-a, menos pela sua belleza — que era grande, que era captivante — do que pelas qualidades moraes que ella não podia deixar de ter, sendo « filha de tal mãe ». Não se atrevera, ao principio, a dizer-lh'o a elle, padre Augusto; não o conhecendo bem, poderia suspeitar que, pobre bacharel, elle apenas aspirasse ao dote da senhora. Mas agora o padre Augusto conhecia-o, não é verdade? Estava bem certo do seu desinteresse, do seu desprendimento de todas as ambições de dinheiro — não é verdade? Julgava então poder desabafar no seio d'um amigo sincero! Amava a snr.ª D. Virginia! Mas uma cousa pedia ao padre Augusto — uma cousa lhe pedia, alli, como amigo, como companheiro — que não dissesse nada ás senhoras! Se elle tivesse uma posição social, uma solida fortuna em terras, um titulo de fidalguia d'este reino, então, de certo, não hesitaria em revelar o alto anhelo do seu coração! Mas estava apenas no começo da sua carreira, infelizmente. Por modestia, por dignidade, por

circumspecção, devia calar-se... E todavia, sentia em si energias, delicadezas, todas as condições para fazer feliz, bem feliz, uma menina... Sabia o padre Augusto o que elle desejaria? Casar com ella, ter uma pequenina casa em Campolide, illustrar-se na carreira do fôro, viver com conforto, e ter um velho amigo respeitavel que viesse todos os dias comer a sopa com intimidade e fazer a sua partida de voltarete... Um amigo como o padre Augusto... Que se elle casasse, o padre Augusto não havia de ficar a viver alli, no quarto estreito da Adelaide Gervasio, com janella para as pedras do saguão! Havia de viver com elles, ter o seu talher á mesa, a sua roupa branca bem tratada, o seu caldo de gallinha á noite, os carinhos d'uma familia... Mas emfim, tudo aquillo eram sonhos...

D'ahi a dias, ao sahir da Egreja de S. Domingos, Virginia — que, como me affirmou o Conde mais tarde, tinha, em rapariga, o habito d'escutar ás portas — ao vêr Alipio, córou prodigiosamente.

Na semana seguinte, Alipio recebeu do padre Augusto um convite verbal para ir passar a noite com os Amados. Acceitou.

Foi uma *soirée* intima, grave, um pouco silenciosa, edificante. Alipio fallou da sua excellente tia, da sua caridade — e da caridade dos Noronhas. Contou a maravilha d'um velho, ao pé de Penafiel, que vivia havia vinte annos em estado de graça; narrou anecdotas piedosas de S. Bartholomeu dos Martyres; provou como todos os paizes protestantes — a Inglaterra, a Allemanha, a Suecia — iam n'uma decadencia progressiva e fatal; voltou as paginas da *Prece á Virgem* que Virginia tocou com mimo ao piano, e fez, com padre Augusto, o voltarete do snr. Desembargador.

E, quando recolhia com o sacerdote ás Portas de Santo Antão, teve o gozo de lhe ouvir estas palavras memoraveis:

— Não ha que vêr, o amigo deu no goto ás senhoras! E todos approvamos. Isto é, o nosso Desembargador é que parece um bocado renitente...

— Se a snr.ª D. Laura quizer... Isto é, se o padre Augusto quizer!...

— Não digo que não. Estimam-me na familia... Vão muito pelo que eu digo... Mas ás vezes o nosso Desembargador tem birras!

Tinha começado a choviscar, e para que o padre Augusto, tão sujeito a defluxos, se não constipasse, o nosso Alipio, sempre bom, sempre affectuoso, tomou generosamente uma tipoia.

As birras do obeso e obtuso Amado eram realmente singulares. Sem razão, de repente, *embirrava*. E era então como o obstaculo bruto, inerte, material, d'um enorme pedregulho n'uma estrada. Era uma resistencia passiva e espessa: as bochechas tornavam-se-lhe mais balofas, as palpebras papudas mais pesadas, e sem dar razões, rosnava surdamente:

— Não estou pelos autos... Não vae... Não me calha!

E causava indignação e horror, sentir aquella massa bestial e adiposa, atravancando obstinadamente o caminho!

O Dr. Vaz Correia, que todas as manhãs pedia a Alipio que lhe fizesse o relato do *estado do negocio*, tinha-o avisado:

— E cuidado com esse animal! Se elle começa a dizer que não calha, acabou-se. Você esbarra e não ha ir para deante.

Como conseguiu Alipio desvanecer a resistencia inerte e espessa do Desembarga-

dor ? Não possuo documentos em que possa basear uma narração anecdotica fidedigna. Sei apenas que ao fim de tres mezes — Alipio ia então todas as quintas e domingos a casa dos Amados — o Desembargador, segundo a expressão pittoresca do Dr. Vaz Correia, começou a « derreter ». Já dizia :

— Não é mau rapaz ... Começa a calhar-me !

Pude averiguar que o nosso fino Alipio lhe dera uma receita para fazer chá d'herva cidreira, que alliviava o Desembargador nas suas digestões monstruosas. No dia dos seus annos, publicou na *Semana* uma leve biographia, em que, n'um grandioso estylo á Plutarco, a integridade do Desembargador era comparada á dos Senecas e dos Catões.

Por fim teve occasião de lhe prestar um serviço resplandecente, que muito deve ter contribuido para o «derretimento» do Desembargador.

A historia foi-me assim contada : no escriptorio do Dr. Vaz Correia praticava, havia annos, um certo Dr. Pimentel, moço estimavel, mas que, segundo a expressão moderna, «tinha telha».

Era um mancebo franzino, melancolico,

de grande nariz e lunetas d'ouro, que passava horas em silencio, catando um a um os pellos do bigode.

Excessivamente methodico, sempre, antes de sahir, lavava cuidadosamente os bicos das pennas de pato, para que não se estragassem. Tinha sobre a mesa pequenas caixas feitas de cartas de jogar, com disticos em letra gothica que lhes designavam a serventia: *caixa das pennas*, *caixa da borracha*, *caixa do limpa-pennas*, *caixa das obreias*, etc. Era tão escrupuloso das cousas que lhe pertenciam, que fazia no alto dos seus lapis uma larga incisão onde escrevia o seu nome. Tinha casado novo e quando se referia a sua mulher, dizia sempre: *a minha senhora*. Fôra ella que lhe bordara a almofada de velludo verde sobre que se sentava. Esta almofada era para elle objecto d'uma veneração supersticiosa: antes de se sentar, espanejava-a cuidadosamente, e ao levantar-se, quando sahia, cobria-a religiosamente com um pedaço de cassa. O seu terror constante era que, na sua ausencia, alguem se sentasse sobre a almofada de *sua senhora;* por isso, tinha preparado um letreiro que collava com uma obreia ás costas da cadeira e onde se lia, es-

cripto a tinta azul: «*Pede-se que se respeite esta cadeira que é do Dr. Pimentel*». Isto, porém, incitava individuos facetos a sentarem-se com ferocidade sobre a almofada sagrada, e por vezes, ao entrar subitamente no escriptorio, o Dr. Pimentel ficava petrificado, vendo um corpanzil profano repoltreado sobre os velludos que sua senhora, com as suas proprias mãos, bordara amorosamente! Taes irreverencias, para elle, eram *crimes*, e, com uma estricta idéa de justiça penal e a perversidade natural aos hypocondriacos, inventou uma desforra medonha: arranjou um prego, muito agudo, de cabeça muito chata, que collocava sobre a almofada, de bico para o ar, de modo que se algum jocoso ousasse profanar a sua almofada, o horrivel prego penetrava-lhe na carne, sendo assim o *delicto* immediatamente seguido da *penalidade*. Não revelou a ninguem esta perfidia, nem sequer destruiu o aviso escripto a tinta azul, como se, para gozar melhor a vingança, quizesse facilitar a offensa.

Foi por esse tempo que uma manhã em que o Dr. Pimentel sahira, o Desembargador Amado appareceu inesperadamente no escriptorio: tinha uma demanda com um

vizinho, proprietario de Campolide, e vinha fallar com o Dr. Vaz Correia, que n'esse momento trovejava na Boa-Hora.

Alipio, apenas avistou na porta o ventre enorme do Desembargador, precipitou-se a tirar-lhe o chapéu das mãos, a perguntar-lhe pelas senhoras; offereceu-se mesmo para ir á Boa-Hora buscar o Dr. Vaz Correia.

— Nada d'incommodos — disse Amado — eu espero. Que com este calor até não se me dá de descançar...

— Quer V. Ex.ª um copo d'orchata? (o Dr. Vaz Correia tinha sempre, na saleta de dentro, uma caixa d'orchata fresca, nos mezes de verão).

— Pois venha de lá a orchata. Vae de refresco.

Alipio entrara na saleta e preparava a bebida — quando um berro medonho vindo do escriptorio atroou a casa! Correu, aterrado. De pé, junto á poltrona do Dr. Pimentel, livido, os olhos esgazeados, a bocca aberta, exhalando mugidos de dôr, o Desembargador apertava nas duas mãos abertas as suas rotundidades posteriores!

— Que foi, snr. Desembargador, que foi?

— Enterrou-se-me uma coisa!...

O escrevente que acudira, pallido, aos mugidos do magistrado, teve um grito d'horror:

— Deve ser o prego do snr. Dr. Pimentel!

E desappareceu, aterrado de certo das consequencias de tão grande crime.

Sem perder o sangue-frio, o nosso Alipio puxou o ferido para junto da janella, accorou-se, levantou as abas do casaco, e logo descobriu a cabeça amarella d'um prego reluzindo sobre a calça preta de S. Ex.ª, cravado na carne.

O Desembargador, quasi desmaiado, com camarinhas de suor frio na testa, não queria que Alipio arrancasse o prego: ouvira dizer que uma faca, um punhal, um ferro que se arrancam d'uma ferida, causam immediatamentea morte pela hemorrhagia. E com gemidos roucos, pedia um medico.

Mas o escrevente desapparecera covardemente—Alipio estava só no escriptorio. Então, com uma decisão brusca, como as que se contam de Dupuytren, de Nélaton, dos grandes operadores classicos, Alipio puxou vivamente o prego. O Desembargador deu um mugido terrivel, e Alipio, sustentando-o, amparando-o nos braços, levou-o até á poltrona amiga do Dr. Vaz Correia.

S. Ex.ª, porém, arquejava de dôr. Parecia-lhe que tinha alli uma braza, sentia o sangue empapar-lhe a ceroula... Queria um medico.

Então, n'um relance, Alipio sentiu que tinha alli, ferido, necessitando auxilio, um magistrado, um proprietario, um christão, um semelhante, o pae de Virginia, e com uma voz repassada de cuidado e de solicitude:

— Não se assuste, snr. Desembargador. Não é nada... Venha V. Ex.ª commigo...

E amparando-o sempre, levou-o comsigo a um quarto deshabitado, que era a cozinha d'aquelle primeiro andar: ahi havia um lavatorio e uma esponja dependurada na parede por um barbante.

Com cuidado, tirou o casaco ao Desembargador, desabotoou-lhe com respeito as calças, as ceroulas de linho, e acocorando-se, examinou a parte ferida d'onde corria um fio de sangue breve, como um pedacinho de retroz vermelho.

— É muito fundo? — gemeu o magistrado.

— Uma bagatela, snr. Desembargador, uma arranhadura.

Limpou com a toalha o breve fio de sangue ; encheu a bacia d'agua fresca, tomou a esponja e pedindo ao respeitavel magistrado que se agachasse, elle mesmo, Alipio Abranhos, da casa dos Noronhas, esponjou com amor a nadega obesa de S. Ex.ª !

— Que allivio ! — roncava o magistrado, respirando com esforço.

— Fresquinho, hein, snr. Desembargador?

E esponjava solicito, tomava mais agua na cova da mão, chapinhava a carne molle.

— Melhor, snr. Desembargador ?

— Mais alliviado, amigo, mais alliviado...

Depois, com uma toalha limpa, seccou a pelle, repuxou a camisa, apertou as ceroulas de S. Ex.ª, que o deixava fazer, com os braços molles, as palpebras morbidas, bufando, a face livida, toda banhada de suores dolorosos.

Depois, deu-lhe um copo d'orchata, accommodou-o no canapé, e agarrando no chapéu, correu a buscar uma tipoia.

Elle mesmo o acompanhou a casa — recommendando ao cocheiro que fôsse devagar, para que os solavancos não irritassem a parte ferida.

O Desembargador esteve uma semana

no leito: e ao medico que o vinha vêr, ao padre Augusto, a D. Laura, a Virginia, a todos os amigos da casa, repetia:

— Aquillo foi o meu anjo salvador!

Referia-se a Alipio, que, dous mezes depois, n'uma manhã d'outubro, casava com D. Virginia Sarmento Amado, encantadora herdeira de doze mil cruzados de renda.

Foram passar a lua de mel para a casa de Campolide. Porém d'este periodo de felicidade profunda nada deve escrever a minha penna. A alcova nupcial tem o augusto recato d'um templo, e á sua porta o anjo dos amores delicados vela com as azas abertas, o olhar risonho, e o dedo sobre os labios.

Deixemos pois este par enamorado passear sob os murmurosos arvoredos da quinta, ao rythmico som das aguas que cantam nas bacias de marmore — e vejamos o que a essa hora se passava na terra.

Para qualquer nação que volvamos os nossos olhos, vemos, sob a apparente tranquillidade, fazer-se uma muda transformação interior.

É este realmente o momento em que se

preparam os factos que deram á historia do seculo XIX o seu caracter grandioso.

Alli vemos, no pequeno Estado da Prussia, um militar com cara de freire velho, sob um capacete de fórma barbara, preparar occultamente, por desconhecidos processos scientificos, a destruição infallivel dos antigos exercitos, commandados pelos methodos antigos da inspiração e da bravura; e ao lado, um grosso diplomata de cachaço de touro, tão seguro de si como se tivesse na mão o dado de ferro do destino, tramando apoderar-se da Europa central, dilatando o pequeno Estado do Brandeburgo até ás proporções de um Imperio Germanico, e soprando um esguio Hohenzollern devoto, até lhe dar a corpulencia heroica d'um Cesar gothico.

Na Italia, vemos a sinistra matilha republicana e mazzinista, a que se alliou, ai! uma dynastia gloriosa allucinada d'ambição, arremessar-se, aos clamores fanfarrões de um Garibaldi, contra o throno de S. Pedro — onde um velho sublime ora imperturbavelmente, e aos que lhe arrancam a posse d'algumas leguas de terra, responde pela voz d'um concilio, apoderando-se do dominio illimitado da alma universal.

Na Hespanha, vemos generaes despeitados e insensatos, sofregos d'honras, tramar contra o principio de que emanam e o throno que lhes dá significação ; e de certo veremos mais tarde as paixões plebeias, soltas por elles do garrote providencial que as mantinha, precipitarem-se atravez da nação hespanhola, destruindo tudo sem discernimento, como touros devastadores á solta n'uma horta bem plantada.

Olhemos para a Inglaterra, esse disforme imperio artificial, maior que nenhum imperio classico, feito de continentes distantes ligados entre si por fios telegraphicos que pousam no fundo dos mares. Essa immensa mole mal equilibrada ameaça a cada momento dessoldar-se, aqui e além, na India, na Africa, na Oceania ; uma oligarchia, mais orgulhosa do seu dominio universal que o patriciato romano, mal a póde manter unida pelo ferro e pelo ouro ; e no emtanto a revolução social, com um movimento preciso, compassado, geometrico, automatico, vai preparando o fim d'essa oligarchia obsoleta e a dissolução do immenso Imperio balofo.

Na Russia autocratica, a só vontade d'um homem, do Homem, do Czar, realisa com

uma palavra o que a America do Norte só póde conseguir dispendendo milhares de milhões e regando o solo de sangue: na Russia e na America os escravos são livres. No imperio, uma assignatura consegue o que na republica só póde alcançar-se com uma guerra civil — profunda lição que nos dá o poder social concentrado nas mãos d'um eleito.

Voltemos emfim os olhos para a França — a Mater-Gallia: nunca mais alta a vimos, gloriosa e firme, resplandecendo sob os Napoleões. Nunca a sua homogeneidade pareceu mais solida e o seu messianismo mais penetrante. Paris reedificado, arejado, verdejante, rectilineo, resplandece. As suas modas são por um momento dogmas, como as suas philosophias: d'ella o mundo recebe com devoção a *Crinoline* e o Positivismo. A tradição galante das classes fidalgas permanece tão inalteravel, que um descendente dos La Trémouille, que tinham precedencia sobre o Rei, paga por 25.000 cruzados as botinas de setim com que M.$^{lle}$ Cora Pearl se estreia no theatro.

O formoso desdem gaulez que inspirava *calembours* aos que subiam á guilhotina,

conserva-se tão brilhante que, na suave praia de Biarritz, coroneis elegantes, ouvindo o snr. de Bismarck desenvolver os seus planos, murmuram com graça: « Que idiota ! » A salutar influencia religiosa penetra por tal fórma a vida social, que, mesmo nas figuras de *cotillon*, as marcas mais delicadas representam mitrazinhas episcopaes e pequenos baculos de chocolate.

A galantaria franceza está tão rediviva que um letrado da Academia não hesita em assignar os seus escriptos: Merimée, bobo de S. M. a Imperatriz. O luxo, que promove a prosperidade industrial, é tão refinado, que custam contos de réis as *robes-de-chambre* do snr. Duque de Morny e a divida d'uma virtuosa dama á sua costureira de roupa branca ultrapassa a somma fabulosa de noventa e seis mil cruzados !

Formoso espectaculo d'um paiz prospero ! — direis. Ai ! Ai de nós ! — N'esta formosa harmonia se percebem symptomas sinistros: já o immortal Cousin jaz no seu leito de dôr, com a sua doença de figado; já um Thiers cusa condemnar a soberba expedição do Mexico; já o espirito frondista das salas applaude os epigrammas d'um Prévost-Para-

dol e os *boulevards* riem quando um garoto, Rochefort, injuria a cuia de S. M. a Imperatriz; e, suprema dôr, já Cesar, devorado pela doença pertinaz, passa os seus dias em banhos de sal, a palpebra morbida, o pulso, que um dia salvara a ordem e a sociedade, abandonado entre os dedos do especialista Ricord. E no emtanto, d'um rochedo do mar da Mancha, um personagem lendario, um S. Paulo romantico da Santa Democracia, tão extraordinario de genio e tão allucinado d'orgulho que se confunde a si mesmo com Deus e se crê no segredo da Natureza, escreve *Os Miseraveis*, *As Contemplações*, *A Lenda dos Seculos*, e prophetisa, em attitudes theatraes, a monstruosa desforra da plebe e uma vaga fraternidade dos homens reconciliados.

Tal é a Europa — emquanto o nosso Alipio murmura ao ouvido de Virginia aquellas palavras eternas que ha tres mil annos sahem dos labios dos amantes.

E agora volvamos os olhos para Portugal. Em Portugal, n'essa epoca, não vejo que se passe cousa alguma, a não ser que o Ministerio Cardoso Torres acaba de declarar que o seu programma será: Ordem, Moralidade e Economia.

É pois n'esta serena e calma unidade nacional que Alipio Abranhos apparece e entra a passos largos nos umbraes da Historia.

A maneira como Alipio Abranhos foi eleito deputado parece inteiramente providencial. O ministerio Cardoso Torres tinha, como é sabido dos que conhecem a historia politica d'essa epoca, dissolvido as camaras. O ministerio antecedente, denominado *Ministerio Bexigoso* (de cinco ministros, coincidencia singular, tres eram picados das bexigas) não cahira segundo os methodos parlamentares : alluira, sumira-se. Em plena maioria, sem razão, sem discussão, de repente, desapparecera — caso singular, depois muitas vezes repetido, e comparavel á conhecida catastrophe da corveta *Saragoça*. A *Saragoça*, n'um dia delicioso de Junho, n'um mar tão calmo como uma larga taça de leite, sem borrasca, sem vento, *cahiu no fundo do mar*. O casco, parece, estava tão pôdre que se dissolveu como assucar n'uma chicara de chá. Um individuo que estava na esplanada vendo-a dar uma curva magnifica sob um sol resplandecente, abaixara-se para apertar um atilho

do sapato, e, ao erguer-se, não viu mais a corveta: sondou anciosamente com o oculo o horizonte azul ferrete; olhou afflicto em redor, pela praia; mesmo, n'um gesto grotesco mas muito naturalmente instinctivo, apalpou sofregamente as algibeiras: — nada! O mar brilhava sereno, azul, immovel, coberto de sol.

O *ministerio Bexigoso* acabou como a corveta *Saragoça*. O novo ministerio foi portanto tirado do mesmo grupo da maioria — e, consequentemente, dissolveu as camaras, precaução exagerada, porque os chefes da maioria affirmavam ao illustre Dr. Cardoso que dariam ao novo governo — se elle, como o governo anterior, fôsse pela *Ordem*, pela *Moralidade* e pela *Economia* — um apoio efficaz e homogeneo.

Razões facilmente comprehensiveis determinaram o Dr. Cardoso Torres a persistir na dissolução — tanto mais quanto no primeiro Conselho de Ministros, o Dr. Cardoso e os seus collegas, conferindo a lista de parentes, amigos e notabilidades que desejavam fazer entrar na Camara, reconheceram que necessitavam de vinte e tres circulos, e que havia apenas, presentemente, quatro

vagaturas. E como, além d'isso, esses vinte e tres individuos eram geralmente homens de illustração, de respeitabilidade, de boas letras e de fortuna, a dissolução era justa.

S. M. concedeu-a — o que produziu aquelle artigo celebre do *Estandarte*, jornal do *Governo dos Bexigosos*, que ameaçava S. M. com a sorte de Luiz XVI ou de Carlos I — exactamente oito dias depois do artigo em que o mesmo jornal comparava S. M., pelas virtudes, a Tito, pela justiça, a S. Luiz, e pelo respeito da Constituição, á Rainha Victoria!

A resposta do *Globo*, jornal do Dr. Cardoso Torres, foi energica: dizia que só se podia responder com um chicote a um jornalista que ameaçava com o cadafalso S. M., que, pelas virtudes, estava muito acima de S. Luiz, e, pelo respeito da Constituição era incomparavelmente superior a Sua Graciosa Magestade a Rainha Victoria — eloquente artigo, e que appareceu exactamente quinze dias depois d'outro, violento, em que, então na opposição, o redactor do *Globo*, inspirado pelo Dr. Cardoso, dava claramente a entender que o fim provavel de S. M. seria a guilhotina de Luiz XVI, ou pelo menos o cadafalso de Carlos I!

Pondo em relevo estes factos, eu não quero por fórma alguma insinuar que haja na imprensa politica falta de sinceridade, de logica ou de dignidade. Quero apenas fazer sentir a perniciosa influencia da ambição e da paixão em espiritos cultos. Creio, porém, que S. M., ao vêr-se alternadamente destinado, pelo mesmo jornal, ao cadafalso de Luiz XVI ou á canonisação de S. Luiz, de certo não experimentaria nem terror, nem vaidade, pois que nenhuma d'estas ameaças representavam o desejo intimo do jornalista, mas eram apenas a explosão d'uma colera biliosa ou d'um reconhecimento enternecido, e, muitas vezes mesmo, uma manobra util na tactica da vida publica!

Um dos circulos menos disputados era, n'essa occasião, o de Freixo-de-Espada-á-Cinta. Propunha-se como deputado da opposição um obscuro Gervasio Maldonado, proprietario local, com uma parentela larga na terra, interesses de lavoura, etc., e o governo Cardoso Torres combatia-o, apresentando na lista governalmental, como candidato por Freixo-de-Espada-á-Cinta, o moço bacharel Arthur Gavião, filho do presidente do *Banco Nacional*, que o pae, cançado da sua dis-

sipação, queria forçar, pelos deveres que lhe imporia S. Bento — isto é o Parlamento — a uma vida disciplinada, sobria e util.

Conta-se que o snr. Alexandre Herculano, a este respeito, dissera, com aquelle espirito misanthropo que a sua voz rispida accentua d'um relevo amargo :

— Se o Gavião queria morigerar o rapaz, devia-o conservar no bordel, e não o mandar para o Parlamento !

Mas o que eu penso do snr. Alexandre Herculano, dos seus ditos, da sua misanthropia, da sua moral e das suas letras, escrevel-o-ei um dia, desassombradamente.

O snr. Arthur Gavião (que tão desgraçadamente morreu depois afogado ao pé de Caxias) era pois o candidato governamental por Freixo-de-Espada-á-Cinta, quando Joaquim Osorio Teixeira, ministro da Justiça, declarou com decisão que era simplesmente uma affronta ao Bom-Senso, á Camara e á Dignidade do Governo, nomear por Freixo-de-Espada-á-Cinta um individuo que, ás quatro horas da tarde, descia o Chiado, n'uma tipoia, com meretrizes andaluzas, inteiramente embriagado.

Gavião pae, mais tarde, affirmava que

esta opposição do ministro da Justiça não era inspirada por puros motivos de moralidade publica, mas constituia a vingança pessoal d'uma antiga humilhação, caso complicado de letras a tres mezes, etc., etc.... como elle accrescentava com uma reticencia maligna.

O Presidente do Conselho, porém, amigo de Gavião, e desejando conservar ao Governo aquelle solido apoio do Capital e da Propriedade, insistia na candidatura do libertino Arthur.

Um dia, comtudo, Joaquim Osorio Teixeira declarou que faria d'essa candidatura uma questão pessoal, que elle não podia auctorisar o patrocinato legal do deboche, e que, se o collega Cardoso insistisse, elle, Joaquim Teixeira, trotaria para Cintra a pôr a sua demissão nas mãos de S. M.

Cardoso, receando o conflicto, riscou sem mais observações da lista governamental o nome do jovial libertino.

Á noite, porém, em casa, ao chá, exprimiu com azedume o seu embaraço: não só descontentava o Gavião pae — um colosso — mas ahi ficava o circulo de Freixo-de-Espada-á-Cinta vazio, viuvo...

— Homem — acudiu immediatamente o Dr. Vaz Correia, velho amigo da casa — parece-me que tenho exactamente o que lhe convem : o Alipio Abranhos !

Cardoso Torres não o conhecia pessoalmente. Vaz Correia, porém, demonstrou-lhe com abundancia eloquente as vantagens da escolha : como familia, Alipio era um Noronha ; como illustração, um premiado ; como posição de fortuna, era genro do Amado ; como experiencia politica, fôra redactor da *Bandeira*, formado na prudente escola do taciturno e profundo Conselheiro Gama Torres ; como maneiras — um fidalgo ; como lealdade — um Bayardo !

E Cardoso, apontando-lhe immediatamente no livro de notas que trazia sempre comsigo, o nome, a edade, a morada e os premios, retomou a sua chicara de chá, dizendo :

— Pois mande-m'o cá. Mettemol-o por Freixo !

As eleições realisaram-se d'ahi a tres semanas e o ministerio teve uma maioria compacta, solida, homogenea.

Os jornaes da opposição, é certo, affirmaram que como corrupção, tricas, violencias, peitas, influencias obscenas, não só continua-

vam a tradição obsoleta dos Cabraes, mas offereciam a evidencia dolorosa da nossa decadencia social!

O *Estandarte* dizia: «É immenso como «torpeza; mas nós applaudimos, porque um «ministerio que assim procede, inspira, ipso-«facto, um nojo generico. Este governo não «ha-de cahir — porque não é um edificio. «Tem que sahir com benzina, — porque é «uma nodoa!»

O *Progresso Social* affirmava: «somos o «escarneo da Europa!»

A *Nacionalidade* informava com chiste: «Está averiguado que a maior parte das ur-«nas tinham fundos falsos: nada admira o «expediente, vindo d'um ministerio de pe-«lotiqueiros» — alludindo maliciosamente ao ministro das Obras Publicas, cuja pericia em fazer habilidades com cartas era geralmente estimada e muito apreciada na sociedade.

Mas o *Globo*, jornal do Governo, teve esta sahida resplandecente: «O *Estandarte*, jor-«nal dos *Bexigosos*, escreve no seu artigo de «hontem: «O governo não ha-de cahir — «porque não é um edificio. Tem que sahir «com benzina — porque é uma nodoa!» «Este plagiato é torpe: aquella phrase foi

« escripta por nós, *ipsis verbis*, no n.º 1214
« d'este jornal, na occasião em que os *Bexi-*
« *gosos* elegeram a camara passada ! »

Ambos os partidos se consideravam reciprocamente uma nodoa — e se queriam supprimir com benzina ! Ah, quando se compenetrará a imprensa da elevação do seu sacerdocio ?

A unica eleição que nunca foi vituperada nos jornaes da opposição foi a de Freixo. Com effeito Alipio Abranhos, logo que soube da sua nomeação, prevendo os uivos da minoria, correu as redacções, onde, do tempo da sua collaboração na *Bandeira*, conservara ligações affectuosas, e foi dizendo, aqui e além, com uma notavel habilidade politica :

— Vocês comprehendem. Eu venho por Freixo. Venho pelo Governo . . . Mas eu não me liguei, eu não me comprometti. Estou na espectativa. Vocês comprehendem . . .

Comprehenderam, creio — e a *Nacionalidade* escreveu mesmo : « O melhor resul-
« tado d'estas eleições, foi mandar á Camara
« o nosso antigo condiscipulo, o Ex.mo Alipio
« Abranhos, esposo da formosa filha do digno
« Desembargador Amado, e que já nos ban-

« cos da Universidade era justamente reputa-
« do pelos seus dotes notaveis d'orador. »

Eu conservo religiosamente a carta que Alipio Abranhos escreveu ao Dr. Cardoso Torres, agradecendo a sua eleição. Considero-a sinceramente um modelo epistolar; ella póde realmente soffrer comparação com todas as cartas historicas — sem exceptuar a celebre carta do Dr. Samuel Johnson ao Conde de Chesterfield. Eis esse notavel monumento d'estylo :

« Ex.mo Snr.

« Vindo expressar a V. Ex.a o meu reco-
« nhecimento immorredouro pela maneira es-
« pontanea como V. Ex.a me abriu de par
« em par as portas da vida publica, eu não
« julgo necessario produzir bem alto a affir-
« mação da minha profunda adhesão ao Go-
« verno. O ministerio a que V. Ex.a preside
« representa o que ha de mais elevado como
« intelligencia, de mais completo como scien-
« cia de administração, de mais estricto como
« moral, e de mais genuino como elemento
« conservador. Não ha quasi merito em que
« um homem — que só deseja para o seu paiz

« instrucção, administração proba, moral e « ordem — dê o seu apoio incondicional e « absoluto a quem tão alto garante a prospe- « ridade publica.

« Quero comtudo expressar a V. Ex.ª a « minha dedicação particular para com a pes- « soa de V. Ex.ª e rogar-lhe que me dê o mais « depressa possivel occasião de publicamente « lh'a patentear — não porque me pese esta « honrosa divida de gratidão, mas porque « me consumo no desejo de dar publicamente « um testemunho da minha admiração pelas « altas qualidades politicas e individuaes de « V. Ex.ª. »

« De V. Ex.ª, etc.
« *Alipio Abranhos.* »

Esta carta deu occasião a que se estabelecesse nas regiões politicas um util e nobre principio, que muito tem concorrido para manter perante o paiz o prestigio dos homens publicos.

Quando, tres mezes depois de a ter escripto, Alipio Abranhos passou para os bancos da opposição e pronunciou aquelle notavel discurso em que provou claramente ao paiz que o Governo Cardoso Torres não

possuia nem intelligencia, nem sciencia, nem ordem, nem economia, nem moralidade, Cardoso Torres, n'um condemnavel impulso de vingança mesquinha, quiz tornar publica a carta que eu respeitosamente citei.

Não havia de certo nada de desagradavel para Alipio Abranhos na publicação d'essa eloquente pagina de prosa, mas tal publicidade, auctorisada por tal individualidade, equivalia a desconhecer o salutar principio do *segredo da correspondencia privada*, em materia politica. Por isso, em defesa do principio, Alipio Abranhos intimou Cardoso Torres a que não publicasse a sua carta.

As negociações foram longas e muito delicadas. Mas em presença da opinião de varios membros do Governo, de numerosos membros da maioria, de jornalistas e notabilidades de todos os credos politicos, ficou estabelecido que uma carta particular não soffria publicação ; que tal regra, a desprezar-se, estabeleceria um pernicioso systema de vinganças e de represalias ; que, n'esse caso, muitas cartas, que por motivos obvios convinha guardar nas secretarias, appareceriam a publico ; e finalmente que era do interesse de todos os partidos e indispensavel

á sua consideração publica, que nunca vissem a luz da publicidade documentos privados, isto em obediencia áquella sabia regra politica, tão pittorescamente formulada por Napoleão I: «é necessario que a roupa suja seja sempre lavada em familia!»

Temos pois Alipio Abranhos deputado por Freixo-de-Espada-á-Cinta. A sua surpreza, ao vêr-se subitamente e inesperadamente installado n'uma cadeira em S. Bento, foi na realidade deliciosa.

De certo, contava entrar um dia na vida publica, onde logicamente o chamavam o seu talento e os seus estudos, mas não esperava que fôsse tão cedo, apenas chegado da quinta de Campolide e das pieguices da lua de mel. Podia pois dizer com orgulho que não fôra a intriga, a corrupção, a pressão que lhe davam a posse d'aquelle circulo, que se tinha aberto de par em par ao seu talento dominador. Elle, de facto, conhecia tão pouco Freixo-de-Espada-á-Cinta, que lhe succedeu dizer no agradecimento que dirigiu aos seus eleitores: «Um dia, meus amigos, irei visitar a vossa bella provincia do *Minho*,

que eu apenas conheço incompletamente, e espero então, oh ! freixenses, apertar a vossa mão honrada de verdadeiros liberaes e de verdadeiros portuguezes ! » Ora é bem sabido que Freixo-de-Espada-á-Cinta não é no Minho : é em Traz-os-Montes.

Porém, este natural equivoco — de que elle mesmo mais tarde se ria com bonhomia — é a prova mais decisiva de que Alipio Abranhos foi eleito deputado, não por ter « intrigado » n'um circulo, mas pela simples evidencia do seu formoso talento.

De resto, apenas abertas as Camaras, tendo-se informado com cuidado dos nomes das pessoas influentes de Freixo-de-Espada-á-Cinta, a todas escreveu, offerecendo a sua influencia, os serviços da sua eloquencia e a sua casa.

E foi infatigavel : cartas d'empenho, recommendações para examinadores, Cruzes de Christo, empregos subalternos, licenças para visitar Monserrate, tudo deu prodigamente, expontaneamente aos freixenses. Nenhuma solicitação vinda de Freixo era descuidada. Mesmo um joven poeta, filho d'um influente, que viera implorar a sua protecção, teve o orgulho de vêr o seu drama — *Vingança*

*d'um Rival* — representado em D. Maria, ainda que soffreu no fim o desgosto d'uma pateada memoravel. Alipio, porém, consolou-o, empregando-o immediatamente na repartição das *Contribuições Indirectas*.

No primeiro anno em que eu exerci as funcções de seu secretario particular, muitas vezes notei, á mesa, ou á noite na sala, individuos silenciosos que se sentavam com timidez na borda das cadeiras, se levantavam sempre que o Conde lhes passava rente, e tinham nas physionomias e nos fraques o quer que fôsse d'insolito : eram freixenses que vinham á Capital e alli encontravam uma hospitalidade benevola, e que, de volta á sua montanha, celebravam o poder do deputado e a sua grande affabilidade. Naturalmente, logo que o Conde foi nomeado Par do Reino, esta benevolencia systematica findou, e elle, segundo a sua engraçada expressão, « livrou-se para sempre d'aquella horda de carrapatos ! »

Como já disse, a sua nomeação causou a Alipio Abranhos uma viva alegria. Mais tarde, a Condessa contou-me que, poucos dias depois da eleição, o surprehendera, uma manhã, deante do espelho, vestido com a sua farda nova de deputado e exclamando :

— Peço a palavra, snr. Presidente! Ordem! Ordem! Apoiado! Não seremos nós que desertaremos a bandeira do progresso!...

A snr.ª Condessa, na sua simplicidade de mulher, ria d'este incidente. Mas a mim commoveu-me e fez-me pensar em Demosthenes, ensaiando, junto do mar, as suas apostrophes sublimes aos tyrannos.

Toda a familia, de resto, gozava prodigiosamente este triumpho inesperado. Sua tia mesmo escreveu-lhe uma longa carta — que tenho deante de mim — em que a sua ternura divagava nos zig-zags da grossa letra de ganchos. Pedia-lhe que nunca se esquecesse de que a ella devia «a grande posição que tinha» e promettia visital-o com seu marido, «não só para vêr as bellezas da Capital, mas para te admirar agora que estás no poleiro!» Até D. Laura, tão desinteressada das cousas da terra, lia o extracto das sessões nos jornaes, gozando de vêr impresso o nome do genro, e o padre Augusto, apezar da sua habitual pacatez, ia agora todas as noites ao Martinho, para surprehender, no *brouha-ha* das conversas, os elogios dados a Alipio Abranhos. D. Virginia, essa, frequentava assiduamente a galeria da Camara, até ao

dia em que o estado adeantado da sua gravidez não lhe permittiu, como ella dizia, «mostrar-se decentemente em publico».

Comtudo, Alipio conservava na Camara um silencio discreto. Eu poderia dizer, paraphraseando um dito historico, que não estava embatucado, mas sim concentrado. No emtanto, preparava-se: ia-se penetrando dos habitos parlamentares, estudava o regulamento, o mechanismo legislativo, as tricas; por assim dizer, aguçava devagar e com prudencia as finas laminas do espirito loquaz. Formava então a sua bibliotheca d'homem d'estado: munira-se dos discursos de Mirabeau, de Berryer, de Lamartine, de Guizot; adquiriu o util diccionario de conversação; estudou aturadamente as instituições da Belgica; mas, sobretudo, frequentava, escutava os velhos parlamentares, os venerandos praticos da politica constitucional. Como Achilles, recolhido na sua tenda, Alipio Abranhos forjava as suas armas para a batalha!

A sua estreia, isto é, a primeira palavra que soltou na Camara, foi singularmente admirada. Não foi propriamente um discurso: apenas um curto *àparte*. Mas, como n'um gole d'agua se contém um mundo d'organismos,

n'um aparte póde existir toda uma revolução.

Temos um exemplo classico d'esta verdade politica na sessão da Convenção que precedeu a queda de Robespierre : o sinistro e secco dictador, na tribuna, sente de repente a voz perturbar-se-lhe, sumir-se-lhe . . .

— É o sangue de Danton que te suffoca ! — grita-lhe Lemaillet.

O estremecimento, o grito d'apoio que corre nas galerias a esta lugubre apostrophe, prova que Robespierre está bem abandonado pela França, que chegou emfim o glorioso 9 Thermidor !

O àparte do nosso Alipio não teve de certo esta emphase tragica, porque não se tratava, felizmente, d'abater um tyranno. Era simplesmente a discussão da resposta ao discurso da Corôa : fallava o obeso snr. Gomes Barreto, da minoria, affecto aos *Bexigosos*, que, o rosto incandescente, o punho alto, atacava o ministerio Cardoso Torres em periodos brutaes.

— Quem sois ? Para onde ides ? — exclamava elle. — O que representaes vós no paiz ? Onde estão as vossas medidas, os vossos beneficios ? Ninguem vos conhece ! Ereis

uma minoria obscura e intrigante *(ordem! ordem!)* Intrigante, snr. Presidente, uma minoria intrigante e tortuosa! De repente, vejo-vos ahi, n'essas cadeiras amadas do poder... Tenho o direito de vos perguntar: como vos chamaes, que fazeis ahi? Como entrasteis vós para aqui? Vós sois o ministerio que entrou para o poder com uma gazua!

Mas n'esse momento Alipio ergue-se e brada:

— E vós sois o ministerio que se sumiu d'aqui por um alçapão!

Então, a esta rancorosa allusão ao modo como o gabinete dos *Bexigosos* tinha desapparecido do poder, á maneira da corveta *Saragoça*, uma enorme hilaridade sacode as ilhargas da Camara, das galerias, dos stenographos... uma hilaridade immensa, como aquella que o velho Homero põe na bocca dos Deuses e que fazia tremer as columnas de crystal do Olympo. Bravos roucos sahem impetuosamente das galerias negrejantes de gente. E o presidente, o honrado Dr. Antão Carneiro, escarlate de jovialidade contida, fungando pelo nariz frouxos de riso mal comprimidos, repica furiosamente a campainha...

— São os do alçapão ! São os do alçapão ! — ruge com jubilo a maioria.

As lunetas de Gomes Barreto cahiram ; bagas de suor cobrem-lhe a testa côr de cidra, e, aniquilado, engulindo ainda alguns periodos confusos, rola da tribuna com a inercia d'uma pedra desequilibrada !

Todos os jornaes, na manhã seguinte, citavam o *dito*, e Alipio Abranhos entrou na popularidade.

Gozou elle este triumpho ? Não. Muitas vezes m'o disse mais tarde : aquelle dito sahira-lhe da bocca inesperadamente, involuntariamente, como um ataque de tosse, como um arroto ! Não o pudera conter. O que elle estava preparando, desde o começo do discurso de Gomes Barreto, era esta bella phrase: «Nós chamamo-nos o *Progresso* e vamos para a *Liberdade !* » E infelizmente sahira-lhe este dito, pittoresco sim, mas baixamente popular.

Alipio Abranhos teve assim o desgosto de passar durante algum tempo por « um grande chalaceador. »

As orelhas abrazaram-se-lhe de vergonha quando, n'essa noite, o padre Augusto lhe veiu dizer que no Martinho era voz geral que « p'ra chalaça não havia outro ! »

Quizera estrear-se, mostrando a profundeza d'um philosopho, e faziam-lhe a reputação d'um folhetinista... Teve rancor ao seu *áparte*. Negal-o era impossivel: lá vinha ao outro dia no *Diario das Camaras*, com esta indicação do movimento *(immensa hilaridade)*.

Teve então de soffrer um martyrio mudo, grotesco, de receber parabens por uma façanha que o vexava. O Cardoso Torres dissera-lhe:

— É d'isso que se quer! É d'isso que se quer! Vejo que o amigo é homem de pilheria. É matal-os com dichotes!...

Que agonia! E peior ainda foi quando sua tia lhe escreveu, dizendo que em Amarante, em casa das Neves e das Cunhas, «se tinha fallado muito da pilheria que elle dissera na Camara, que fizera rir toda Lisboa» e que a opinião de todos era que devia ser muito temido, «por causa das chalaças que soltava». Isto era odioso para um espirito elevado como o d'Alipio Abranhos.

Então a sua attitude tornou-se cautelosa. Para destruir aquella falsa, grotesca fama de «chalaceador», assombreou, sublinhou a sua natural seriedade. Tornou bem patente que aquelle *dito* era, nos seus ha-

bitos intellectuaes, uma extravagancia isolada. Conversava com prudencia, evitando tudo o que pudesse ser tomado como «gracejo», «sahida» ou «pilheria». A sua attitude na Camara era como a affirmação exterior da gravidade dos seus pensamentos: conservava-se erecto, com os braços cruzados, a testa franzida, pensativo. E um dia que Cardoso Torres lhe disse:

— O ami o recolheu-se ao silencio. Atirelhes outro epigramma, homem! Não os deixe... espicace-os!...

Alipio respondeu, despeitado:

— Quando eu combater a opposição, snr. Cardoso Torres, ha de ser com a logica — não com a pilheria!

— Pois sim, mas olhe que o ridiculo é uma grande arma.

— Não a sei manejar, snr. Cardoso Torres.

— Historias!... O amigo tem graça... É utilisal-a.

Alipio Abranhos tomou rancor a este cavalheiro, e eu posso mesmo, com afouteza, datar d'esta entrevista a sua resolução de se separar do ministerio Cardoso Torres.

Entretanto elle comprehendia que a maneira efficaz e digna de mostrar á Camara

e ao paiz a verdadeira feição do seu talento serio, era pronunciar um grande discurso d'eloquencia grave: preparou-se então com fervor para a sua verdadeira *estreia*.

Os projectos pueris n'esse momento em discussão, não lhe davam a opportunidade de fazer uma oração elevada. Eram medidas subalternas — estradas, um projecto de caminho de ferro, legislação para as colonias — uma serie de trabalhos monótonos, em que se comprazia o espirito mesquinhamente pratico de Cardoso Torres, e que a maioria votava, distrahida, desinteressada, perante as galerias vazias.

Esperava-se, porém, uma *Reforma da Instrucção*, e Alipio Abranhos decidiu fazer n'essa occasião a sua «estreia d'estadista».

A composição d'este discurso celebre foi feita no meio de preoccupações graves de familia. Chegava Março e com elle o nono mez de gravidez de D. Virginia Abranhos. D. Laura installara-se em casa do genro para se achar mais perto da filha no momento do transe. Uma bella moça de Campolide, a futura ama, já estava em casa, e toda a noite ardiam lamparinas propiciatorias junto de santos especiaes.

Entretanto, no seu escriptorio, Alipio Abranhos, cercado d'auctores, compunha o seu discurso.

A Condessa, mais tarde, muitas vezes me confessou quanto a affectava, no meio dos seus terrores — pois estava certa de que morreria — vêr de repente, ás onze horas, á meia noite, o marido entrar-lhe pelo quarto, de chinelos e *robe-de-chambre*, o olhar brilhante, e lêr-lhe algum periodo magnifico que acabava de produzir. Com a roupa sobre o queixo, a face um pouco inchada, que lhe repuxava a pelle em torno dos olhos, escutava, olhando a sombra grotesca, de grande nariz, que o perfil d'Alipio projectava sobre a parede, e aterrava-se pensando que o menino — ou a menina — pudesse nascer com aquelle nariz descommuual, fóra de toda a proporção, de tromba, medonho!

Emfim o dia chegou. N'essa manhã D. Virginia tinha sentido de madrugada algumas dôres, e isto causou entre D. Laura e Alipio uma pequena altercação ao almoço. A velha devota não comprehendia que Alipio Abranhos fôsse á Camara n'esse dia, quando sua mulher estava n'uma crise tão grave e na proximidade d'um perigo possivel.

— Mas, minha senhora, eu estou inscripto para fallar . . .

—Não ha fallas nem discursos ! O seu dever é estar aqui, a animar a pequena... O seu logar hoje é em casa ! Primeiro que tudo estão os deveres que tem para com sua mulher.

Alipio Abranhos aniquilou-a com esta nobre phrase :

— Se tenho grandes deveres para com minha mulher, não os tenho menores para com o meu paiz.

E para terminar o incidente, accrescentou para o creado :

— José, vá-me buscar uma tipoia. Fechada !

Tomara, logo ao erguer-se, duas gemadas para clarear a voz, fortifical-a, e queria evitar o frio d'essa aspera manhã de Março. O tempo, com effeito, inquietava-o : havia um sudoeste brusco no ar ennevoado, e elle receava que a chuva afastasse o publico da galeria.

Choveu, infelizmente, a torrentes ; e Alipio teve o desgosto de vêr, ao chegar a S. Bento, que não só a Camara era menos numerosa do que habitualmente, mas que os bancos das galerias estavam quasi desertos.

Os deputados que tinham vindo a pé e traziam as botas encharcadas e os joelhos humidos, passeavam nos corredores; ruidosamente a chuva fustigava a claraboia. E Alipio não poude deixar de pensar com despeito, que havia da parte de Deus uma certa ingratidão, fazendo tão chuvosa essa manhã memoravel, em que elle vinha á Camara defender o sagrado principio da educação religiosa.

— Tem a palavra o snr. Alipio Abranhos — disse emfim, na sua voz um pouco fanhosa, o presidente, Dr. Antão Carneiro.

Muitas vezes o Conde me confessou que sentiu n'esse momento uma agonia: o estomago contrahia-se-lhe, e receou um momento que uma subita dôr de ventre o obrigasse a correr á latrina — situação medonha — ou que, de repente, se lhe varresse da memoria todo o discurso, que, havia tres noites, declamava successivamente no silencio do seu escriptorio.

Felizmente para o paiz, nem a memoria nem a entranha o trahiram... e Alipio Abranhos, n'essa fria manhã de Março, fez o primeiro discurso da sua fecunda e grandiosa carreira politica.

Este discurso é bem conhecido (1). Alguns dos seus melhores trechos estão transcriptos na *Selecta* para uso dos alumnos do 3.º anno de portuguez.

O Conde conservou sempre por este primeiro trabalho uma predilecção parcial. Elle é, com effeito, apezar do liberalismo exagerado que o caracterisa — e que mais tarde a experiencia, o poder, os annos, o conhecimento dos homens devia tão cabalmente diminuir — a obra litterariamente mais bem trabalhada do Conde.

Esse exagero liberal é, porém, facilmente explicavel. Não só, então, ainda moço, o seu espirito, apezar de grave e reflectido, era susceptivel d'um certo enthusiasmo, mas tambem o discurso, composto sob a influencia de recentes leituras de Mirabeau e de Lamartine, tomara naturalmente a ampla rhetorica liberal que domina as orações d'esses mestres. Esse excessivo espirito de liberalismo póde-se dizer que é puramente reflexivo : assemelhando-se tanto á eloquencia d'esses inspiradores, o discurso conservou

(1) Vide *Discursos do Conde d'Abranhos*, com notas e apreciações da imprensa. Editor Cruz. 1873. Lisboa.

alguma cousa das suas doutrinas. Que é, porém, genuinamente de Alipio Abranhos, attestam-n'o o estylo, o colorido, o periodo.

Quem não conhece essa formosa imagem sobre o envenenamento das fontes publicas, comparado ao envenenamento das nascentes do espirito? Que formoso quadro aquelle em que descreve o «sombrio vulto de Filipe II» no Escurial! Com que vigor pinta a poesia dos tempos cavalheirescos da Meia-Edade! Que pagina aquella em que descreve a invasão dos Barbaros e «o cavallo d'Attila que, onde pousa a pata, faz seccar a herva dos prados!» Que sublime apostrophe arremessada a Tiberio! Que traços d'um pittoresco historico n'essa imagem sobre o «sombrio jesuita, aqui mettendo na mão de «Ravaillac o punhal regicida, além aperrando «a clavina que ha de fazer em estilhaços os «vidros do coche de D. José I, depois vertendo «na taça de vinho de Chypre que o Papa Cle-«mente leva aos labios, o veneno negro dos «Borgias!» Que periodos repassados de lagrimas sobre o cadafalso de Luiz XVI! Que grandeza epica, descrevendo, através da Europa «o galope triumphante do cavallo branco de Napoleão!»

Poderia dizer-se que tudo isto nem sempre vinha a proposito ; poderia dizer-se mesmo, como o conhecido litigante ao advogado loquaz : « Não se trata de Roma, de « Carthago, nem da destruição de Babylonia : « trata-se do meu sobrinho. Falle do meu so- « brinho ! » Mas a isto dever-se-ia responder : « Então reclamae para sempre a suppressão « da Poesia, da Eloquencia e do Genio ! »

Cada uma d'estas grandes imagens, destinadas a enriquecer o peculio nacional da oratoria classica, era seguida d'um estalar enthusiasta de « bravos ! », de « sublimes ! » A voz, muito admirada, tinha uma plenitude metallica e sonora e ia, nas suas ondulações vibrantes, como ondas triumphantes que banham os rochedos da praia, bater os renques de peitos dilatados e extaticos. O gesto foi considerado perfeito, ainda que as frequentes punhadas no rebordo da tribuna, dando um som oco de pau, pareceram demasiadamente impetuosas.

E Alipio, que subira á tribuna simples Alipio Abranhos — era, quando desceu, « o nosso inspirado Alipio Abranhos ! »

Muitas vezes este adjectivo, ou outros parallelos — « o nosso espirituoso », « o nosso

fertil» — são todo o proveito d'uma vida de labor e de producção. Quantos dão tudo o que contém o cerebro, até á ultima gota, ficando depois, para sempre, com o aspecto grotesco e triste d'um limão espremido — cuja recompensa é, ao fim de tanto esforço doloroso, uma sinecurazinha n'uma repartição do Estado e um adjectivo adeante do nome!

Mas, para Alipio Abranhos, a recompensa não se limitou a um adjectivo, e esse discurso foi o começo da sua prodigiosa carreira.

Ao entrar em casa, ainda vibrante das emoções da Camara, esperava-o outra alegria, mais grave, mais intima: era pae! Era pae desde as tres horas da tarde! Foi sua sogra que lh'o veiu annunciar ao alto da escada, n'um grito:

— E o senhor até a estas horas por fóra! Está tudo acabado! É um menino! E com a maior felicidade!... É um menino! O seu vivo retrato!

Não descreverei a scena tocante e dôce que se passou no quarto da parturiente, porque a ella não assisti. Não quero, como esses biographos d'antigos reis e estadistas, que descrevem os gestos e as palavras de scenas

passadas em outros seculos, introduzir o elemento imaginativo, o romance, n'este trabalho historico. Mas todos nós podemos conceber a emoção d'esse pae, sahido apenas d'um triumpho social para vir gozar inesperadamente um triumpho domestico, no mesmo dia orador consagrado e pae venturoso.

Dizem-me que Alipio Abranhos, acabrunhado d'uma felicidade muito forte, se deixou cahir n'uma poltrona com os olhos banhados de lagrimas, o filho nos braços, envolto nas suas faixas brancas, e murmurou:

— Isto é um dia historico... isto é um dia historico!

Passou-se então dos dois lados da cama — onde D. Virginia, branca como as rendas da fronha, sorria d'um vago sorriso exhausto — uma tocante troca d'impressões exaltadas. Alipio contava o seu discurso e D. Laura o parto.

— A Camara ergueu-se como um só homem, e eram bravos, eram berros!

— As primeiras dôres foram terriveis, não é verdade, filha? Estava agarrada ao meu braço, que até tenho a certeza que me deixou uma nodoa negra.

— Coitadinha! Mas o melhor foi quando eu desci; os apertos de mão, os abraços...

— Abraços merece ella, que se portou com muita coragem! E a creança, que sahiu como por uma porta aberta...

Ao canto do quarto, o novo ser, tenra vergontea da casa dos Noronhas, indo dos braços da parteira para os braços da ama, chorava baixinho, com um som de boneca a que se aperta o estomago, nas suas primeiras contrariedades humanas.

N'esse mesmo dia, «em attenção á coincidencia do seu nascimento e do triumpho do papá», como disse o padre Augusto, foi decidido que o menino se chamasse Carlos Bemvindo.

Durante o periodo legislativo d'esse anno, Alipio Abranhos fez ainda dous discursos, um, sobre politica colonial, outro, sobre o projecto do Caminho de Ferro de Leste. Este ultimo é sobremodo eloquente: poder-se-ia chamar a *Ode ao Caminho de Ferro*.

Nunca o utilitario modo de communicação foi descripto com tal colorido, com tal vigor d'imaginação: «Vêdel-o — exclama o

orador — esse monstro de ferro, soltando das narinas turbilhões de fumo, semelhante ao Leviathan da fabula! *(bravo! bravo!)* Vê-del-o, atravessando como um relampago os mais aridos terrenos: e que maravilhoso espectaculo se nos offerece então: ao contrario do cavallo d'Attila, cuja pata fazia seccar a herva dos prados, por onde passa este novo cavallo de fogo *(bravo! bravo!)* brotam as searas, cobrem-se as collinas de vinha, *(muito bem! muito bem!)* penduram-se os rebanhos nas encostas verdejantes dos montes, murmuram os ribeiros nas azinhagas, ondulam as searas *(muito bem!)* e o jovial lavrador lá vai, satisfeito e alegre, cantando as deliciosas canções do campo, junto á esposa fiel, coroada das mimosas flores dos prados!» *(Bravo! Bravo! Sensação).*

Encerradas as sessões, Alipio Abranhos, sua esposa e o tenro Bemvindo partiram para Campolide, onde iam passar o verão.

Foram tres mezes de concentração, de intima felicidade. Tinham passado alli, havia um anno, a sua lua de mel, e a sombra de cada arvore, cada mouta de flores, possuiam para elles o valor d'uma recordação deliciosa: a quinta tornara-se-lhes como uma vasta

confidente sympathica ; era com orgulho que lhe levavam o tenro Bibi, rabujando nos braços da ama, como o fructo vivo do amor que ella protegera.

Mas nem por isso Alipio Abranhos ficou inactivo. Trabalhou muito e alli escreveu trechos, imagens, perorações de futuros discursos. Foi alli tambem que elle tomou, passeando á tarde na bella alameda de loureiros, como costumava, devagar, com as mãos atraz das costas, a resolução importante que devia ter na sua carreira uma influencia tão grave.

O ministerio Cardoso Torres, ao fim da ultima sessão parlamentar, estava *gasto*. Esta expressão a que eu chamaria, se me não contivesse o respeito, a «giria constitucional», refere-se a um phenomeno veneravel e repetido, que eu nunca comprehendi bem, apezar das explicações benevolas que me foram dadas por conservadores, republicanos e scepticos.

Ha ministerios *que se gastam*. E todavia, esses ministerios, como os outros, administram o thesouro com honestidade, fazem o expediente das secretarias com sufficiente regularidade, manteem no paiz uma ordem

benefica, não opprimem nem a imprensa nem a consciencia, são respeitosos para com o Chefe d'Estado, acompanham com dignidade, ao alto de S. João, todos os defuntos illustres, fallam nas Camaras com honrosa correcção, são na vida privada cidadãos estimaveis, e no emtanto — ao fim d'alguns mezes d'esta rotina honesta, pacata e hygienica — *gastam-se*.

Gastam-se porquê? Comprehende-se que um ministerio que lucta com difficuldades, que se colloca ao través da opinião publica, *se gaste*, como ao través d'um fragil estacado que uma corrente hostil incessantemente bate. Comprehende-se ainda que um governo, creado especialmente para resolver certas questões sociaes ou politicas, se torne desnecessario, desde que as tenha resolvido, e fique como o zangão que fecundou a abelha e é d'ahi em deante um inutil.

Mas quando se não dá nenhuma d'estas hypotheses, quando os ministros não foram trazidos do seio da sua familia para resolver questões sociaes, — ou porque as não haja, ou porque seja um principio tacitamente estabelecido deixal-as sem resolução — quando, em logar de se esforçarem contra a larga cor-

rente da opinião, os ministros lhe boiam regaladamente no dorso, não comprehendo como um ministerio se possa *gastar*.

Um dia pedi respeitosamente ao Conde d'Abranhos a explicação da palavra e do phenomeno, e S. Ex.ª, o que raras vezes succedia, deu uma resposta vaga, tortuosa, reticente :

— É uma cousa que se sente no ar. É um não sei quê . . . Sente-se que a situação está gasta . . .

Não me permittiu o respeito que insistisse, mas, no fundo do meu entendimento, guardo um secreto terror por este phenomeno incomprehensivel !

O ministerio Cardoso Torres estava portanto *gasto*. Calculava-se que elle pudesse talvez sobreviver durante grande parte da proxima sessão, mas, para o fim d'Abril, devia desapparecer subitamente, como tinham desapparecido os *Bexigosos* e a corveta *Saragoça !*

O *Partido Nacional* retomaria então o poder, e Alipio Abranhos, que agora era Governo, Influencia, Força, Lei, passaria a ser o deputado loquaz d'uma opposição esteril, pois que ninguem acreditava que os *Refor-*

*madores* — a que pertencia Cardoso Torres — tendo subido ao poder por um *acaso*, vissem esse *acaso* repetir-se. Os *Reformadores* eram pois, na phrase classica, «um partido sem futuro». O proximo ministerio *Nacional* havia de collar-se ás cadeiras do poder durante annos. E poderia, durante annos, Alipio Abranhos vêr as suas faculdades, o seu genio, gastarem-se na rhetorica hostil e rancorosa da opposição ?

Além d'isso o seu circulo de Freixo não era ainda um circulo certo. Durante esses curtos mezes de sessão, Alipio não tivera tempo de prender definitivamente, pela gratidão, pelo interesse, pela lisonja, pelos serviços prestados, os influentes de Freixo. Se os *Nacionaes* dissolvessem a Camara, quem sabe se Alipio Abranhos não se veria empurrado involuntariamente para as doçuras da vida intima, fazendo biribi no beicinho do Bibi, sob as sombras de Campolide, emquanto outros, sem a sua eloquencia nem os seus estudos, trotariam para Belem, repoltreando-se nas almofadas do poder ?

De certo tinha deveres para com Cardoso Torres : fôra elle que o nomeara deputado, que lhe abrira as portas da vida publica, que

o fizera... Mas, por outro lado, tinha deveres maiores para comsigo mesmo, para com a sua carreira, o seu nome, e, sobretudo, para com o tenro Bibi. Não devia elle tornar-se grande no seu paiz para um dia poder apoiar a carreira do Bibi? Tinha ainda deveres para com Virginia, a quem pesava a obscuridade social, e que, como uma verdadeira portugueza, anciava por fazer a sua grande mesura de côrte deante de SS. MM. Tinha emfim deveres para com o paiz, ao qual não podia negar os serviços do seu alto entendimento!

Estas considerações pesou-as bem Alipio Abranhos, n'essas horas da tarde em que passeava solitario na alameda de loureiros; e quando em principios de Novembro voltou para Lisboa, tinha decidido, no segredo da sua alma, passar-se com as suas armas de eloquencia e a sua bagagem de saber para o campo inimigo. Ia fazer-se opposição!

Esta resolução não a revelou a ninguem, — nem á sua esposa — mas durante mezes preparou o grande discurso em que explicaria, como elle disse, «as razões d'Estado que me fazem passar d'estas bancadas estereis (e de-

signava a maioria) para aquelles bancos fecundos !» (e mostrava a opposição).

Muitas vezes este grande acto politico foi chamado uma «indecente traição». Nada mais absurdo. Pergunto eu: que é trahir? É abandonar os ideaes que se serviram, e passar, sem razão, para o serviço d'ideaes oppostos que até ahi se combatiam! Isto é normalmente, materialmente, uma *traição.*

Mas havia entre os *Reformadores* e os *Nacionaes* ideaes oppostos? Abandonava Alipio Abranhos idéas queridas, para ir, por interesses grosseiros, defender idéas detestadas? Não.

As idéas que servia entre os *Reformadores*, ia servil-as entre os *Nacionaes.*

Em Religião, que eram os *Reformadores?* Catholicos, Apostolicos, Romanos. E os *Nacionaes?* Idem.

Em Politica, o que eram os *Reformadores?* Conservadores constitucionaes. E os *Nacionaes?* Idem.

Não tinham ambos o mesmo amor pela dynastia? — O mesmo.

Não eram ambos sustentaculos dedicados da propriedade? — Dedicadissimos.

Não desejavam ambos a estricta applica-

ção da *Constituição, só da Constituição, de toda a Constituição?* — Desejavam-na ambos, ardentemente.

Não eram ambos *centralisadores?* Eram.

Não estavam ambos firmes na manutenção d'um exercito permanente? Firmissimos, ambos.

Não tinham ambos um nobre rancor aos principios revolucionarios? Um rancor nobilissimo.

E em questões de Instrucção, de Imprensa, de Policia, não tinham ambos as mesmas optimas idéas? Absolutamente as mesmas.

Não eram ambos patriotas? Fanaticamente!

Então? — Póde-se dizer que Alipio Abranhos, indo dos *Reformadores* para os *Nacionaes*, trahia as suas idéas? Não! Certamente não!

Mas, dir-se-ha, trahiu o seu amigo Cardoso Torres.

Distingamos: em Cardoso Torres ha o homem e o politico. Trahir o homem, seria, por exemplo, (ainda que tal supposição me faz tremer d'horror) pôr mão libidinosa no seio respeitavel de D. Josepha Cardoso Torres. Alipio Abranhos fel-o?

O vosso silencio grave é a melhor resposta!

Mas trahiu o politico, direis. Vejamos: que é um politico? É um ser que symbolisa um complexo d'idéas: só se póde trahil-o, trahindo as idéas que elle representa. Ora eu provei sufficientemente que Alipio Abranhos não trahiu — nem em Religião, nem em Moral, nem em Economia politica, nem em Administração, nem em Pedagogia — as idéas representadas pelo Ex.mo Cardoso Torres.

Onde está pois a traição? Dizei-o. Ah! esses olhares no chão, essa expressão consternada, provam sobejamente que nada tendes a responder aos meus argumentos impeccaveis!

Passou pois para a opposição o nosso grande Alipio, e com que prodigiosa impressão esse passo foi recebido no paiz dil-o a Historia Constitucional.

Foi no discurso de resposta ao Discurso da Corôa que se viu Alipio Abranhos subir á tribuna, e com palavras commovidas, dizer que a sua consciencia, os seus principios, o seu patriotismo, forçavam-no a separar-se d'amigos «cujo estandarte segui» — exclamava — «em quanto julguei que elles levavam

o Paiz á conquista do Progresso — mas de quem me separo com dôr, ainda que com firmeza, no dia em que vejo que elles impellem a minha Patria, — esta Patria que eu amo mais do que amei minha mãe — para os abysmos e para a ruina!» (*Bravo! Bravo!*)

Com um grande tacto politico, Alipio Abranhos nunca disse claramente, n'esse discurso magistral, os factos que lhe provavam que o Ex.mo Cardoso Torres fosse arrastando Portugal aos abysmos; mas os apoiados unanimes, os bravos freneticos da opposição, mostravam-lhe que, ainda que elle, por respeito aos seus antigos camaradas, calasse esses factos, a opposição os comprehendia absolutamente.

Assim, que grande ovação quando Alipio Abranhos traçou o inspirado quadro do estado do Paiz sob a administração Cardoso Torres: «Olhae em redor, e vêde este formoso torrão de Portugal, que vós jurasteis, nas mãos d'El-Rei defender e fazer prosperar; olhae e dizei-me se sois dignos d'estar n'esses bancos uma hora mais: por toda a parte o esbanjamento da fazenda publica, por toda a parte o patrocinato primando o merito; a escola, essa fonte publica, secca

d'instrucção ; as ferteis campinas, desoladas ; as estradas que promettesteis, cobertas dos pedregulhos e das lamas da incuria ; as cadeias, esses depositos do mal, transbordando ; e o pobre camponez, que succumbe ao peso dos impostos, regando com lagrimas o grão escasso que lhe dá um solo desolado! » *(Bravo! Bravo!)*. E os ministros, nos seus bancos, com os braços frouxos, a cabeça pendente, sentindo retumbar-lhes aos ouvidos aquella voz, egual a outra que na antiguidade, do fundo dos ares apostrophara Caim, pareciam contemplar, aterrados, a visão pavorosa da Patria arruinada !

A sensação foi prodigiosa.

N'essa noite, quando, deitado no seu sofá, exhausto do seu grande feito oratorio, Alipio se reconfortava na placidez do chá domestico, recebeu uma carta do Conselheiro Guedes Navarro, chefe da opposição *Nacional*, em que lhe dizia, depois de outras considerações :

« Como discurso, poucos conheço eguaes « em Mirabeau ou em Lamartine. É para o « partido Nacional uma honra, não só ter « recebido nas suas fileiras um homem do « seu valor, mas ter dado occasião a que pro-

« nunciasse um discurso de tal elevação. Já « não é sómente para cumprir o nosso pa- « cto que lhe será guardada uma pasta na « formação d'um ministerio Nacional. Essa « pasta não é, d'ora em diante, a recompensa « da sua adhesão : é uma necessidade d'exis- « tencia para o partido Nacional, que terá em « V. Ex.ª, de futuro, o seu Mirabeau con- « servador. »

D'onde se deduz, de resto, que Alipio Abranhos, com um grande alcance politico e uma profunda experiencia dos homens, não dera aquelle passo sem primeiro ter garantidos todos os meios de penetrar no poder, e prestar ao Paiz aquelles altos serviços que lhe estava preparando o seu genio politico.

O desespero do governo e da maioria teve um raro caracter d'allucinação. Alipio Abranhos passou a ser o *infame*, o *canalha*. N'essa mesma noite toda a sua vida foi explorada, rebuscada como uma velha algibeira, na esperança de se encontrar algum escandalo esquecido. Disse-se que fôra o amante da velha Madame Gato, que tinha um prostibulo no Arco do Bandeira ; espalhou-se que era filho d'um sapateiro de Pe-

nafiel, muitas vezes condemnado por ladrão ; affirmou-se que vivia em desavenças continuas com sua mulher e que os vizinhos ouviam de noite os gritos das luctas conjugaes ; contou-se que o velho Dr. Vaz Correia lhe dera pontapés no escriptorio, por o ter encontrado a falsificar um documento ; murmurou-se que era dado em Coimbra a deboches contra a natureza.

Dos artigos dos jornaes nem fallarei, para não concorrer a desacreditar mais ainda perante o publico uma instituição a que implicitamente pertenço.

Sentia-se que a sessão seguinte seria, na phrase consagrada, « tempestuosa ». Com effeito as galerias transbordavam de gente : todos os amigos que outr'ora pertenciam ás *soirées* do Desembargador Amado, e que agora começavam a frequentar a casa dos Abranhos, lá estavam. Esperava-se que em presença das recriminações que não podiam deixar de se produzir da parte da maioria indignada, Alipio Abranhos pronunciaria outro discurso, no qual o orador se mostrasse, na phrase que ouvi a não sei que personagem : « Demosthenes multiplicado por tres ! »

Lá estava o coronel Serrão, que idola-

trava Alipio, descarregando olhadellas ferozes como cutiladas sobre os «cachorros da maioria!» Lá estava o Conselheiro Andrade, que acompanhava D. Virginia e a bella Fradinho; lá estava o sobrinho da pobre D. Joanna Carneiro, em bicos de pés, na ultima bancada, e á frente, mais sombrio, mais meditativo, o *Doutor*.

Antes da ordem do dia, um deputado d'estatura herculea e de voz de roncão pediu a palavra. Era o famoso Gorjão, e a sua presença na tribuna, onde elle subiu, se plantou, fazendo reluzir sob as sobrancelhas espessas um olhar coruscante, revelou sufficientemente o plano infame da maioria. Eu classifico este plano com uma palavra: tentativa d'assassinato.

O famoso Gorjão representava no partido dos *Reformadores*, a que elle de resto sempre pertenceu, o papel que desempenhava nas redacções dos jornaes parisienses da Restauração o espadachim, tão poderosamente descripto por Balzac. O espadachim era ordinariamente um antigo official da Guarda Imperial, que a Restauração reformara, e que, levado á miseria pelo absintho, o tabaco e as femeas, alugava a força do seu pulso e

a sua destreza á espada a algum jornal de combate. De olho avinhado, voz catarrhosa, bigode erriçado, grande casaco debruado d'*astrakan* abotoado até ao pescoço, cabello á escovinha, chapéu ao lado, este personagem temeroso passava o seu dia na ante-sala d'uma redacção, queimando o cachimbo d'espuma, repastando-se nos jornaes d'historias de crimes e de roubos, e esperando que pessoas offendidas subissem as escadas, a pedir a explicação d'um artigo muito insultante ou d'uma calumnia muito directa. E se algum desgraçado apparecia, o feroz individuo erguia a sua enorme estatura, escarrava grosso no chão, e perguntava com voz agressiva e o olho raiado de sangue:

— As suas armas? Os seus padrinhos? Ás ordens!

E, ou o offendido recuava deante da medonha apparição d'este cão de fila — ou, ao outro dia, recebia, através d'uma entranha essencial, a lamina infallivel da sua espada.

Gorjão era, entre os *Reformadores*, o espadachim do partido. Elle foi, durante vinte annos, n'este Paiz, *o papão!* A sua barba negra era feroz, e quando descia o Chiado com o chapéu sobre o olho, fazendo sibilar

a bengala, um terror invencivel contrahia o coração dos cidadãos... A sua biographia, desde Coimbra, era uma lenda pavorosa de cabeças partidas, queixos esmigalhados, tremendos heroismos de pulso. Quando entrava n'um café, toda a gente se curvava pallidamente sobre o periodico ou o copo de genebra, evitando ser notado por elle — pois se dizia que o seu olhar era immediatamente seguido do seu murro. O Marrare, então florescente, era o antro d'esta fera. Quando elle morreu d'um catarrho de bexiga, Lisboa sentiu um allivio suave e as costas dos cidadãos endireitaram-se, porque já não as ameaçava d'alto a bengala do Gorjão.

A intenção perversa da maioria era pois clara: Gorjão, da tribuna, injuriava Alipio; Alipio, bravo, retorquia com irritação; e Gorjão, nos corredores, esmagava Alipio a murros, ou, ao outro dia, nas terras da Polvora, varava-o com uma espadeirada!

Parece hoje provado que tal plano fôra resolvido n'uma reunião da maioria: vergonha eterna! Não procederia d'outro modo uma conjuração de zulús, agachados ferozmente entre o alto tojo africano, no Kraal de Cettivayo! Este grosso bruta-montes en-

trara para S. Bento para assassinar a Eloquencia, o Patriotismo e o Genio, na pessoa de Alipio Abranhos!

Ainda bem que te matou, fera, um providencial catarrho de bexiga: a tua bengala não mais opprime os homens livres, e eu posso impunemente, e com regosijo, escarrar-te sobre a sepultura — já que o haver-te escarrado na face ter-me-ia sido impossivel, por ser, como sou, de constituição delicada!

Com effeito, as fauces do cão de fila abriram-se, e durante uma hora ladrou a injuria; e como elle tinha (meu Deus, sejamos justos com todo o mundo!) uma certa habilidade de prosa, uma experiencia astuta da perfidia parlamentar, não o fez claramente, o que lhe attrahiria sobre o dorso as severidades do Regulamento. Não pronunciou o nome d'Alipio. Fallou apenas do *traidor*, do *apostata*, e sob esta designação vilmente vaga, rugiu, com punhadas d'athleta, a sua verrina estudada. O desgraçado porém participava, como todos os da sua corpulencia, da classica estupidez dos colossos: não contava com a finura, a habilidade, o genio d'Alipio.

Com effeito, o nosso heroe deu-lhe uma lição severa: todo o tempo que o Roldão da

Baixa trovejou, Alipio, curvado, rufava tranquillamente com os dedos sobre a sua pasta de verniz!

E quando, entre os applausos da maioria allucinada, o medonho Gorjão terminou, lançando uma apostrophe « aos covardes que sob a injuria, em logar de erguer a cabeça em desafio, rufam, agachados, sobre as mesas » Alipio, que todos esperavam vêr pular para a tribuna, tomou serenamente o *Diario do Governo*, e poz-se a folheal-o com placidez.

Dos bancos da maioria sahiram vozes:

— Que nojo! Que abjecção!

Mas o grande homem, pallido, sim, de emoção reprimida, mas sereno na apparencia, continuou imperturbavel a folhear o *Diario do Governo*. Assim o plano da maioria falhava. Alipio Abranhos, provocado, insultado, calumniado, lia o *Diario do Governo!*

Esperando provocar-lhe uma colera fatal, produziam-lhe apenas uma serenidade sublime!

D'aqui, uma raiva desordenada e outro orador da maioria, o snr. Albino Peixoto, subir á tribuna: depois do Roldão trovejante, era Simão de Nantua, o mellifluo.

Este personagem, com effeito, pela face

redondinha e jovial, d'oculos d'ouro, por todo o seu serzinho barrigudo, pela unctuosidade vaga das suas palavras, pela sua placida polidez, assemelhava-se ao amavel philantropo cheio de proverbios e de virtude de que falla o livro querido onde aprendemos a soletrar.

O seu discurso foi a repetição das mesmas injurias, mas em voz suave e chorosa. Os vituperios que o outro rugira, este lagrimejou-os. Era, de resto, pessoa d'uma proverbial pacatez: havia nos seus movimentos a hesitante timidez d'um myope que perdeu os oculos; caminhava na vida como na rua, com extremo cuidado, evitando pisar um callo ou uma susceptibilidade.

Em consequencia da sua auctoridade intellectual (e não, como vilmente se disse, porque d'este não tinha medo) Alipio decidiu responder-lhe.

O silencio que se fez na Camara quando Alipio Abranhos se ergueu e pediu a palavra, foi um d'aquelles classicos silencios — muito conhecidos e estimados em rhetorica «que precedem as tempestades».

Começou por dizer que se erguia para responder ao snr. Albino Peixoto — e só ao

snr. Albino Peixoto — accrescentando estas palavras tão admiradas, tão dignas de ficarem classicas (ainda que se disse depois perfidamente que elle as imitara de Guizot):

— Póde o illustre deputado accumular as calumnias, ellas não chegarão á altura do meu desprezo!

Peixoto ergueu-se d'um jacto, e erecto, pallidissimo:

— O illustre deputado insinua que eu sou um calumniador?...

— Ordem! Ordem!

Resposta admiravel d'Alipio Abranhos:

— Eu não quero insinuar que o illustre deputado é um calumniador. Eu só affirmei, e claramente, que o illustre deputado accumulou calumnias!

— Ordem! Ordem!

Leio no extracto da sessão esta infecta interrupção do Gorjão:

— Não responda, Peixoto! Pr'os covardes, só o escarro ou o chicote...

Alipio Abranhos não se dignou responder-lhe.

Mas o pacifico Peixoto, que de certo a maioria excitava, exclamou, livido:

— O desprezo d'um homem de bem po-

deria magoar-me, o desprezo d'um traidor só me regosija!

Triumphante replica d'Alipio Abranhos:

— Traidores são os que vendem a sua penna e fazem d'um jornal um prostibulo!

Esta allusão a certos factos lamentaveis da carreira jornalistica d'Albino Peixoto, produziu uma tormenta que eu encontro assim descripta no *Diario das Camaras: (Sensação prolongada. Diversas interrupções que não chegam á mesa dos tachygraphos. Os snrs. deputados, de pé, em grande confusão, trocam palavras colericas. O snr. Presidente, não podendo fazer-se escutar, suspende a sessão).*

O que me resta a contar é doloroso. Nos corredores da Camara, Alipio Abranhos é subitamente interpellado pelo Dr. Albino Peixoto, que se lança d'entre um grupo da maioria, e lhe grita:

— Retire as palavras que disse, senhor!

Alipio, prudente, balbuciou:

— Mas collega... mas caro collega...

— Retire as palavras, canalha! — rugiu Peixoto.

Alipio (como elle me disse depois) ia talvez, por amor da dignidade parlamentar,

retiral-as, quando Gorjão, intervindo bruscamente, trovejou:

— Não retira nada! Entre cavalheiros, estas questões d'honra não se tratam assim. Não retira nada! Venha d'ahi, Peixoto...

Arrastou o Dr. Peixoto e, d'ahi a pouco, voltava acompanhado d'um certo Sequeira, que depois morreu em Africa, e dirigindo-se a Alipio Abranhos:

—Preciso fazer-lhe uma communicação séria. Tenha a bondade de nos acompanhar ao gabinete *A* da Commissão de Fazenda.

Alipio seguiu-o, e, com elle, todos os seus amigos, na espectativa excitante d'um conflicto inesperado. Porém entraram sós no gabinete *A* da Commissão de Fazenda e ahi Gorjão, que retomara o seu ar pomposo, declarou:

— Vimos aqui n'uma missão d'honra. O nosso amigo, Dr. Albino Peixoto, reclama uma satisfação. V. Ex.ª chamou-lhe vendido...

— Mas primeiro tinha-me elle chamado...

— V. Ex.ª chamou-lhe vendido! O que elle tinha chamado a V. Ex.ª é-nos perfeitamente indifferente. V. Ex.ª chamou-lhe vendido, e, ou V. Ex.ª, quando se abrir de novo a sessão, dá explicações...

— Eu estou prompto a dar explicações... (Ouço d'aqui estas palavras precipitadas d'Alipio Abranhos, que, com os seus altos principios de civilisação, tinha o horror dos conflictos de força).

— Perfeitamente. As explicações são estas: V. Ex.ª sobe á tribuna e diz: « Declaro que quando disse que o meu amigo Albino Peixoto era um vendido, menti, e que tenho as provas mais evidentes da sua probidade impeccavel! »

— Então os senhores querem que eu diga publicamente que menti? . . .

— Não querendo dar esta explicação, tenha a bondade de nos dizer a que horas poderemos encontrar dous amigos seus, para regular as condições do combate . . .

— Do combate? . . . Mas, queridos collegas, ponham-se no meu logar . . .

A estas palavras tão cordiaes, tão conciliadoras, o brutal Gorjão respondeu:

— No seu logar qualquer de nós tinha ha muito tempo marcado a hora e as armas! . . . V. Ex.ª que diz?

— Ao menos quero consultar alguns amigos . . .

— Consulte V. Ex.ª os seus amigos.

Consultou, com effeito, dous amigos — mas, infelizmente, escolheu aquelles que eram menos proprios para promover uma solução humana, sensata e christã. Não os mencionarei, porque vivem ainda e occupam altas situações no Estado. Chamarei a um *A* e ao outro *B*.

*A*, fidalgo d'alto porte, recebera das tradições da sua raça, um pouco deteriorada, o preconceito classico do *ponto d'honra*. *B*, moço estimavel, valente, caçador, possuia uma unica especialidade: a sua destreza á pistola e ao sabre. Ambos, em questões d'honra, tinham a manter uma reputação de seriedade e de valor. De resto, tanto um como o outro, perfeitos cavalheiros, mas, infelizmente, muito predispostos, por indole, a soluções violentas.

Estes dous amigos opinaram, com a unanimidade d'um côro antigo, que acceitar tal exigencia era acceitar implicitamente uma humilhação infamante. Um homem que se declara mentiroso, fecha deante de si as portas da Sociedade, da Vida Publica e dos seus conhecidos. O snr. Abranhos passaria d'ahi por deante a ser um covarde estabelecido. O medo seria a sua profissão. Tornar-se-ia o

homem que se póde insultar sem perigo. *B* disse-lhe mesmo brutalmente:

— Um homem que commette no começo da sua vida publica uma tal covardia, torna-se, mais tarde ou mais cedo, um *armazem de pancada!* Mostre que é homem e ninguem o torna a insultar.

Que se podia responder a isto? Havia, sob o ponto de vista social, alguma verdade n'aquellas phrases triviaes. Alipio Abranhos ou tinha de ceder ás regras absurdas, obsoletas, monstruosas que regulam a sociedade, ou tinha d'abandonar essa sociedade e a carreira que um dia lhe daria o delicioso prazer de a dominar.

Mas a idéa de se collocar deante d'uma espada desembainhada ou d'uma pistola aperrada!... Teve, um momento, o desejo furioso de fugir com D. Virginia, com o Bibi, para um canto ignorado da terra, e ahi, vil mas intacto, sem elogios nos jornaes, mas com todos os membros no corpo, gozar egoistamente o amor, a paternidade, o repouso, a natureza, o conforto...

Mas consentiria Virginia em ser a esposa do *covarde Alipio?* Não seria cruel condemnar Bibi a ser o filho do *abjecto Abranhos?*

Que diriam os jornaes ? Que diria o coronel Serrão ? Que risadas no Marrare ! Esta idéa torturava-o. E foi com grande dignidade que respondeu a *A* e a *B* :

— Eu não tenho medo, os amigos bem o sabem. A minha questão é de principios. Sou um homem de progresso, e repugna-me esse meio de salvar a honra, á maneira da Edade-Media ! Mas emfim, a sociedade é a sociedade . . . Vão-se entender com a fera do Gorjão. Espero-os em casa . . . Mas prudencia, lembrem-se que tenho familia.

As negociações foram longas, muito delicadas. Infelizmente, parece que desde a primeira palavra entre as testemunhas, ficou assente, *à priori*, como base natural da argumentação, que «haveria duello», e, ás 8 horas da noite, Alipio recebeu no seu escriptorio os seus amigos *A* e *B*, que lhe annunciaram em voz baixa que elle, Alipio Abranhos, se batia á espada, ás sete da manhã, na Cruz Quebrada, e que os do Peixoto lhe deixavam a elle, Abranhos, a escolha do cirurgião que melhor lhe conviesse.

— Um cirurgião ! — exclamou Alipio, juntando as mãos, attonito.

— É necessario um cirurgião, para o caso

de ser preciso, por exemplo, ligar uma arteria. Emfim é sempre indispensavel um cirurgião . . .

Alipio curvou-se, calado. Ha, em certos silencios humanos, em certo humano vergar d'hombros, uma ironia feroz, que deve fazer córar o destino, envergonhado da sua tyrannia . . . Alipio Abranhos ficou só no escriptorio, prostrado sobre o canapé — tendo deante de si a visão nitida d'um corpo retalhado a golpes d'espada, que uma viuva pranteia, esguedelhada.

A voz do padre Augusto que, como costumava, dizia algum innocente gracejo á Joanna, (bonita creada que eu ainda conheci) tirou-o d'este legitimo torpor, e, de repente, como um passaro que subitamente atravessa uma sala aberta, uma idéa d'um engenho subtil atravessou-lhe o espirito.

Abriu a porta, chamou o padre, e com uma gravidade que fez arregalar de terror os olhos do bom ecclesiastico, murmurou:

— Padre Augusto, vou-lhe confiar um grande segredo . . . Um segredo tremendo, que ha-de ficar comsigo.

O padre, aterrado, balbuciou:

— É em confissão ? É segredo de confissão ?

— Não ! — exclamou logo Alipio. — Pelo amor de Deus ! Nem por sombras o considere segredo de confissão. Que tolice ! Credo ! Isso estragava tudo . . . Fique bem entendido que não é segredo de confissão . . . Mas é um segredo que lhe confio : bato-me ámanhã em duello !

— Caramba ! — exclamou o respeitavel sacerdote, cahindo de chofre no canapé.

Então Alipio, sentando-se junto d'elle, contou-lhe a historia do seu duello. E terminou dizendo :

— Se eu lhe digo tudo isto é para que seja o amigo que ámanhã, se houver desgraça, console a Virgininha. E agora adeus, que tenho papeis a pôr em ordem . . . Mas guarde o segredo, que póde a coisa chegar aos ouvidos da policia e transtorna-se tudo.

O sacerdote queria objectar, prégar, parabolar — mas Alipio, suave e firme, empurrando-o pelos hombros :

— É uma cousa decidida. Adeus. E agora veja lá, padre Augusto, não o vá dizer . . . Que a policia, se o sabe, impede a cousa . . . Adeus. É ámanhã, ás sete, na Cruz Quebrada.

Não se esqueça — ás sete — e guarde-me o segredo, amigo.

Padre Augusto foi ao cabide do corredor, agarrou o chapéu, e precipitou-se pela escada, como uma pedra que rola.

Ao outro dia, ás sete da manhã — uma manhã clara, fria e secca — quando Alipio com as suas testemunhas chegavam ao sitio aprazado, o Regedor de Belem e seis cabos de policia, desemboccando com furia de traz d'um massiço d'arvores, apoderaram-se dos sete cavalheiros (incluindo o respeitavel Telles, cirurgião)!

Foram postos em liberdade ás dez horas, de sorte que D. Virginia soube por seu marido do perigo que elle correra, e da intervenção providencial que lh'o salvara. O seu orgulho foi grande. Alipio tomou para ella as proporções d'um d'Artagnan, d'um Conde de Monte-Christo! E a sua ternura, os seus afagos, a sua admiração, estavam dando a Alipio momentos deliciosos, quando a Joanna lhe veiu dizer que os snrs. *A* e *B*, desejavam absolutamente fallar-lhe e esperavam na sala.

— Ha-de ser para o almoço... Ha sempre um almoço...

Não, não era para este fim honesto : era para lhe dizer — para que *A* lhe dissesse seccamente, sem se sentar, com as mãos nos bolsos das calças, fazendo tilintar nervosamente um molho de chaves :

— Está provado — temos a prova evidente — que a policia foi avisada por um amigo d'esta casa . . . Isto é uma brincadeira torpe. Nem as testemunhas do Peixoto, nem nós, somos pessoas com quem se brinque torpemente. O duello que não poude ter logar hoje, ha-de ter logar ámanhã, no Lumiar. Se a policia apparecer de novo, o que não é natural, agora que ella está desprevenida, ficaremos scientes que o mesmo amigo d'esta casa a avisou, e n'esse caso nós todos nos consideraremos offendidos, e V. Ex.ª terá de se bater, por ordem de numero, com o amigo Gorjão, o amigo Sequeira, o amigo *B*, este creado de V. Ex.ª, e depois, com o Peixotinho ! Cinco duellos em lugar d'um !

— Mas eu dou a minha palavra d'honra . . . Eu não tenho culpa . . . É um assassinato !

— Temos a honra de desejar a V. Ex.ª muito boas tardes. Aqui estaremos ámanhã, ás sete. É a mesma tipoia, o cocheiro é se-

guro . . . É o *Pintado*. Não se incommode V. Ex.ª . . . Creado de V. Ex.ª . . .

Alipio, só no escriptorio, teve um grito de revolta:

— Ahi está o que é um homem de bem metter-se com espadachins!

Se elle tivesse posto este negocio nas mãos prudentes do conselheiro Andrade ou do Fradinho, por exemplo, a solução de certo teria sido outra, toda honrosa, toda amigavel; mas entregara-a a dous personagens sofregos de publicidade, pedantes do ponto d'honra — e alli estava agora, empurrado fatalmente para deante d'uma espada nua!

Que se passou na alma d'este grande homem, n'essa noite d'agonia? Mal sabiam os que passavam, á sahida de S. Carlos, pelo largo do Quintella, que alli, no segundo andar, por traz d'uma janella illuminada, havia um *Horto*, uma hora do *Jardim das Oliveiras*.

Quantas sensações, idéas, imaginações, se revolveram n'aquelle vasto e complicado cerebro d'estadista. Elle revelou-me algumas d'essas torturas em detalhe. Ao principio tentou correr a casa do Petit, e pedir-lhe que lhe ensinasse um *bote-secreto*, d'esses de

que lera nos romances, que se aprendem em Italia e que inspiram terror nas salas d'esgrima. Pensou em fazer o seu testamento, mas pareceu-lhe um *mau agoiro* lugubre. Desejou então que houvesse uma revolução, ou um incendio que devorasse metade da cidade, uma catastrophe social, e ficava a olhar, desesperadamente, para a tenebrosa pacatez do largo do Quintella. Lembrou-se com prazer, com esperança, que o Peixotinho soffria d'uma aneurisma... Quiz rezar, mas distrahia-se: permanentemente, via a mesma visão da vespera — um corpo trespassado de estocadas, e uma viuva, desgrenhada, soluçando.

Que desespero! E ainda n'essa tarde estava tão seguro, já com todo o perigo passado, saboreando as felicitações do seu facil heroismo, descançado para sempre, e agora alli se via outra vez, recahido nas agonias da incerteza e nos terrores da Eternidade...

Emfim, ao outro dia, depois d'um somno agitado, uma carruagem que parou á porta despertou-o.

Dissera na vespera a D. Virginia que havia com effeito um almoço d'amigos no Pharol da Guia, e que deviam sahir cedo; e tão

persuadida ella ficara, que apenas murmurou, meia a dormir, voltando-se para a parede :

— Tem cautela... Não faças excessos, sabes que te dá a dôr...

Alludia a certos espasmos nervosos de que elle soffria no estomago.

Partiram. A manhã, muito fria, estava nublada e parda. *A* e *B*, justo é dizel-o, que na vespera se tinham mostrado tão seccos, tão cortantes, representavam agora com uma solicitude tocante o seu papel de *padrinhos*. Emquanto a caleche *batia* — e parecia a Alipio Abranhos que uma tal velocidade era um exagero irritante — davam-lhe conselhos praticos, tirados da propria experiencia e adequados aos conhecimentos elementares que Alipio Abranhos tinha da esgrima : — que se não descobrisse muito ; a ponta da espada sempre deante dos olhos do adversario ; que nunca recuasse — e a sua solicitude era tão grande, que apagaram os charutos matinaes, vendo que o fumo enjoava Alipio. O grande orador, no emtanto, como elle me revelou mais tarde, sentia uma lassitude extrema, o desejo morbido d'um somno profundo, d'annos, em que nada o perturbasse,

nem os despeitos do Peixotinho, nem as crises do Estado, nem a piedade dos seus amigos. Por vezes uma casa, ou uma esquina de rua, recordavam-lhe outras epocas de felicidade tranquilla, em que a morte lhe apparecia como uma hypothese distante. A morte!... Maldição! Ia agora talvez para ella, ao trote exagerado, estupidamente exagerado, d'aquella magra parelha de praça... Lamentou então as cousas boas da vida — os jantarzinhos em familia, as caricias de Virginia, o seu quarto em casa das Barrosos, em Coimbra, e os folhados de cócó, de que gostava tanto!

Mas, temendo que o seu silencio pudesse ser tomado como a prostração do medo, começou a fallar com os seus amigos de politica com uma prodigiosa lucidez e — segundo me affirmou depois um d'estes cavalheiros — n'um tom em que se sentia uma solemnidade de testamento.

Chegaram emfim, e viram logo, ao pé d'uma arvore magra, o grupo do Peixotinho e dos padrinhos, tagarellando jovialmente.

Depois das saudações tradicionaes, os quatro cavalheiros, reunidos ao pé da arvore, fallaram baixo, marcaram o terreno,

desembrulharam as espadas e collocaram os adversarios nos seus logares, com uma vivacidade muda, que parecia a Alipio Abranhos comparavel, segundo o que lera, aos preparativos rapidos e taciturnos dos carrascos sobre o cadafalso.

Apenas collocado, Alipio sentiu com terror tomal-o um vago enjôo: ou fôsse o balanço da tipoia ou o ar frio da madrugada, o estomago, segundo a phrase popular, « embrulhava-se-lhe ».

Quando lhe deram a sua espada, um suor frio banhou-lhe a testa; uma debilidade esvaía-lhe os rins... Desejou vivamente uma cama, um encosto, mas vendo que o Peixotinho o fixava por traz dos oculos d'ouro, resolveu ser heroico e plantou-se firmemente sobre o solo, erecto, esperando o signal.

*A* bateu as palmas — e então, subitamente, viram Alipio esgazear os olhos, abrir a bocca e, apoiando-se fortemente sobre a espada, debruçado sobre ella, vomitar, vomitar longamente, primeiro residuos mal digeridos de comida, depois uma baba gelatinosa, e finalmente, com anceios roucos, fezes esverdeadas! *A*, sustentava-o pelos hombros; *B*, amparava-lhe a cabeça, e o grande orador, entre

os puxões dos vomitos, murmurava com os labios babados :

— É do estomago ! . . . É um bocado . . . d'indigestão !

Todos viram bem que « era do estomago » e ninguem duvidou do seu valor.

Peixoto, porém, esquecendo toda a delicadeza, disse alto, com desdem, voltando-se para os seus padrinhos :

— Eu esperarei . . . Deixal-o vomitar . . . Que vomite, que vomite !

Tanto desprezo indignou Alipio : endireitou-se, pallido, e tomando o ferro, balbuciou :

— Estou bem, estou melhor . . . vamos a isto !

E com uma patada na terra molle, ergueu alto a espada.

O Conde contou-me depois que mal tivera consciencia da lucta ; vira os dous longos clarões das laminas lustrosas, e subitamente sentiu na orelha uma frialdade fina, penetrante. Recuou com um berro :

— Estou ferido ! Estou ferido na orelha !

O cirurgião correu — e a serenidade penetrou longamente, largamente a alma de Alipio, quando o ouviu declarar :

— Não é nada; é um golpesito. Com adhesivo está prompto em tres dias!

A honra foi, no ceremonial do estylo, declarada satisfeita; os dous adversarios que segundo dizia a *acta*, se tinham batido como leões, apertaram-se as mãos, chamando-se Excellencias, e Alipio voltou para Lisboa com os seus padrinhos, na tipoia, tapando a orelha com o lenço.

Tal foi este combate historico.

Os jornaes da opposição celebraram o orador que sustentava as suas idéas com a espada e derramava por ellas o sangue da sua orelha. D. Virginia sentiu todo o seu amor flammejar mais alto e mais forte, por este homem que lhe parecia superior aos Roldões e aos Oliveiros. Os jornaes do Governo, esses sim, fallaram com escarneo dos vomitos do orador, mas foram bem depressa reduzidos ao silencio pelos jornaes da opposição, que lembraram que annos antes, o Ministro das Obras Publicas, batendo-se em duello, não vomitara, mas tivera um tão vergonhoso contratempo intestinal, que fôra necessario conduzil-o a uma venda proxima, onde, durante horas, o prostrado estadista circulou lividamente d'um banco da cozinha

para um recanto do pateo, como sob a influencia dissolvente d'oleo de ricino tomado sem discernimento!

Como, porém, nem a intempestiva indigestão d'Alipio Abranhos, nem o desastroso relaxamento do snr. ministro das Obras Publicas foram exarados nas actas, o publico considerou estas insinuações como meras tacticas de discussão politica e a coragem d'Alipio ficou estabelecida em bases duradouras. Mais tarde o Conde tinha mesmo uma certa vaidade n'este duello, a que elle chamava o seu «baptismo de sangue». Pelo menos deveu-lhe um resultado estimavel: depois d'essa gota de sangue, os commentarios irritantes sobre a sua passagem para a opposição foram respeitosamente supprimidos.

Foi por este tempo — se me não enganam os documentos que possuo — que se começou a organisar em torno d'Alipio Abranhos um grupo fiel d'amigos intimos, a que se chamou maliciosamente a *coterie Abranhos* ou a *panellinha Abranhos*, mas que eu depois designei n'um folhetim do *Globo* geralmente estimado, com o nome mais respeitoso e mais

justo de «*Salão de S. Ex.ª*.» Não se creia porém que eu digo o *Salão de S. Ex.ª* como diria o salão de M.me Récamier, o salão de M.me de Girardin, ou o salão de M.me Adolphe Adam, ou ainda, n'uma ordem mais ephemera e mais bohemia, o salão de M.me Troubetskoï; estes salões são uma pura instituição parisiense, que Londres, Vienna, Roma, Madrid, Berlim, copiam, dando-lhe a feição particular da raça, das maneiras e da preoccupação nacional. Tudo differe, por exemplo, entre um salão de Berlim e um salão de Roma, desde a decoração das salas até ás figuras familiares e caracteristicas. N'um salão berlinense, tudo é duro, estreito, hirto, fortemente destacado, desde a côr viva dos papeis ou das sêdas baratas, até á forte illuminação d'um gaz economico, que dá o mesmo tom aspero ao louro secco dos cabellos das mulheres e á figura regrada do official d'Estado Maior.

Pelo contrario, n'um salão de Roma, tudo é discreto, de meias tintas, sobrio, desde a decoração dos marmores placidos, dos dourados leves, da luz aristocratica dos candelabros, até á pallidez dos rostos, ao frou-frou subtil das caudas dos cardeaes e ao murmurio

brando do italiano, fallado por vozes discretas e delicadas.

Não fallo por experiencia propria. A minha posição subalterna na sociedade nunca me permittiu viajar ou penetrar n'esses recintos augustos, mas uma pessoa eminente da minha familia, meu bom tio Julião, *touriste* bem conhecido, tem-me esclarecido sobre estas fórmas luxuosas das civilisações superiores.

Em Lisboa, porém, o *Salão* não existe. Não me compete estudar aqui as razões d'esta deficiencia: enuncio sómente o facto; portanto, quando digo o *Salão do Conde d'Abranhos*, quero designar uma reunião pacata e intima, onde se toma um chá bem servido, se abre uma mesa de voltarete, se toca uma valsa conhecida e se falla no preço dos generos ou nos «pôdres» das familias.

As *soirées* do Conde d'Abranhos eram d'esta estimavel especie. Não havia cerimonial nem apparato: ás dez horas vinha o chá com torradas e bolachas d'agua e sal; ás vezes duas senhoras enlaçadas valsavam graciosamente; não poucas vezes eu fui chamado a recitar alguma poesia dos nossos grandes lyricos: e os homens graves repousavam dos

cuidados do Estado n'um pacato voltarete a vintem.

Insisto n'estes detalhes para destruir a errada opinião (que tende a introduzir-se na Historia Contemporanea) de que o *Salão* Abranhos era uma *caverna politica*. Não nego de certo que por vezes se não fallasse dos negocios publicos, e que, quando o Ex.mo Conde era ministro, as personalidades eminentes da maioria não viessem tomar sem cerimonia a sua chavena de chá. Posso, porém, affirmar que nunca n'estas pacatas *soirées* se decidiram ou se combinaram os grandes movimentos da politica, como succede nos *salões* estrangeiros, onde, segundo me tem contado meu bom tio Julião, se tramam, por traz dos leques, golpes d'estado e se decidem os destinos da Patria entre duas vasas de whist!

Os intimos dos Abranhos, eram, na sua quasi totalidade, os antigos familiares do Desembargador Amado.

Era o coronel Serrão — sempre o primeiro a chegar, bufando alto, d'aspecto feroz e coração bondoso, sempre com sua filha Catharina, magra e estonteada, de grande cuia, os dentes maus do abuso dos doces, as

omoplatas salientes sob o corpete do vestido atabalhoado. Nunca sympathisei com esta familia.

Era a excellente D. Joanna Carneiro, cujo scirro no estomago alastrava, inspirando geral compaixão, sempre triste, trazendo todas as noites a narração dos symptomas crescentes da sua doença. Acompanhava-a, amiúde, um sobrinho, *marialva* de calça justa e jaquetão cingido, grande frequentador do Café Central, com a voz rouca da noitada da vespera, e sempre acanhado de se encontrar n'aquella sala, entre senhoras, n'um logar onde nem havia fadistas, nem pilecas, nem meios litros. Sua tia, inquieta do futuro, procurava afincadamente collocal-o n'uma repartição do Estado.

Era ainda a enorme D. Amalia Saraiva, a que tambem já me referi n'este trabalho: os seios phenomenaes d'esta senhora, que se iam desenvolvendo progressivamente com os annos, pareciam dous mundos. Quando desapertasse o vestido fortemente espartilhado que os continha, o transbordar d'aquellas duas prodigiosas massas de tecido cellular devia ser um espectaculo pavoroso e grandioso! Viuva d'um homem que prestara va-

gos serviços ao Estado, reclamava agora com pertinacia uma justa pensão. Vinha geralmente com sua delicada filha, a tocante Julinha, adoravel pela fidelidade e graça juvenil com que recitava *A Lua de Londres* e outras maravilhas da litteratura patria.

Não devo esquecer o Conselheiro Andrade, agora frequentador assiduo do *Salão Abranhos*, pequeno, aprumado, escarolado, com o seu perfil de jurista, as suissinhas brancas, o ar prospero. Proprietario abastado do Ribatejo, continuava a dar toda a sua attenção á agricultura, e, como agora escrevia artigos profundos no *Archivo Rural*, este lado litterario da sua personalidade estabeleceu entre nós uma sympathia, que, vindo d'um homem tão opulento, é ainda uma das honras da minha carreira.

Infallivel, tambem, era *o Doutor*, aquelle cavalheiro estimavel, mas d'aspecto lugubre, que todos apenas conheciam por este nome: *o Doutor*. Sempre vestido de preto, sempre de luvas, amarello como uma cidra, persistia na sua mudez taciturna; porém, continuava a escutar com uma attenção intensa, a testa franzida, piscando vivamente os olhos, como n'um profundo trabalho cere-

bral. Respeitador fervente das instituições, das personalidades officiaes, ninguem sabia ainda onde elle vivia, nem de que vivia: mas precipitava-se com tanta veneração (porque era homem de sociedade) a tomar as chicaras vazias das mãos das senhoras, dizia com tanta convicção, na sua voz cavernosa, «tem V. Ex.ª carradas de razão», que era geralmente considerado como um excellente moço.

Mas a maior animação d'aquellas *soirées* era dada, como outr'ora em casa do Desembargador, pelos nossos conhecidos Fradinhos. O Dr. Fradinho, que teve depois uma tão gloriosa carreira, não passava então de um modesto advogado. Possuia, porém, uma certa fortuna, e com as suas lunetas d'ouro e o farto bigode, era na verdade um bello homem. Nada encantava n'elle todavia como a vivacidade da conversa; não, em boa verdade, que eu jámais lhe ouvisse expôr uma idéa original ou um dito faiscante: mas era fecundo e verboso. Ninguem conhecia melhor a nossa legislação, e sobretudo a da Belgica, o seu paiz favorito. Era além d'isso activo, ambicioso, ductil, e a sua admiração, a sua dedicação por Alipio Abranhos, davam o traço dominante do seu caracter.

De D. Luiza Fradinho, que direi ? Como em casa do Desembargador, quando ella entrava na sala dos Abranhos, com o seu bello corpo de Juno, o penteado alto, o brilho dos olhos felizes, a sala illuminava-se d'aquella luz particular que irradia da belleza feminina. É certo que a sua amabilidade, o seu *espirito*, deram logar a que a sua reputação fôsse manchada pela nodoa d'uma calumnia anonyma ; eu não a creio, porém, culpada e se havia entre ella e o bacharel Tavares uma grande intimidade, provinha sómente de que os seus espiritos, muito semelhantes, encontravam na conversação um encanto mutuo e todo intellectual.

Este bacharel Tavares era um primo segundo de D. Virginia. Formoso e variado talento o seu ! Pintor, poeta, dramaturgo, cultivava estas artes apenas como amador. Algumas das suas deliciosas traducções de *vaudevilles* foram representadas com exito no Gymnasio, sob o pseudonymo de *Cesar Trajano*, e os seus versos, d'um encanto penetrante, d'uma suavidade simples, á João de Deus, só os dizia muito solicitado, ou offerecia ás senhoras alguma copia, que era ao mesmo tempo uma obra notavel de calligraphia.

Este formoso talento era amanuense na Procuradoria Geral da Corôa, e elle não me occultou que esperava da futura elevação politica d'Abranhos a sua propria elevação na carreira publica, esperança que era de resto partilhada por todos os familiares do *Salão Abranhos*, aos quaes devemos accrescentar o padre Augusto e os Amados.

Toda esta gente, com effeito, seguia com um interesse ancioso a carreira parlamentar d'Alipio Abranhos. Póde-se dizer que esta, desde a sua passagem para a opposição, não era pacifica nem preguiçosa: o grande orador, segundo a expressão conhecida, estava *sempre na brecha.* Nunca um ministerio teve um inimigo mais persistente, mais vigilante: — interpellações, moções, ordens do dia, discursos, àpartes, e muitas vezes, na sua justa indignação, patadas no soalho — tudo empregou contra o governo, á maneira do bravo combatente Roldão, que ia contra os mouros á espada, á pedra, e aos couces do seu ginete! Foi um periodo de febre, de batalha. Dizem-me que havia então nas suas palavras, nos seus olhos, nas suas passadas, alguma cousa de guerreiro, de bellicoso. Á noite, ao chá, entre os amigos, exclamava,

de pé, no meio da sala, com a chavena na mão :

— Hei-de-os atirar de cangalhas, minhas senhoras ! Hei-de-os atirar de cangalhas ! . . .

É sabido, porém, que a Providencia determinara que o ministerio Cardoso Torres não seria « atirado de cangalhas » — segundo a sua pittoresca expressão — pelo nosso sublime Alipio Abranhos.

Com effeito, quando as Camaras fecharam em Abril, o ministerio Cardoso Torres era, como dizia Eschylo, o pomposo dramaturgo, «torre de ferro, de força e de dominio». Alipio Abranhos, portanto, retirou-se como de costume para Campolide, a retemperar na communhão da Natureza as suas forças cerebraes, exhaustas por tantos combates da intelligencia.

E foi ahi, n'uma clara e luminosa manhã de Junho, que recebeu de golpe a noticia de que o ministerio Cardoso Torres fôra derrubado por uma revolução !

Não me compete aqui fazer a narração da Revolta de 20 de Junho. Os detalhes d'esse episodio são familiares á nossa geração. Um velho general despeitado, saltando através da Constituição, com a desenvoltura com que

n'um circo um athleta salta através d'um arco de papel, trotou tranquillamente para o Paço, seguido de tres regimentos, e pediu a demissão do ministerio e a concentração na sua pessoa heroica e legendaria, de todo o poder social. Foi de resto um *pronunciamento* á hespanhola, na proporção, todavia, que existe entre o feroz genio castelhano e o nosso temperamento pacifico, entre uma sangrenta corrida de Sevilha e uma alegre tourada no Campo de Sant'Anna. Não vimos as patheticas derramações de sangue que são da tradição classica na violenta terra do Cid : houve apenas, segundo se diz, ferimentos ligeiros, facilmente curados n'uma pharmacia amiga. E o general illustre, que partira ás sete da manhã, rebelde, á testa d'um exercito rebelde — voltava, ás sete e meia, n'um trote socegado, Presidente do Conselho, á frente das forças da Ordem !

Que surpreza para esta boa população de Lisboa ! Mas que desgosto para mim !

Eu, que nunca presenciara uma revolta nem uma guerra civil, perdia assim, roncando estupidamente o somno da madrugada, a opportunidade de vêr um *pronunciamento*, de assistir a episodios de guerra, de testemunhar

a unica revolução armada da minha epoca, no meu paiz. E isto inteiramente por negligencia minha. Eu escrevia então, com proveito e applauso, as locaes no jornal *O Estandarte*; ás duas horas da manhã, depois de rever as provas d'uma deliciosa anecdota que copiara do *Almanach Pour Rire*, preparava-me para deixar a redacção, quando dous collegas entraram, trazendo o boato de que o general citado organisava um movimento para essa madrugada, e propondo que tomassemos uma tipoia para «ir vêr a revolução a Belem».

Descemos ao Rocio e apreçamos uma caleche: o cocheiro, um batedor respeitado, o *Ginja*, pediu-nos 3$600 para nos levar a Belém, a presencear a revolta. Eramos tres e isto constituia um desembolso d'um quartinho por cabeça, para ir assistir a um facto historico... Tanta rapacidade indignou-nos. Achamos odioso que o *Ginja* aproveitasse as desgraças da sua Patria para erguer tão impudentemente a cifra das suas tarifas. Dissemos-lh'o em palavras severas e eloquentes: o *Ginga* ameaçou-nos com o pingalim. Então, percebendo que já se começavam a desencadear as paixões da plebe, recolhemos

— eu pelo menos recolhi — a casa, pensando que se o boato da revolta era exacto e a impudencia do *Ginja* um symptoma, veriamos ao outro dia, repetidos no Chiado e na Baixa, os horrores de 93 e as matanças de Setembro.

Mas a verdade é que eu não acreditava na revolta ; e no meu quarto, depois de ter meditado, como costumo todas as noites, sobre as vantagens da Ordem e a grandeza do Ente Supremo, adormeci, tranquillo e satisfeito.

Qual não foi o meu desgosto, ao outro dia, quando o snr. Ferreira, estimavel dono da casa d'hospedes onde eu então vivia, na travessa da Conceição, me annunciou, attonito, que n'essa madrugada houvera uma *revolução* em Portugal !

Corri precipitadamente ao *Estandarte*... á mesma hora em que uma caleche entrava a largo trote nas portas da cidade, trazendo Alipio Abranhos, D. Virginia, Bibi e a ama. O nobre homem publico, como depois me disse textualmente o Conde, « precipitara-se para o seu posto, desde que soubera da crise da Patria ! »

Se houvesse guerra civil, elle queria ba-

ter-se em defesa da Carta e da Legalidade, e se se attender, — segundo a acta do seu duello — á coragem que mostrara em frente da espada do Peixotinho, não duvido que daria um valente soldado da Monarchia, á maneira dos Charettes e dos La Rochejaquelins de imperecivel memoria.

Se não houvesse guerra civil, pensava combater a dictadura militar, na tribuna, se ella estivesse aberta, na imprensa, se ella fôsse livre; senão, na rua, na Casa Havaneza, no Gremio, em S. Carlos, no Magalhães do Chiado — pois não importa o pulpito a quem prega a verdade!

Apenas o conde chegara a casa, o coronel Serrão, Fradinho e o *Doutor*, appareceram simultaneamente, prevendo com sagacidade que Alipio Abranhos de certo não se isolaria em Campolide, «quando Lisboa estava entregue a Scylla», como disse o eloquente Fradinho.

Então, no meio dos seus amigos, fechadas as portas, Alipio trovejou. Uma tal violação da Carta, a introducção petulante, em Lisboa, dos methodos hespanhoes, «a tyrannia da soldadesca», indignavam-no. Foi, segundo depois me disse Fradinho, sublime;

sentia-se, ouvindo a sua verbosidade trovejante — que pela colera lembrava Juvenal e pela correcção era comparavel a Cicero — que, se fôsse dado a Alipio Abranhos subir á tribuna, aniquilaria, n'uma só sessão, a Dictadura, os creditos do velho general e a influencia perversa das armas.

Fradinho acompanhava-o n'uma explosão parallela de colera patriotica; o *Doutor*, de testa mais franzida, mugia apoiados surdos. Só o coronel, calado, fumava com desespero. No fundo da sua alma, o triumpho do velho general e do elemento militar encantavam-no: era a sua gente, que diabo! Eram os seus velhos companheiros, caramba! Porém, o seu respeito beato pelas opiniões de Alipio abalava-lhe o enthusiasmo; e coçava freneticamente o cabello grisalho cortado á escovinha, rolando olhares ferozes, sacudido entre a influencia civil d'Alipio e o prestigio militar do velho general, furioso com o proprio cerebro, que não produzia n'aquella crise uma opinião proficua e pessoal.

De repente, D. Virginia abre a porta da sala, agitada, e informa que «um primo do general quer fallar ao Alipiozinho». Ella não o conhecia, mas vinha fardado e parecia

amavel: no corredor até tinha feito cocegas na barriguinha do Bibi!

Alipio Abranhos aprumou a nobre estatura, na pose classica do patriota ultrajado, pensando que á maneira de Luiz Bonaparte depois do golpe d'estado de 51, o General dictador ia prender, lançar no exilio as intelligencias liberaes.

Todavia as cocegas na barriguinha do Bibi pareciam presagiar uma missão amiga... E foi com firmeza, embora pallido, que se precipitou para a livraria.

Os tres amigos ouviram no corredor a voz alegre do militar exclamando:

— Como está V. Ex.ª? Immenso gosto em vêr V. Ex.ª. Desejo dar uma palavra a V. Ex.ª...

Positivamente, vinha em missão amiga! Os tres olharam-se, petrificados, sem comprehender; e durante um quarto d'hora — que tanto durou a entrevista pelo relogio do *Doutor* — passearam da janella para a porta, calados, em fila, com os charutos em riste e as mãos atraz das costas.

Fradinho contou-me depois que lhe bateu alto o coração, que sentiu *colicas*, como em Coimbra nas Sabatinas, quando ouviu

de novo, no corredor, a voz jovial do militar: «um creado de V. Ex.ª... Respeito os escrupulos de V. Ex.ª... Ás tres então... Não se incomode V. Ex.ª...»

Logo que Alipio abriu a porta, mais pallido, tres vozes devoradoras o assaltaram:

— Então?

— Que era?

— Que ha de novo?

— O General propõe-me que entre para o ministerio... Para a pasta da Justiça...

— E então?

— Pedi duas horas para reflectir...

Porém «o caso» parecia prodigioso a Fradinho. Como? O General tinha feito uma revolta, e não formara d'ante-mão, n'uma lista, n'um papel, o seu ministerio? Mas Alipio explicou «o caso». Havia, com effeito, um ministerio preparado, que, segundo a phrase pittoresca e historica do capitão, acompanhara a expedição ao Paço, na bagagem. Mas á ultima hora, o cavalheiro que devia ser ministro da Justiça recusava, recusava com obstinação, recusava com frenesi, batendo patadas no chão. E o General, em presença d'aquella perrice, mandava of-

ferecer a pasta a Alipio. Porque o General queria a legalidade, queria as Camaras — e necessitava um Demosthenes. (Palavras do snr. capitão).

— E para isso não ha outro em Portugal senão você, juro-lh'o eu! — exclamou com enthusiasmo o coronel.

Era tambem, realmente, a opinião de Fradinho. Porque, emfim, collocava-se no bom senso: qual fôra, durante a sua carreira d'opposição, o fim, a ambição d'Alipio? Deitar de cangalhas os *Reformadores!* Caramba, eram as suas palavras textuaes! E os *Reformadores* ahi estavam de cangalhas, de pernas ao ar, o lombo na calçada! Prostrados, meu caro amigo, prostrados! O General, pois, fizera com a espada o que Alipio queria fazer com a lingua! Era lamentavel de certo; mas, desde que El-Rei entregara o poder ao General, a espada que era rebelde ás sete da manhã, tornava-se legal ás sete e meia. Podia Alipio ter escrupulo em a servir? Demais, elle, pela auctoridade do seu talento, introduzia n'esse ministerio nascido da revolta, um elemento de moderação, de ordem; elle iria com a sua pratica parlamentar constitucional, contrabalançar o que

houvesse no temperamento do General de mais auctoritario e de mais fanfarrão. Elle seria o elemento juridico, ponderado, equilibrando o elemento militar. Ainda que lhe custasse, devia acceitar, para impedir que o General se lançasse n'uma dictadura muito pessoal. Era um sacrificio á Ordem, á Liberdade, á Carta. O amigo Alipio devia sacrificar-se !

Alipio, d'uma pallidez crescente, coçando nervosamente o « passa-piolho », entrevia aspectos d'essa cousa invejada, vaga, scintillante e prodigiosa : o Poder ! o Ministerio !

Via a sua entrada na Secretaria, entre espinhaços respeitosamente curvados ; via-se distribuindo os empregos, dominando a magistratura ; á porta, esperava-o o correio ; e ao longe, estendia-se a estrada deliciosa que leva á Ajuda, ao aperto de mão d'El-Rei.

Que sensação em Penafiel, quando se soubesse ! Que ferro para os que lhe tinham chamado na imprensa *pedante* e *roncão !* Que vingança deliciosa para Virgininha, que iria ao Paço, emquanto a mulher de Cardoso Torres, que lhe chamara *sirigaita*, ficava fóra da Côrte, reduzida ao seu *crochet !* Poderia

emfim compensar o padre Augusto dos seus serviços tão persistentes, tão desinteressados; erguer-se-ia deante do Amado, do sogro, que nunca o respeitara sufficientemente, como um collosso: não seria já o genro, seria o Ministro de seu sogro! Ah! Estas solicitações captivantes da ambição são bem irresistiveis — têm a persuasão fatal do ouro e da nudez da mulher!

Mas notae a nobreza d'espirito d'Alipio Abranhos: respirou fundamente, porque sentia o peito opprimido, e disse:

— Tudo isso é muito bonito, mas os amigos bem o sabem, este ministerio não deve durar tres mezes...

Ahi o coronel interrompeu-o com impeto. Já não vacillava: agora, Alipio e o velho General pareciam-lhe identicos, sentados lado a lado nas cadeiras do poder. E a sua funda sympathia pelo antigo companheiro, pelas espadas, pelos militares, fez explosão, furiosamente... E foi com um mugido que bradou:

— Tres mezes? Se elle quizer, com o exercito atraz de si, está no poleiro tres annos! Tres seculos!...

Tres seculos era talvez exagero, como

notou com discernimento o *Doutor*. Ah, mas tres annos, era bem possivel!

Fradinho deu um vivo puxão ás calças e disse:

— Eh! Eh! É que o coronel tem razão! Com o exercito por elle, quem o ha-de deitar abaixo?

E os quatro cavalheiros olharam-se assombrados d'esta possibilidade deliciosa. Sim, quem o havia de deitar abaixo? A sua influencia no exercito era já grande: dispondo agora das promoções, das condecorações, caramba! essa influencia seria medonha! Os interesses do General confundiam-se com os interesses do exercito; o General na presidencia do Conselho era, *ipso facto*, o exercito na presidencia do Conselho. O ministerio não era um homem, eram dez mil, quinze mil marmanjos, armados até aos dentes. Quem iria derrubar essa multidão formidavel?

Alipio, muito abalado, murmurou:

— Mas a opinião...

Fradinho e o coronel, ao mesmo tempo, bradaram n'uma nota aguda:

— Ora, a opinião!

E o *Doutor*, n'uma nota grave, repetiu:

— Ora, a opinião !

Mas Alipio Abranhos, com o faro subtil dos verdadeiros homens d'estado, insistia :

— Nada, este ministerio não dura . . .

Então Fradinho exasperou-se. E porque não havia de durar ? O General era o grande patriota nacional. Os outros ministros eram intelligencias estimadas ! No fim de contas, mesmo quando o General inaugurasse a dictadura, caramba ! A dictadura era necessaria, n'um Paiz como este ! Que tinha feito a Camara ? Palrado ! Oitenta cavalheiros a palrar não organizam, não criam, não fecundam. Era necessario um homem ! Veja você Napoleão ! Precisamos d'um Napoleão !

Mas Abranhos, obstinadamente, murmurou :

— Não dura, os amigos verão. Não dura tres mezes . . . Se durar ! Mas não dura . . .

Fradinho perdeu o dominio de si mesmo. Arrastou Alipio para o vão da janella e atacou-o em surdina : — Por que não havia d'acceitar a pasta ? Se não fôsse por elle, por sua esposa, que fôsse pelos seus amigos . . . Era necessario franqueza, que diabo ! Ahi estava a pobre D. Joanna, com o scirro no estomago, coitada, e o marmanjo do so-

brinho, sem um bocado de pão! Era necessario empregar aquelle marmanjo! Ahi estava a D. Amalia que queria a sua pensão. Ahi estava o padre Augusto — e todos sabiam os serviços que lhe prestara — que se mirrava no desejo de ser conego! . . . Abranhos não podia trahir os seus amigos, as suas legitimas esperanças . . . Elle, Fradinho, podia fallar livremente, não desejava nada. Tinha a sua banca d'advogado, oitocentos mil réis por anno. Mas os outros: o coronel! o *Doutor!* o Tavares! Era necessario ter consideração pelos amigos que se esfalfavam a ir d'aqui e d'alli, a glorificar o snr. Alipio Abranhos! . . . Devia acceitar a pasta, por decencia, por gratidão . . .

— Não me cheira, não me cheira . . . — murmurou ainda Alipio.

Então Fradinho, vermelho, suado do esforço, foi ter com os outros dous, e travando-lhes do braço:

— É uma besta, diz que não lhe cheira! Vamo-nos embora, deixemol-o com a mulher. Ella lh'as cantará.

Com effeito D. Virginia atacou o marido com a sua habilidade feminina. Parecia-lhe, a ella, uma tolice perder aquella

occasião. Quando voltaria outra assim ? Era tentar a sorte. Que ella não queria que elle fôsse ministro para ir ao Paço, a figurar, a espanejar-se ! Era para calar a bocca a certos fulanos e cicranos, que tinham dito — sabia-o ella pelas Victorinos e pela mãe — « que Abranhos era um parlapatão que nunca havia d'ir a ministro ! »

— O quê, disseram isso ? — exclamou Alipio.

E n'aquelle instante teve o desejo furioso d'acceitar a pasta e triumphar, alli, em Lisboa. Mas a sua razão d'estadista manteve-o firme, e apenas accrescentou :

— É lá possivel que dissessem semelhante cousa !

— Juro-te, filho. Disseram-no á mamã. Vê tu que descaro . . .

Tenho razões para crêr que D. Virginia inventava, mas nem por isso a sua finura feminina é menos admiravel.

Alipio, porém, desprendeu-se da sua seducção, d'aquellas caricias penetrantes que queriam amollecer, fazer ceder a sua integridade politica, e disse com bondade :

— Tu não entendes d'estas cousas, filha. Eu não sou tolo. Para ser ministro uma vez,

não quero perder a probabilidade de o ser dez vezes . . .

Tal era, com effeito, o raciocinio d'este grande homem. O ministerio do General era um ministerio de revolta, d'acaso, de surpreza, de conspiração, que daria um caracter suspeito a todos os que d'elle fizessem parte, inutilisando-os para a vida politica, feita de legalidade, por se terem introduzido uma vez no poder pela porta travessa da revolta. Não eram politicos, eram insurrectos, e não tornariam a voltar ao poder senão pela insurreição, o que equivalia a dizer, nunca mais na sua existencia. E como, através das formulas precisas que empregava, fallando com sua mulher, elle parecia sentir mais intensamente a prudencia, a sabedoria da sua resolução, apressou-se a escrever esta carta, que ficará na Historia, e que é dos mais bellos documentos que conheço de patriotismo esclarecido :

« General :

« Tenho o respeito mais profundo pela « pessoa de V. Ex.ª, mas, pesa-me dizel-o, eu « não poderia, dados os meus principios, acceitar uma pasta n'um ministerio que teve a

« sua origem n'um acto violento e inconsti-
« tucional.

« De V. Ex.ª
« Creado respeitosissimo
« *Alipio S. de Noronha Abranhos.* »

N'essa noite, o cavalheiro que por perrice recusara a pasta da Justiça, tendo reconsiderado, o ministerio militar e revolucionario de 20 de Junho ficou definitivamente organizado.

Mas os dias seguintes foram amargos para Alipio Abranhos. D. Joanna Carneiro e D. Amalia Saraiva, informadas pelo coronel da recusa d'Alipio, vieram de manhã « fazer uma scena » a D. Virginia. Uma, via a sua pensão indefinidamente adiada, e a outra alli estava, com o seu scirro e aquelle sobrinho desempregado que a ralava de desgostos. O snr. Alipio não tinha entranhas ! Choramigaram e D. Virginia não lhes occultou que reconhecia no seu marido um caracter teimoso, obstinado, casmurro. Ai ! uma mulher devia pensar muito, antes de se casar !

— E a ti, filha — disseram lacrimosamente as duas amigas — recusar-te a posição, a consideração ! . . .

— Eu não é por mim, mas é pela mamã... Que elle, sendo da Justiça, era tambem dos Negocios Ecclesiasticos, e vejam que influencia!

— Ai! é uma vilania! Olha o pobre padre Augusto, que occasião perde...

O padre Augusto sentia-se com effeito lograd o. Em casa dos Amados queixou-se com uma resignação amarga. Fallou mesmo em *promessas muito explicitas*...

— É um pascacio, sempre o disse — rosnou afogado em indigestão o bestial magistrado, pae de Virginia.

O coronel, esse, fanatico do novo ministerio, o ministerio da militança, não duvidou dizer que não tornava a *pôr os pés em casa d'Alipio*, e insinuou mesmo que n'elle, aquella recusa, aquella reserva, não era politica — era medo. « Ahi têm os senhores o que é: é muito medo n'aquellas entranhas! »

Fradinho declarou que Alipio « era todo palavriado mas nenhum tacto politico ». Elle aconselhara-o, mas desde que o pedante se queria regular pela sua cabeça, abandonava-o... « E vocês o verão chafurdar!... »

Na quinta-feira seguinte a sala dos Abranhos estava deserta. Veio apenas, fielmente,

o *Doutor*. Mas parecia mais lugubre, a casimira do fato, a pellica das luvas, mais negras, d'um negro amargo.

Vendo aquella solidão, D. Virginia, despeitada, foi choramigar para o quarto da ama — e Alipio, só, muito offendido do abandono, toda a noite, defronte do *Doutor* taciturno, folheou com seccura a *Revista dos Dois Mundos*.

E ao outro dia, depois d'algumas entrevistas com os homens eminentes do seu partido, em que fez soar bem alto o seu rasgo de lealdade politica, retirou-se para Campolide, a esperar, no remanso do campo, a proxima crise.

Foram tres mezes longos, penosos, arrastados. Esse verão, se bem recordam, foi ardente. A estiagem e o ministerio pareciam a Alipio Abranhos eternos.

A sua ambição, como uma cobra entorpecida, fôra vivamente sacudida, despertada por aquella rapida visão d'uma pasta e desde então não socegava, inquieta, retorcendo-se com furia, com as guelas escancaradas, avida da presa. Os dias succediam-se na monotonia do mesmo céu torrido, azul-ferrete, da mesma folhagem immovel no seu verde

crestado, sob um véu de poeira: e o ministerio lá estava, imperturbado, gozando as suas ferias, na dispersão providencial da opposição pelas quintas e pelas praias.

Campolide, segundo uma expressão muito d'elle, «seccava-o mortalmente».

Tinha saudades — o termo é correcto — da verbosidade jovial de Fradinho, da presença do coronel, da grande cauda da bella D. Luiza nas *soirées* das quintas-feiras; faltava-lhe mesmo a figura sombria do *Doutor* taciturno.

Sua sogra, quando os vinha vêr, tornava-se odiosa, dizendo com escarneo:

— Em logar d'estar aqui ás moscas, podia agora muito bem estar no poleiro! E é que temos ministerio para annos.

E era esta uma idéa que ás vezes passava, com um suor d'agonia, pelo espirito do estadista, apezar das cartas animadoras dos amigos do partido, que lhe affirmavam «que o trabalhinho por baixo de mão ia bom, que o General estava todo minado por baixo...» Porém as palavras do coronel — apezar de, no fundo, o considerar um boçal — perturbavam-no: «se elle quizer, ninguem o deita abaixo!» E era possivel, caramba! O Gene-

ral tinha o exercito, quieto, de certo, mas como um cão de fila que dormita: se sentisse que lhe vinham tirar sorrateiramente o poder, bastava-lhe despertar a fera: e logo, mal ella rosnasse, opposição, jornaes, poderes do Estado, Carta, tudo se agachava, com as pernas a tremer!

Mas, finalmente, a crise veio—ou antes, findou.

Seria n'estas memorias uma redundancia, contar o desenlace inesperado e doloroso. Quem não se lembra d'esse dia — um dia abafado, de céu plumbeo e canicular — em que se espalhou a noticia de que o General estava a expirar? Tinhamol-o visto, havia dias, subir o Chiado a cavallo, como costumava, e alli estava agora, agonizando, entre o terror dos que a elle tinham ligado as carreiras e as fortunas, e a esperança d'aquelles que por dever official lhe cercavam o leito, mas anciavam por herdar o poder de que elle se apossara.

Quem não recorda esses grupos, reunidos deante do seu palacio, á Estrella, avidos de noticias, atravessados a cada momento por

officiaes, por correios, em cujos rostos se sentia uma subita desorientação moral ?

Lisboa esqueceu os erros d'esse homem, para só recordar a sua personalidade captivante e o brilho da sua carreira.

Eu, buscando noticias para o *Estandarte*, lá estava entre esses grupos, ouvindo já nos commentarios do povo formar-se a legenda d'aquella personalidade, em que havia traços d'heroe. Vi parar á porta a berlinda vermelha do snr. Cardeal Patriarcha, que vinha trazer-lhe a Extrema-Unção. A porta abriu-se com grande ruido e o veneravel sacerdote desappareceu na sombra do pateo que já tinha alguma cousa de funerario, com o seu passo rapido de padre, arrastando a cauda escarlate.

Depois era outra carruagem que chegava, chapéus que se erguiam aqui e além, e o Rei que penetrava no antigo palacio, a despedir-se do velho servidor.

A calçada estava coberta de saibro e havia um perpetuo ranger de passos subtis sobre a areia aspera. E as faces consternadas contemplavam as tres janellas do quarto, por traz das quaes os medicos davam, havia tres dias, uma batalha desesperada á morte !

E quem não se recorda ainda, d'ahi a dias, do sumptuoso funeral, caminhando devagar, com paragens solemnes: a morbida monotonia da musica funebre, o arrastar grave d'espadas, essa marcha funeraria d'um exercito, e, adeante, entre tochas que levantavam alto as chammas lividas, a complicada estructura do feretro, coberto de crepes e de dourados, marchando n'uma oscillação lenta; e atraz, o longo e negro cortejo, solemne, cadenciado, desprendendo-se de toda aquella multidão silenciosa, para o azul-ferrete d'um esplendido dia de Setembro, uma sensação diffusa de luto e de morte!

O esplendor sombrio d'esse luto, comparei-o eu, no meu artigo do *Estandarte*, á magnificencia lugubre com que Roma chorou Cesar. E lamentei não ter a penna de Tacito para contar as pompas dos funeraes d'Augusto!

Apenas se dispersou o fumo das ultimas descargas, os personagens illustres, vendo fechar-se sobre o General as portas do jazigo, onde elle ficava bem aferrolhado no seu triplo caixão de chumbo, tiveram uma sensação d'immenso allivio. Um *uf!* collossal, de quem respira em paz, a pulmões cheios,

sahiu dos thorax fardados de S. Ex.as: o grande perturbador estava enterrado! Emfim!

O ministerio, n'essa tarde, depôz a sua demissão nas mãos d'El-Rei, e os regimentos voltaram aos quarteis, despidos do seu prestigio e do terror que inspiravam, como se, com o desapparecimento da influencia que os movia, tivesse morrido a força que os tornava temerosos.

Alipio Abranhos, desde a noticia da doença do General, viera immediatamente para Lisboa, e tivera o gosto de vêr os seus amigos voltarem, mais fieis, mais dedicados, mais devotos, a tomarem a sua chavena de chá no salão de reps azul.

Na tarde do dia em que se enterrara o General, soube-se que El-Rei encarregara a formação do ministerio a Guedes Navarro, chefe do partido *Nacional*.

Em casa d'Alipio Abranhos, porém, sabia-se com mais precisão que Guedes Navarro fôra chamado ao Paço ás sete horas da tarde: e desde as sete e meia todos os amigos começaram a affluir.

Que *soirée!* Fradinho confessou-me muitas vezes que nunca tivera «tantas colicas».

Pelo relato circumstanciado que elle me fez, e por informações colhidas d'outras testemunhas presenciaes, eu poude reconstituir em todos os seus detalhes os pormenores d'essa noite historica, que marca um momento decisivo na carreira do Conde d'Abranhos. Todos na casa sabiam que existiam compromissos antigos, pelos quaes, se os *Nacionaes* fôssem ao poder, a pasta da Marinha seria dada a Abranhos.

Esse pacto datava do dia em que Alipio, com grande brilho e pompa, se separara dos *Reformadores;* mas nem por isso se podia esquecer que elle era apenas, segundo a phrase de Fradinho, «um *Nacional* da vespera!» Guedes Navarro tinha no seu partido homens com longos serviços, amigos d'annos, *Nacionaes* de tradição; teria elle a força de dispôr d'uma pasta a favor d'um novo, d'um principiante, d'um intruso? Era de certo um intruso de genio, mas quem considera o genio quando se trata de recompensar a amizade? Além d'isso, a sua mesma passagem para os *Nacionaes*, tão brusca, n'um salto de *clown*, tornava-o suspeito, e era, para os velhos do partido, um argumento já prompto para afastar aquella nova ambi-

ção. Se Guedes Navarro tinha compromissos com Abranhos, não os teria de certo menores com outros: havia sobretudo o famoso Torres, que já fôra duas vezes ministro da Marinha com Navarro; aquella pasta parecia pertencer-lhe como um patrimonio: tinha por si a experiencia ganha, o seu talento d'orador, a sua posição litteraria como um dos nossos mais estimados dramaturgos! Era um colosso! E iria Guedes Navarro substituir-lhe Alipio Abranhos?

Estas considerações que Fradinho fazia e que communicava aos amigos da casa, não escapavam ao espirito penetrante d'Alipio.

Quando sobreviera a doença do General, uma alegria furiosa revolvera-o. Emfim! Morto o personagem, o poder cahia por lei, por praxe, nas mãos sofregamente estendidas dos *Nacionaes:* e houve um momento em que se *sentiu ministro!* Mas depois reflectiu; e o seu espirito, debatendo-se entre a duvida e a esperança, foi como um campo devastado pelas hastes de dous veados rivaes. Havia um symptoma terrivel: no dia do enterro, no cemiterio dos Prazeres, Alipio aproximara-se de Guedes Navarro, e dissera-lhe:

— É uma grande desgraça. Mas emfim,

*le Roi est mort, vive le Roi!* Creio que posso dar os parabens a V. Ex.ª.

E Alipio, com aquella phrase habil, esperava obter esta resposta — logica, desde que havia compromissos formaes — « tambem eu lh'os posso dar, amigo Abranhos ! »

Porém Guedes Navarro, em logar d'essa resposta natural, tivera apenas um vago encolher d'hombros e dissera, recusando-se :

— Tudo depende d'El-Rei... A vontade d'El-Rei é que ha-de dizer...

— De certo, de certo — murmurou Alipio.

Mas apezar do calor canicular, sentia-se todo frio, todo murcho. Que significavam aquella reserva, aquella seccura de Navarro ? Esquecera elle os compromissos tomados ? Tentava trahil-o ?

Uma colera vaga grasnou-lhe na alma. Se assim fôsse, que vingança medonha tiraria ! Elle conhecia bem os *Nacionaes*, os seus podres, e se lhe « passassem o pé », fundaria, com o dote da Virgininha, um jornal onde esmagaria o partido com a revelação indignada dos seus escandalos e da sua corrupção. Seguiu então pelo cemiterio, com o olhar vigilante, todos os movimentos de Guedes Navarro. Isto tranquillisou-o um pouco :

Guedes Navarro conservava-se taciturno, reservado, carregando o rosto n'uma consternação bem educada.

Por isso se comprehende que n'essa noite, apenas soube que Navarro fôra chamado ao Paço, soffresse os assaltos terriveis e contraditorios da esperança e da suspeita.

Fradinho muitas vezes me affirmou que n'essa noite a face d'Alipio Abranhos estava d'um livido terreo. Queria, deante dos amigos, mostrar serenidade, jovialidade mesmo : mas não podia permanecer no mesmo logar ; tinha, segundo as alternativas de esperança ou de desalento, risos bruscos, joviaes, ou um abatimento que lhe punha na face uma sombra, uma molleza de vencido.

Na sala, havia um embaraço manifesto. Ninguem fallava na *cousa:* — manifestar esperanças, poderia tornar o desapontamento mais amargo ; mostrar desalento seria incivil. Faziam-se, de repente, silencios desagradaveis : eram os momentos em que cada um pensava nas suas *proprias esperanças:* a gorda D. Amalia na sua pensão, a macerada D. Joanna no emprego do sobrinho, padre Augusto no canonicato, o *Doutor* em postas vagas...

O bacharel Tavares offerecera-se para ir pela Baixa, ao Martinho, ao Central, collecionar os boatos, mas voltara offegante, limpando o suor do pescoço, a dizer que se não sabia nada: o Guedes ainda devia estar para o Paço.

Eram então nove horas e meia. Aquella demora no Paço parecia inexplicavel. Fradinho, porém, que era o mais animado, lembrou que seria necessario, pelo menos, hora e meia para ir á Ajuda. Padre Augusto protestou:

— Hora e meia ? . . . Tres quartos d'hora, se me faz favor. Foi para o Paço ás sete, chegou ás oito menos um quarto; um quarto d'hora para conferenciar com El-Rei; voltou ás oito horas, chegou a Lisboa ás oito e tres quartos. São nove e meia: ha tres quartos d'hora que está em Lisboa.

Aquelle calculo consternou as faces.

— Mas depende do cocheiro — disse o Conselheiro Andrade.

— Mesmo com um batedor — observou o bacharel — não se vai em menos de uma hora.

E como aquillo — o tempo que se levava até Belem — era um assumpto, apoderaram-se

d'elle sofregamente. Disfarçava as preoccupações, evitava os silencios vazios, tão desagradaveis. Fradinho contou logo que em questões de velocidade, elle, Fradinho, fôra a Cintra em hora e meia. Era bater, hein ?

Mas o bacharel que em novo *fadistara* tinha historias bem superiores de tipoias velozes : que lhes parecia : em tres horas ir a Cintra, e de Cintra a Cascaes ?

— Impossivel ! Impossivel !

— Oh, minhas senhoras, impossivel ? — bradou o bacharel. — Fil-o eu. Posso trazer-lhes aqui o cocheiro, o proprio, um picado das bexigas !

— Sem descançar a parelha ?

— Sem descançar a parelha !

— Historias !

Ninguem queria irritar aquelle excellente moço, mas contrariavam-no para produzir discussão, palavras — e, com effeito, o bacharel, tomado d'um subito fluxo labial, prodigalisou historias de velocidades maiores. Estava encantado de se sentir o centro da conversa ; fallava, dando puxadellas aos punhos para produzir effeitos. No Porto, tinha ido á Foz em meia hora ; e, exaltado, contou outros feitos, só comparaveis á velocidade

d'um trem expresso, ou da electricidade atmospherica!

O relogio da sala, porém, bateu as dez horas, e aquelle timbre melancolico despertou as inquietações: ninguem contradisse o bacharel, e o silencio pesou, mais angustioso.

A bella Fradinho, então, tentou o piano: todos pareceram escutar com uma attenção tão *dilettante*, que D. Luiza, que ao principio só fôra tocar para preencher o silencio, animando-se, estimulada, fez correr sobre o teclado os dedos ageis onde reluziam os anneis com que, por amor d'ella, se arruinava o advogado.

Mas eram dez e vinte. Segundo elle proprio me contou depois, Alipio Abranhos esforçava-se em considerar que, naturalmente, Guedes Navarro, á volta do Paço, fôra primeiro fallar com outros *collegas*. Porém essa hypothese não era sufficiente para o calmar. Então não se conteve, foi perguntar aos creados se *era certo* que não tinham ouvido tocar á campainha; mas encontrando-os na cozinha, palrando alto, enfureceu-se: que barulho era aquelle? Que pouca vergonha! Podiam vir vinte pessoas procural-o, que não era possivel ouvir bater á porta!

A idéa de que Guedes Navarro podia ter vindo, tocando em vão, e, despeitado, tivesse ido *bater a outra porta*, aterrou-o. Bradou para os creados, tratando-os por alarves:

— Se ouvir aqui mais uma palavra, vão todos para o meio da rua! Que desproposito! Parece uma feira!

Porém pensou que Guedes Navarro não viria a pé, e que, na sala, se teria ouvido a carruagem; essa idéa calmou-o, mas por precaução mandou o João para o pateo, *esperar*.

Quando entrou na sala havia um silencio pesado. O bacharel fôra de novo á Baixa, aos boatos; e vendo que era insupportavel aquella situação, Abranhos, com grande sinceridade, fallou elle mesmo na *cousa*.

— Era inutil que o Alfredinho se incommodasse. Eu, para lhes fallar com franqueza, estou a vêr o que se passa... O Guedes Navarro é meu amigo, mas, emfim, tem compromissos antigos...

Foi um allivio para todos que elle mesmo auctorisasse a fallar-se na *cousa*. Houve uma explosão alvoroçada d'opiniões. Fradinho exclamou que Guedes Navarro, se tal fizesse — era um canalhá!

O padre Augusto, porém, apostava, apos-

tava, apezar do seu caracter sacerdotal, que o Guedes Navarro havia de ser leal.

Alipio, no emtanto, declarou-se indifferente. Até estimava não entrar agora para o ministerio! A possibilidade d'aquella recusa causou uma indignação geral. O que? Recusar! Porque?

— Que o amigo se conservasse na espectativa com o General, sim! — exclamou Fradinho. — Foi um acto digno. O General, grande homem, o que quizerem, já lá está no Reino da Verdade, mas era um *insurrecto!* O amigo fez perfeitamente em se afastar de semelhante compromettimento! Eu mesmo lh'o aconselhei, se se recorda bem, aqui, n'esta mesma sala lh'o aconselhei... Mas agora recusar-se a entrar com os seus amigos no poder!...

A voz de Fradinho soava alto, mas a sua indignação era puramente artificial: porque elle sabia — todos na sala sabiam — que Alipio Abranhos não recusaria a pasta! O que começavam a recear era que não lh'a offerecessem; e os olhares devoravam os grossos ponteiros do relogio, cujo tic-tac parecia a todos bater com uma pressa surprehendente.

De repente, uma carruagem que vinha do lado da rua do Alecrim, rolou no largo: houve um silencio grave, uma espera anciosa; a carruagem trotou na calçada para a rua de S. Francisco.

Então todos murcharam. Eram quasi onze horas. Cada um pensava que áquella hora o ministerio devia estar formado, ou, pelo menos, que as negociações se passavam longe, n'outras casas, com outros personagens. A Alipio nem lhe davam a importancia de o consultar. Fradinho teve a franqueza de m'o confessar mais tarde: áquella hora, — ás onze — julgou Alipio *um pascacio!* Positivamente não o tomavam a sério. Palrava bem, mas homem d'estado não o consideravam. E, não se contendo, chamou o *Doutor* — que m'o referiu — para o vão d'uma janella, na sala de jantar:

— Pregam-lhe uma peça... O Guedes nunca teve tenção de lhe dar a pasta. É um homem perdido!... Aquella passagem com armas e bagagens para a opposição, matou-o! Não dá garantias de lealdade. É uma besta!...

Uma carruagem, a meio galope, parou de repente á porta. Fradinho entrou na sala. Havia um silencio angustioso. A campainha

repicou e o padre Augusto precipitou-se, com medo que o creado tivesse adormecido.

Era Guedes Navarro que queria fallar com S. Ex.ª!

D'ahi a pouco entrava o bacharel; vinha dos boatos, da Baixa, mas as physionomias de todos eram tão particularmente expressivas que elle exclamou logo, adivinhando:

— O homem veio!

— Estão ambos no escriptorio!

— Hurrah! — gritou, agitando o chapéu.

D. Laura, porém, observou com prudencia:

— Nada de cantar victoria... Ninguem sabe... É tentar a Deus! É esperar, é esperar...

Mas não esperaram muito. Sentiram a porta do escriptorio abrir-se com ruido, e duas vozes, a do Guedes e a do Abranhos, no corredor, fallando alto, joviaes. Depois a carruagem, em baixo, bateu a trote, e Alipio entrou na sala.

— Então?... — exclamaram todos.

— A Marinha! — disse elle, banhado n'um riso irreprimivel.

Correram para elle. D. Virginia pendurara-se-lhe ao pescoço, e as senhoras, os

homens, procuravam apoderar-se das mãos, da manga do ministro. Elle rebolava dos braços d'um para os braços do outro, suffocado, os olhos humidos, defendendo-se mollemente.

— Deixem-no ! Deixem-no, que o abafam, credo ! — exclamou D. Laura. — Deixem-no !

O *Doutor* então foi sublime. Aquelle homem taciturno soltou uma voz de trombone, e com gestos furiosos, como allucinado :

— Qual deixem-no ! É p'ra aqui, é p'ra mim ! E todo !

E dava-lhe apertões furiosos, sofrego d'elle, querendo sepultal-o no seio, penetrar-se de S. Ex.ª.

Todos riram. Quizeram saber « como tinha sido », o que dissera o Guedes Navarro. Cercaram-no, estendendo as faces banhadas de riso para lhe beber as palavras.

Abranhos foi muito conveniente, muito discreto :

— Sua Magestade — disse — está muito affectada. A morte do General causou-lhe uma grande emoção. Mas emfim, constitucionalmente, está satisfeito. Sente que os serviços publicos estão desorganizados. Quer um ministerio forte. É necessario, com effeito, uma situação forte.

Os homens concordaram gravemente que era necessario uma situação forte. Gozavam como se fôssem parte, elementos d'essa força. Fradinho crescera, sentia-se um personagem; e o *Doutor*, cujo modo hesitante d'andar dava a impressão de que não estava bem firme sobre a terra, tinha agora, plantado no meio da sala, a attitude firme d'um monumento edificado pelos Romanos.

Então, para celebrar o triumpho, o bacharel propoz que se bebesse uma garrafa de Champagne. Não o havia em casa: mandar um creado compral-o parecia ridiculo: poderia saber-se, fornecer pilheria á opposição. Então o bacharel offereceu-se para ir elle mesmo buscal-o:

— Digo que é para mim, para levar ao Dáfundo, n'uma pandega! — exclamou.

E, pela terceira vez n'essa noite, abalou pelas escadas, de chapéu para a nuca.

Alipio Abranhos, entretanto, dava outros detalhes, que todos devoravam gulosamente: S. M. estava contente com o ministerio formado pelo Guedes. Não o conhecia a elle, Alipio, mas vira D. Virginia em S. Carlos: tinham-lh'a mostrado e achara-a muito galante.

— É mentira ! — exclamou ella, com todo o sangue na face, apopletica d'orgulho.

— Palavra d'honra, filha. Disse-o ao Guedes : « Eu não conheço esse cavalheiro, mas tem uma senhora muito galante ; mostraram-m'a no theatro ».

Então todos a felicitaram. Ah ! Ah ! Ia ser a belleza da Côrte ! Parabens !

Ella negava. Eram tolices do Lipinho ! E D. Joanna, a do scirro, de commovida, começou a choramigar.

Mas o bacharel appareceu, triumphante, com duas garrafas nos braços. Elle mesmo, com a sua experiencia, as abriu, fazendo estalar as rolhas. E depois d'uma saude, ficaram todos em grupo, no meio da sala, com os copos na mão, gozando a atmosphera ministerial de que já estava penetrada a casa.

O Ministro, entre Fradinho, o *Doutor* e o Conselheiro Andrade, felicitava-se por ter a pasta da Marinha : havia muito a fazer na Marinha. Assim, por exemplo : sendo nós os primeiros descobridores do mundo, parecia incrivel que não tivessemos ainda mandado uma expedição ao pólo !

Os tres cavalheiros não pareciam excepcionalmente impressionados com aquella

idéa. O *Doutor* mesmo, depois de reflectir, de testa franzida, e vendo que não tinha de certo nada a ganhar com aquelle heroismo geographico, disse apenas, por civilidade:

— Tem V. Ex.ª razão. É uma grande idéa.

— E tudo a reformar; todo o pessoal administrativo das colonias... Uma collecção d'inuteis! — lembrou Fradinho.

— Tambem ha alguma cousa a fazer n'esse sentido — concordou o Ministro.

Então o *Doutor* pareceu particularmente enthusiasmado:

— Tem V. Ex.ª muitissima razão! Isso é que é uma grande idéa!

Mas era quasi uma hora da manhã. A infeliz D. Joanna foi pôr os seus agasalhos. E as felicitações recomeçaram: os beijos chilreavam na face córada de D. Virginia; o Ministro sentia a mão apertada ao mesmo tempo pelo bacharel, pelo Conselheiro, pelo *Doutor;* e Fradinho, accendendo o charuto, disse com uma voz em que se sentia o gozo d'aquella intimidade:

— Ámanhã por cá appareço, para fallarmos...

— Ámanhã é que é lêr os jornaes! — exclamou padre Augusto.

Então o *Doutor* foi outra vez sublime: com uma verbosidade, espantosa n'aquelle melancolico, exclamou:

— A nomeação vem no *Diario do Governo*, ámanhã: pois, meus senhores e minhas senhoras, eu vou mandar encaixilhar o *Diario do Governo!*

Aquella graça pareceu deliciosa. E a escada esteve um momento toda sonora de rizinhos, de frou-frous de vestidos, e do ruido que fazia o bacharel, muito estroina, pulando os degraus a dois e dois.

Mal a porta se fechou, D. Virginia correu á cozinha, e deante dos creados em pé:

— Então vocês sabem? .. O snr. foi feito Ministro. D'aqui por deante, vocês devem sempre dizer-lhe *snr. Ministro!* É o costume.

Quando voltou á sala, Alipio Abranhos, nervoso, passeava, com o peito alto, passando a mão pelo cabello.

— Então que lhe parece, snr.ª D. Virginia — disse radiante; — está satisfeita?

— E tu, deante de toda essa gente, com aquella mentira a respeito do que disse o Rei!

— Oh filha, juro-te que é verdade. Juro-te. Disse-o ao Guedes, palavra... É muito natural!... Pois os amigos parece que estão

contentes... E o *Doutor*, hein? Tem graça! Hein?... É bom diabo... E tem talento... O diabo tem talento!

A porta abriu-se e o João, o creado, muito serio, pronunciou estas palavras:

— A que horas quer V. Ex.ª o almoço, snr. Ministro?

Alipio, tomado de surpreza, sentiu por todo o corpo uma caricia deliciosa; ficou um momento a gozal-a, n'um sorriso mudo, e com bondade:

— Ás dez. Chame-me ás nove horas, João.

— Tenha V. Ex.ª muito boas noites, snr. Ministro.

— Boa noite, João. — E voltando-se para D. Virginia que fechava o piano: — É bom rapaz, este João.

No emtanto os amigos intimos, parados no alto da rua do Alecrim, onde cada um tomava o seu destino, ainda parolavam. Segundo D. Amalia, o mais satisfeito dos dous era D. Virginia: ella é que parecia o ministro.

A bella Fradinho quiz saber se ella poderia ir a S. Carlos, para o camarote do mi-

nisterio ? Não, não era costume. Mas era apresentada no Paço.

— E ha-de fazer boa figura ! — disse D. Amalia.

— São tudo illusões — disse com seccura a bella Fradinho. — O verdadeiro é cada um ser feliz em sua casa. Agora elle, sim, ha-de ser um bom ministro . . .

— O Alipio é um genio — affirmou Fradinho. — Ainda ha pouco eu dizia ao *Doutor :* vai-os espantar a todos. Tem idéas. É ainda dos poucos que têm idéas.

E o padre Augusto resumiu :

— Emfim, não é lá por dizer. Mas agora, estamos no *poleiro !*

Todos riram.

— Quero dizer — acudiu — quando digo *nós* . . . os amigos sabem, é um costume que tenho. Sou tanto d'aquella familia . . . Quero dizer, emfim, o nosso Alipio está no *poleiro.*

Então houve um momento de silencio. Todos gozavam aquella idéa de que elles, os amigos, os intimos, estavam no *poleiro.*

Separaram-se. O *Doutor* desceu a rua do Alecrim, assobiando. Fradinho chamou uma tipoia : era caso para tomar tipoia. Offere-

ceu-se mesmo para levar a casa D. Joanna que se estava a sentir mal do golito de Champagne. E o bacharel estava tão enthusiasmado, que, para celebrar o caso, segundo me confessou depois, foi passar a noite ao prostibulo.

Portugal sabe bem que o Ministerio Nacional durou dous annos e o que foi a administração do Conde d'Abranhos nos negocios da Marinha e Ultramar.

Dous serviços que se completam e vivem um pelo outro — as Colonias e a Armada — constituem esse ministerio, e, em ambos elles, Alipio Abranhos deixou os explendidos vestigios do seu genio administrativo. E notae que o Conde não era, como vulgarmente se diz, *um homem do officio*. Até á edade de vinte e um annos — em que, nas ferias do ponto, fez uma visita á praia pittoresca de Buarcos — nunca tinha visto o mar. E esse formidavel elemento, que cobre as quatro quintas partes do globo — mundo de trevas e de mysterio, juncado de destroços, asphyxiador, hostil ao homem — deu-lhe uma impressão que, segundo elle me disse, com aquelle

vigor pittoresco da sua phrase, lhe fizera *eriçar todos os cabellos do corpo.*

Sempre detestou o mar, e se alguma vez passou a estação calmosa em Cascaes, foi unicamente em respeito aos deveres sociaes da sua posição no Paiz, ou para comprazer com D. Virginia, e depois com sua segunda mulher, a respeitavel Condessa d'Abranhos. Tal era esta repugnancia, que o Conde d'Abranhos nunca visitou a Inglaterra, porque, sendo esse grande paiz dos Pitts e dos Chaucers infelizmente uma ilha, não lhe seria possivel visital-o sem embarcar: e o horror do Conde aos navios era invencivel.

Era mesmo um sacrificio grave, quando as suas altas funcções o forçavam a visitar algum navio de guerra. De resto, a mesma paisagem maritima — essa infinidade d'agua azul — causava-lhe, como elle dizia, «um peso estupido na cabeça», e é portanto mais para admirar que, com esta antipathia pelo mar e por tudo que d'elle vive ou n'elle trabalha, dirigisse as repartições da Marinha com tão grande brilho.

Outra circumstancia que torna mais admiraveis esses serviços, é o facto do Conde — tendo dado todo o seu tempo ao estudo das

questões sociaes — jámais se ter occupado do conhecimento subalterno da geographia. Segundo elle dizia, nunca pudera reter todos esses nomes exquisitos e barbaros de rios, cordilheiras, vulcões, cabos, isthmos! Assim, por exemplo, nunca comprehendeu, confessou-m'o muitas vezes, esses calculos estranhos de graus, latitudes e longitudes, nem dava grande credito á *sciencia da navegação*.

E mais nos admiramos ainda dos serviços que prestou, quando sabemos que o seu conhecimento das nossas colonias não era detalhado. Disse-se, por exemplo, que só depois de dezoito mezes de ministro é que soube, por acaso, onde ficava Timor! *Dezoito mezes* é um exagero perfido de opposição mesquinha. Mas, acceitemos mesmo que só adquirisse essa insignificante informação depois d'alguns mezes de gerencia dos negocios coloniaes: — o que prova isso, senão que a sua vasta intelligencia, toda voltada para os altos problemas politicos, não dava valor a essas pequenas sciencias de exactidão local?

Uma occasião, na Camara, elle fallava de Moçambique como se considerasse essa nossa possessão na costa *occidental* da Africa. Alguns deputados mais miudamente instrui-

dos d'esses detalhes, gritaram-lhe com furor :

— Moçambique é na costa *oriental*, snr. Ministro da Marinha !

A replica do Conde é genial :

— Que fique na costa occidental ou na costa oriental, nada tira a que seja verdadeira a doutrina que estabeleço. Os regulamentos não mudam com as latitudes !

Esta replica vem mais uma vez provar que o Conde se occupava sobretudo d'idéas geraes, dignas do seu grande espirito, e não se demorava n'essa verificação microscopica de detalhes praticos, que preoccupam os espiritos subalternos.

Não me compete, porém, n'estas reminiscencias intimas do Conde d'Abranhos, fazer a historia politica da sua administração nos negocios da Marinha. Essa missão gloriosa pertence aos Herculanos e aos Rebellos do seculo XX.

Eu desejei sómente, sem invadir o solo pomposo e difficil da Historia, deixar aqui consignado que, na minha opinião, de todos esses estadistas, esses poetas ardentes, esses moços de largo sopro lyrico, esses estimaveis cavalheiros que em Portugal, desde a outorga da Carta, têm dirigido os negocios da Marinha e

Ultramar, nenhum, como Alipio Abranhos, comprehendeu tão patrioticamente o espirito de que deve inspirar-se a nossa politica colonial.

Ainda perdura a obra immorredora que nos legou esse genio glorioso, que hoje, cercado da veneração saudosa de Portugal, repousa no Cemiterio dos Prazeres. Sobre o mausoleo commemorativo que a saudade da respeitavel Condessa d'Abranhos lhe ergueu, o talento do esculptor Craveiro fez reviver no marmore a figura magestosa do Estadista.

E não é sem uma emoção profunda que alli vou cada anno em piedosa romagem, contemplar a alta figura marmorea, com o seu porte magestoso, o peito coberto das condecorações que lhe valeu o seu merecimento, uma das mãos sustentando o rolo dos seus manuscriptos, para indicar o homem de letras, a outra assente sobre o punho do seu espadim de Moço Fidalgo, para designar o homem d'Estado — e os olhos, por traz dos oculos d'aros d'ouro, erguidos para o firmamento, symbolisando a sua fé em Deus e nos destinos immortaes da Patria!

# A CATASTROPHE

# A CATASTROPHE

Eu moro á esquina do Largo do Pelourinho, justamente defronte do Arsenal.

Já antes da guerra e dos nossos desastres, eu alli vivia, no segundo andar, á direita. Nunca gostei do sitio: sem ser bucolico, a minha ambição foi sempre habitar longe d'estes arruamentos tristes da Baixa, n'um bairro de mais ar e de mais horizonte, com um quintal, uma frescura de folhagem e alguns metros de terra, onde, n'um rumorejar d'arvores, pudesse ter roseiras e acolher passaros nas tardes de verão.

Mas quando herdei de minha tia Petronilha, comprei esta casa, defronte do Arsenal. Estes predios são, por causa das lojas

e dos armazens, casas de maior rendimento do que as dos outros bairros, e, como emprego de capital, um predio na Baixa é mais vantajoso do que uma casa bonita em Buenos-Aires ou no bairro das Janellas-Verdes. Foi pelo menos o que me disseram proprietarios experientes.

De resto, eu tencionava alugar o predio e ir habitar, com os meus, uma cazinha pequena, alegre e fresca, que tinha appetecido para os lados do Valle de Pereiro. Mas quando vieram as nossas desgraças e o exercito inimigo occupou Lisboa, a necessidade d'economia, os tempos tão difficeis, forçaram-me a abandonar esse plano de viver no campo; e ainda aqui estou, n'este triste segundo andar do largo do Pelourinho, defronte do Arsenal.

Em má hora vim eu para aqui. Porque creio que esta vizinhança do Arsenal me tem feito sentir com uma intensidade maior todas as amarguras da invasão. Os que vivem para Buenos-Aires, para as Janellas Verdes, para Valle de Pereiro, soffrem de certo, dolorosamente, da presença d'um exercito estrangeiro em Lisboa. Ainda que o primeiro terror passou, que a cidade vai reto-

mando pouco a pouco a sua physionomia ordinaria, que circulam as tipoias e os *tramways*, pesa todavia o que quer que seja de doloroso sobre a cidade : o ar está carregado de qualquer cousa de subtil e oppressivo, como uma atmosphera intoleravel que circula nas praças, penetra nas casas, muda o gosto á agua, faz parecer o gaz menos claro, deposita na alma uma tristeza continua, obsecante.

Ás vezes, quando uma pessoa sahe, e occupada n'algum negocio, distrahida por elle, se esquece do grande desastre que nos envolve, basta, a uma esquina, a presença d'um uniforme inimigo, para fazer immediatamente recahir na alma, com um peso de penedo, a idéa da derrota e do fim da Patria. Não sei o que é, mas, por exemplo, desde que no alto d'algum edificio fluctua a bandeira estrangeira, parece que este azul já não é o do nosso céu e tem alguma cousa d'uma bruma lutuosa.

Comtudo, n'outros predios, n'outros bairros, basta a gente isolar-se em casa, para se subtrahir a esta desolação ambiente !

Já que não ha Patria, ha Familia : fecham-se as portas, reunem-se todos na sala, em volta do candieiro domestico ; conver-

sa-se. A recordação das desgraças offerece como um allivio pungente e a perspectiva da esperança illude como uma felicidade passageira; lembram-se os amigos, os conhecidos que morreram bravamente na batalha; ás vezes a recordação d'um feito heroico dá como a sensação da honra conservada; depois, em redor do candieiro, baixo, n'uma palpitação de todo o ser, ha uma pequena conspiração-zinha em familia!

E o sonho da desforra faz supportar a realidade da catastrophe...

Mas a mim, nem sequer me é dado este isolamento: porque a não ser que feche as janellas, que me enterre n'uma treva constante, que viva á luz do gaz quando o sol de Julho faisca lá fóra, não posso deixar de vêr deante de mim, como um *memento* odioso, á porta do Arsenal, a sentinella estrangeira pisando a terra da Patria...

E é justamente esta sentinella que me indigna: de certo outros uniformes estrangeiros, todos esses officiaes dos couraçados que estão no ancoradouro, passam a toda a hora, na insolencia brilhante das suas fardas espectaculosas... Pois bem, esses não me irritam... Ha n'aquelle vae-vem de

officiaes alguma cousa de apressado, de inquieto, que me dá a idéa d'uma occupação transitoria, d'esquadras que vão levantar ferro, de humilhações que vão partir para sempre.

Mas aquella sentinella, eterna, que me parece sempre a mesma, tem um ar de estabilidade, de perpetuidade que me faz o coração negro. Cada passada que ella dá, com a sua dura sola, cae-me com um echo lugubre na alma, e no seu monotono passeio, de guarita a guarita, dá-me a sensação de que nunca deixará de haver, sobre a terra portugueza, uma sentinella estrangeira.

E não me posso arrancar a este espectaculo ! Pela manhã, ao fazer a barba, fico de navalha no ar, a face coberta de flocos d'espuma, espantado para o pequeno soldado, que parece entrouxado no capotão azul, com o bonet de couro envernizado e a arma ao hombro... uma d'aquellas armas que alcançavam o dobro das nossas, e que ceifavam de longe, nas linhas de defesa, regimentos inteiros.

De modo que agora já conheço quasi todas as sentinellas do Arsenal. Durante algum tempo, foram soldados de marinha ; agora são

geralmente do 15 de linha. Mas ha sobretudo um typo de soldado que me indigna: é o rapagão robusto, solido, bem plantado sobre as pernas, de cara decidida e olhos reluzentes; penso sempre: foi este que nos venceu! Não sei porque, lembrando-me do nosso proprio soldado, bisonho, sujo, encolhido, enfezado do mau ar dos quarteis e da insalubridade dos ranchos, — vejo n'essa superioridade de typo e de raça toda a explicação da catastrophe.

Antigamente, antes da invasão, raras vezes pensei em observar a sentinella do Arsenal: lembra-me porém de a ter visto, por acaso, ao chegar á janella: se chovia, era certo descubril-a encolhida na guarita, fixando um olho apagado e triste sob o caudal d'agua; se fazia calma, era o seu andar, o seu derreado d'hombros que me impressionavam... era a molleza lenta do passo, uma expressão continua e evidente de tedio e de fadiga; e depois, ao fim de duas horas de serviço, era um derreamento maior, um embrutecimento, uma maneira lorpa de fixar tudo — os bois, os *americanos*, as varinas apregoando peixe, os vendilhões, a tenda defronte — que tornavam visivel a falta de nervo, de vigor,

de fixidez disciplinada, de firmeza, de persistencia. E esta visão do nosso soldado, parece-me então alargar-se e abranger toda a cidade, todo o Paiz! Foi esta somnolencia lugubre, este tedio, esta falta de decisão, d'energia, esta indifferença cynica, este relaxamento da vontade, creio, que nos perderam...

Ainda hoje me soam aos ouvidos as accusações tantas vezes repetidas do tempo da lucta: não tinhamos exercito, nem esquadra, nem artilharia, nem defesas, nem armas!... Qual! O que não tinhamos era almas... Era isso que estava morto, apagado, adormecido, desnacionalisado, inerte... E quando n'um Estado as almas estão envilecidas e gastas — o que resta pouco vale...

Nunca me ha-de esquecer a impressão que tive, no dia em que soube que a guerra nos havia sido declarada e que estavam reunidas tropas organisadas d'antemão, para a invasão, pelo sul e pelo norte.

Fazia annos o meu pobre amigo Nunes, que morava então ao Rocio. Desde a tarde que um panico pairava sobre a cidade, porque a verdade é que, mesmo desde que estalara na Europa a guerra, tão violentamente provo-

cada pela Allemanha, invadindo a Hollanda, nunca em Lisboa, pelo menos na maioria do publico, houvera o receio de que *a cousa chegasse cá ao nosso canto*, como então se dizia.

Nem mesmo quando o velho Salisbury, quasi no seu leito de morte, lançou o seu grande manifesto e declarou a guerra á Allemanha, e quando vimos assim a nossa unica protectora tão occupada n'uma lucta no norte, nos considerámos em perigo. E todavia parecia ter chegado o dia terrivel em que podiam desapparecer da Europa as pequenas nacionalidades! ... Por isso, ao ser, n'essa tarde fatal, annunciada officialmente a entrada d'um exercito inimigo na fronteira, toda a cidade ficou como petrificada, n'um desvairamento de terror.

O primeiro movimento da população foi correr ás egrejas! Já se imaginava vêr os regimentos inimigos espalhando-se pelas ruas... Não creio mesmo que tivesse havido a idéa d'uma resistencia séria. Disse-se, é certo, que tentariamos dar uma batalha junto a Caminha, ou em Tancos, unicamente para mostrar á Europa que tinhamos ainda alguma vitalidade: mas era apenas uma demonstração, porque a idéa seria recolhermos

ás linhas de Torres-Vedras e defender Lisboa. Eu, de resto, não estava nos segredos do Estado-Maior nem do Governo, e apenas sei o que se dizia nos grupos que enchiam as ruas, apavorados, fallando baixo.

N'essa noite fui ao Rocio. O Nunes dava uma *soirée* . . . Na sala pesava a mesma tristeza soturna da rua. Havia nas faces, nas vozes, como que uma expressão desvairada de espanto e de terror: uma singular maneira de perguntar — *então?* com os olhos muito abertos nas faces pallidas . . .

Apezar de haver duas salas, a de visitas e uma outra onde se jogava, estavam todos agglomerados em redor do sofá, como um rebanho que sente o lobo . . . A dona da casa, que tinha um filho militar em Tancos, apezar do seu vestido azul, decotado, mostrava uma face de pasmo e os olhos vermelhos e inchados . . . Chorara todo o dia. E nas mulheres, nos homens, havia como que um abatimento invencivel, na aceitação muda da derrota futura, na passividade inerte das almas fracas... Como não se sabiam noticias, os boatos eram absurdos; a todo o momento se faziam silencios, silencios lugubres, que davam a sensação do recolhimento cerimonioso dos dias

d'enterro. O Nunes, coitado, muito pallido, ia ao acaso pela sala, com as abas da casaca a bater, esfregando nervosamente as mãos, querendo distrahir-nos d'aquellas preoccupações dolorosas, propondo que se fizesse alguma cousa. Houve o pedido d'uma quadrilha . . . Sentou-se uma senhora ao piano, mas os primeiros compassos dos lanceiros soaram, perderam-se no sussurro geral das conversas apavoradas: ninguem tirou par — não se dançou . . . Alguem lembrou um jogo de prendas, uma charada figurada: faces espantadas sorriam, murmuravam com esforço:

— Vamos a isso, não era mau . . .

Mas ficava-se sentado, com as mãos inertes, os pés parados.

Eu vim para a sala de jogo conversar com alguns sujeitos. Havia jornalistas, magistrados, politicos, e agora, através das phrases, sentia-se, em todos, o abatimento das almas. Ninguem acreditava na resistencia possivel, e, deante do perigo, o egoismo erguia-se feroz e brutal. O odio ao inimigo era violento — menos pela perda possivel da Patria livre do que pelos desastres particulares que traria a derrota: um, tremia pelo seu emprego, outro, pelo juro das suas inscripções. Até

ahi o Estado dera o pão ao Paiz, e na perda do Estado, via-se o fim do pão de cada dia. Mas esta indignação em phrases parecia esgotar toda a quantidade de patriotismo que podiam dar aquellas almas : porque em cada proposta que suggeriam as phrases aterradas — ceder as colonias em troco d'uma alliança ingleza immediata, ou fazer a cessão de duas provincias — havia, no fundo, a idéa immutavel da capitulação, o horror da lucta, a anciedade de não perder o emprego, o terror de perder as inscripções ! E, de resto, cada um, sentindo a fraqueza egoista da sua alma, julgava instinctivamente o paiz tomado do mesmo abatimento. A idéa d'um levantamento em massa, da creação de uma guarda-mobil, de milicias, era recebida com um encolher d'hombros : para quê ? Não se póde fazer nada ! Somos esmagados !

Emquanto fallavam assim, ao pé da mesa de jogo onde jaziam, esquecidas, as cartas do antigo voltarete pacato, cheguei-me á janella : todo o vasto céu estava toldado d'uma nevoa esbranquiçada ; mas sob o Arco do Bandeira alargava-se um grande espaço azul, como a entrada circular d'um immenso portico, e no centro brilhava uma larga lua triste, muda,

livida. A collina, ao lado, com o seu castello, recortava em escuro a sua linha molle sobre a pallidez azul do fundo. Uma tristeza immensa parecia cahir d'aquella decoração. Invadiu-me a alma uma piedade vaga pelas desgraças patrias, e, sem saber porque, senti-me tomado d'uma saudade angustiosa, a saudade d'alguma cousa que desapparecera, que findara para sempre e que eu não sabia bem o que era . . . Em baixo, o Rocio brilhava surdamente entre as linhas illuminadas das lojas: o largo, em torno da columna, que o luar tocava d'um traço pallido, negrejava de gente: nem um grito, nem uma voz . . . era uma massa escura, que parecia estar alli amodorrada, arrebatada no terror instinctivo que congrega os animaes, esperando resignadamente a tormenta; e das casas brancas, altas, desconsoladas, cahia a mesma sensação d'abstenção aterrada e de concentração egoista n'um medo obscuro.

De repente, do lado da rua do Carmo, veio um rumor: era como que uma melopeia rythmada, que se sentia, que vinha no ar, que se approximava; luzes d'archotes, destacando-se no caiado das casas, appareceram á esquina do Rocio, e um grupo desembocou,

marchando vivamente, ao compasso d'um hymno patriotico, cujo rythmo o impellia, n'um passo largo :

Guerra, guerra, a guerra é santa,
Pela santa independencia . . .

Eram talvez vinte e pareciam, de cima, da janella, pelos chapéus altos, serem rapazes das escolas ou d'alguma das associações que então abundavam na cidade.

Continuaram ao longo do Rocio, agitando os braços, erguendo a voz, n'um apello á multidão escura. Mas nenhum gesto lhes respondeu ; toda a massa se apinhava a vêr passar aquelles enthusiasmos solitarios ; lojas apagaram-se logo, fecharam n'um subito de *bernarda ;* e n'aquelle silencio frio, que vinha da indifferença da gente e da mudez das fachadas, parecia que o canto se extinguia por si mesmo, que o enthusiasmo se abatia, como uma bandeira a que falta a brisa, cahindo ao longo do mastro ! Quando chegaram perto do theatro de D. Maria, o hymno quasi cessara, os archotes apagavam-se . . . Aquillo sumiu-se, perdeu-se entre a massa escura da gente, como um esforço ephemero

de heroismo n'uma vasta indifferença publica.

Recolhi-me para dentro, pensando, com a garganta apertada, que estavamos para sempre perdidos.

Emfim, como a noite se adeantava, foi necessario fazer alguma cousa para dissipar aquelle pavor ambiente. Eu, o Nunes, o Correia, abancámos a um voltarete. Na sala, tambem de certo se sentira a necessidade de sacudir o torpor apavorado das senhoras: houve uma escala no piano, accordes abafados, e, d'ahi a pouco, uma voz que eu conheci pela d'um official de cavallaria, amigo da casa, ergueu-se, branda e plangente, recitando a *Judia:*

Dorme que eu velo, seductora imagem . . .

Então aquella melodia, aquella voz morbida e saudosa pareceram-me singularmente estranhas n'aquella hora. Era como que um som antigo, obsoleto, a voz d'um mundo extincto, passando em sonhos. Em redor da mesa as vozes monotonas continuavam: passo, dou cartas . . . De baixo, do Rocio, vinha o mesmo rumor surdo da multidão que enchia a praça, e na sala, no langor amoroso do

acompanhamento, balançada com requinte, a voz do alferes suspirava :

Dorme que eu velo, seductora imagem . . .

E já a essa hora o exercito inimigo pisava o solo da Patria ! Pobre alferes !

Encontrámo-nos mais tarde . . . Eu seguia então com os meus companheiros da milicia nacional. E que milicia ! Tudo o que tinhamos d'uniforme era um capote esfarrapado ! E que armas as nossas — armas de caça ! Mas emfim lá iamos, n'essa fria manhã d'Abril, sob a chuva torrencial.

Parece que se estava dando uma grande batalha, mas não sabiamos nada. Encontravamo-nos alli, a meia encosta d'uma collina que nos escondia a vista da frente, ao pé d'um casebre abandonado. Alli permaneciamos havia duas horas, com lama pelos joelhos, encharcados, depois de termos marchado toda a noite, idiotas de fadiga, esfomeados, encostando-nos uns aos outros para não adormecer. Em volta de nós, d'um céu baixo e lugubre, cahia um diluvio ; e o casebre parecia, entre as suas quatro arvores, todo envolvido

de chuva, tão encolhido e tão somnolento como nós. A distancia, a artilheria troava; outras vezes eram descargas seccas, que pareciam o rasgar repentino d'uma grande peça de sêda; mas nem viamos o fumo, n'aquella nevoa de ar e de chuva. Nem sei onde estavamos, nem o que defendiamos.

Quem commandava a companhia era o alferes — o mesmo que recitava a *Judia!* Amarello, encharcado, encolhido no seu capote, ia e vinha defronte de nós. Ai! Não se parecia com o alferes que torcia o bigode junto do piano, revirando olhos ternos nos versos mais tocantes.

De repente, na terra molhada, um galope surdo: é um official, com a farda desapertada, de espada em punho, a face accesa d'uma colera de batalha; bello rapaz, com um fio de sangue a cahir-lhe da orelha. Estaca o cavallo, berra com uma voz furiosa:

— Quem commanda este destacamento?

— Sou eu, meu capitão — responde o alferes, aprumando-se.

— Com um milhão de diabos! Roda pela esquerda, por traz do casebre, a tomar posições na estrada, ao pé da valeta!

E partiu a galope. E lá seguimos nós, a

marche-marche, na lama onde os pés se enterravam, fazendo um esforço brutal para galgar aquelle terreno d'uma resistencia molle, arquejando sob a tormenta de chuva e o estrondo da artilheria que parecia agora approximar-se.

Passámos defronte do casebre: á porta, carros d'ambulancia e de dentro, gritos de feridos.

Era a primeira vez que ouviamos aquelles brados dilacerantes de dôr abandonada, e houve no destacamento como que uma impressão, uma hesitação: era a nossa carne de paisanos, de burguezes, que se recusava, áquella evidencia tão brusca da morte e da dôr!

— Marche! — berrou o alferes.

Chegámos á estrada: mas não viamos nada. Defronte, uma linha pallida de choupos; depois, outras arvores, uma ermida no alto d'um monte e, por todo o valle, a nevoa agreste e aspera da chuva incessante. Parámos: a distancia negrejava outro destacamento. E alli ficámos, na mesma immobilidade, sob a agua, tiritando, n'uma fadiga mortal. Nem um gole d'aguardente . . . Os pés inchados nas botas encharcadas torturavam-

me. E pensando nos dias da paz, quando era da poltrona do meu escriptorio que eu via cahir a chuva, vinha-me uma colera furiosa contra o estrangeiro, um furor de marchar ávante, um desejo brutal de carnagem... E desesperado d'aquella immobilidade, accusava, na allucinação da cólera, os generaes, o Governo, todos os que estavam de cima e que me não mandavam marchar. Aquella inacção era odiosa. O fato collava-se-nos ao corpo e sentiamos a agua a escorrer ao comprido das pernas; as mãos gelavam sobre os canos das espingardas, na brisa aguda e agreste que soprava, encanada do valle.

De repente, um ruido surdo: era uma bateria d'artilheria, galopando, a tomar posições: passou como um turbilhão, aos berros, na nevoa, na chuva e na lama, aos corcovos dos cavallos, aos solavancos das carretas, n'um estalar furioso de chicotadas, e abalou, perdeu-se na bruma, com um rumor surdo e molle sobre a terra ensopada.

Subitamente, à nossa direita, rompe uma fuzilaria; agora sentimos o silvar das balas. Instinctivamente abaixamo-nos, n'um recuo covarde de milicia bisonha...

— Firmes! — grita o alferes.

Deante de mim, um soldado abate-se como um fardo, sobre a lama... e fica immovel, morto... Agora vemos nuvemzinhas de fumo pardo, que a chuva abala e o vento sacode... O alferes, de repente, cambaleia, cae sobre o joelho: está ferido no braço... mas ergue-se como uma mola, agita a espada, como doido, aos berros:

— Fogo!... Fogo!

Depois... não me recordo bem. O tremendo som da artilheria allucina-nos. É como n'um sonho, n'um somnambulismo, que faço fogo, ao acaso, contra a nevoa parda que envolve tudo deante de mim.

Ao meu lado, o alferes cae outra vez: espolinha-se no chão, aos gritos, n'um furor d'agonia:

— Acabem-me, rapazes! Acabem-me, rapazes!...

Foi n'esse momento que nos sentimos envolvidos, absorvidos por uma massa negra, que descia como uma tromba, na violencia d'um elemento! Partimos, correndo, atirando as armas, no meio d'uma gritaria ensurdecedora!... Sinto que aquella enorme mole de gente se quebra, se dispersa, aos grupos; somos uns cem, no meio, que correm,

cahindo, erguendo-se, rolando na lama, espezinhados... Tenho uma vaga consciencia de que é a derrota, a debandada, o panico das milicias... e fujo, fujo com uma amargura exasperada, gritando sem saber porquê, na ancia abjecta de achar um canto, uma casa, um buraco...

Recordo-me de vêr, n'aquella carreira, deante de mim, um official em cabello — uma figura esguedelhada e furiosa — berrando com a bocca aberta, agitando a espada, querendo de certo deter a debandada... Mas a maré de gente abate-se sobre elle, embrulha-o — e eu sinto, vagamente, a minha bota escorregar sobre o seu corpo inerte e esmagado...

Oh! maldita guerra!

Como entrei em Lisboa e me achei na minha casa, realmente não sei. Sim, lembro-me de passar no Rocio, e vêl-o cheio de uma multidão horrivel — toda a população dos arredores refugiando-se, na fuga aterrada deante do inimigo. Era um cahos de carros, de gado, de mobilias, de mulheres, gritando; uma massa brutal e apavorada, redemoinhando sobre si mesma, clamando por pão, sob a chuva implacavel.

Foi em Lisboa que soube, aos fragmentos, todos os detalhes da catastrophe : as esquadras inimigas no Tejo, a cidade sem agua, porque o conducto do Alviella fôra cortado, a insurreição nas ruas, e uma plebe allucinada, passando do abatimento ao furor, ora arrojando-se contra as egrejas, ora pedindo armas, e juntando á confusão da derrota os horrores da demagogia !

Dias amargos ! Todos os meus cabellos encaneceram.

E pensar que durante annos nos podiamos ter preparado ! E pensar que, á maneira da Inglaterra, podiamos ter creado corpos de voluntarios, fazendo de cada cidadão um soldado, e preparando assim, d'antemão, um grande exercito nacional de defesa, armado, equipado, energico e tendo recebido, no habito da disciplina, o orgulho da farda...

Mas de que vale agora pensar no que se podia ter feito ! . . . O nosso grande mal foi o abatimento, a inercia em que tinham cahido as almas ! Houve ainda algum tempo em que se attribuiu todo o mal ao Governo ! Accusação grotesca que ninguem hoje ousaria repetir.

Os Governos ! Podiam ter creado, é certo,

mais artilheria, mais ambulancias; mas o que elles não podiam crear era uma alma energica ao Paiz! Tinhamos cahido n'uma indifferença, n'um scepticismo imbecil, n'um desdem de toda a idéa, n'uma repugnancia de todo o esforço, n'uma annullação de toda a vontade... Estavamos cacheticos! O Governo, a Constituição, a propria Carta tão escarnecida, dera-nos tudo o que nos podia dar: uma liberdade ampla. Era ao abrigo d'essa liberdade que a Patria, a massa dos portuguezes tinha o dever de tornar o seu Paiz prospero, vivo, forte, digno da independencia. O Governo! O paiz esperava d'elle aquillo que devia tirar de si mesmo, pedindo ao Governo que fizesse tudo o que lhe competia a elle mesmo fazer!... Queria que o Governo lhe arroteasse as terras, que o Governo creasse a sua industria, que o Governo escrevesse os seus livros, que o Governo alimentasse os seus filhos, que o Governo erguesse os seus edificios, que o Governo lhe desse a idéa do seu Deus!

Sempre o Governo! O Governo devia ser o agricultor, o industrial, o commerciante, o philosopho, o sacerdote, o pintor, o architecto — tudo! Quando um Paiz abdica assim

nas mãos d'um Governo toda a sua iniciativa, e cruza os braços, esperando que a civilisação lhe caia feita das secretarias, como a luz lhe vem do sol, esse Paiz está mal : as almas perdem o vigor, os braços perdem o habito do trabalho, a consciencia perde a regra, o cerebro perde a acção. E como o Governo lá está para fazer tudo — o Paiz estira-se ao sol e accommoda-se para dormir. Mas, quando acorda — é como nós acordámos — com uma sentinella estrangeira á porta do Arsenal !

Ah ! Se nós tivessemos sabido !

Mas sabemos agora ! Esta cidade, hoje, parece outra. Já não é aquella multidão abatida e funebre, apinhada no Rocio, nas vesperas da catastrophe. Hoje, vê-se nas attitudes, nos modos, uma decisão. Cada olhar brilha d'um fogo contido, mas valente ; e os peitos levantam-se como se verdadeiramente contivessem um coração ! Já não se vê pela cidade aquella vadiagem torpe : cada um tem a occupação d'um alto dever a cumprir. As mulheres parecem ter sentido a sua responsabilidade, e são mães, porque têm o dever de preparar cidadãos. Agora, trabalhamos. Agora, lêmos a nossa Historia, e as proprias fachadas das casas já não têm

aquella feição estupida de faces sem idéas, porque agora, por traz de cada vidraça, se pressente uma familia unida, organizando-se fortemente.

Por mim, todos os dias levo os meus filhos á janella, tomo-os sobre os joelhos e mostro-lhes a SENTINELLA! Mostro-lh'a, passeando devagar, de guarita a guarita, na sombra que faz o edificio ao calido sol de Julho e embebo-os do horror, do odio d'aquelle soldado estrangeiro...

Conto-lhes então os detalhes da invasão, as desgraças, os episodios temerosos, os capitulos sanguinolentos da sinistra historia... Depois aponto-lhes o futuro — e faço-lhes desejar ardentemente o dia em que, d'esta casa que habitam, d'esta janella, vejam, sobre a terra de Portugal, passear outra vez uma sentinella portugueza! E, para isso, mostro-lhes o caminho seguro — aquelle que nós deviamos ter seguido: trabalhar, crêr, e, sendo pequenos pelo territorio, sermos grandes pela actividade, pela liberdade, pela sciencia, pela coragem, pela força d'alma... E acostumo-os a amar a Patria, em vez de a desprezarem, como nós fizeramos outr'ora.

Como me lembro! Iamos para os cafés,

para o Gremio, traçar a perna, e entre duas fumaças, dizer indolentemente :

— Isto é uma choldra ! Isto está perdido ! Isto está aqui, está nas mãos dos outros ! . . .

E em logar de nos esforçarmos por salvar « isto » — pediamos mais Cognac e partiamos para o lupanar.

Ah ! geração covarde, foste bem castigada ! . . .

Mas agora, esta geração nova é d'outra gente. Esta já não diz que « isto » está perdido : cala-se e espera ; se não está animada, está concentrada . . .

E depois, nem tudo são tristezas: tambem temos as nossas festas ! E para festa, tudo nos serve : o 1.º de Dezembro, a outorga da Carta, o 24 de Julho, qualquer cousa, comtanto que celebre uma data nacional. Não em publico — ainda o não podemos fazer — mas cada um na sua casa, á sua mesa. N'esses dias collocam-se mais flores nos vasos, decora-se o lustre com verduras, põe-se em evidencia a linda velha Bandeira, as Quinas de que sorriamos e que hoje nos enternecem — e depois, todos em familia, cantamos em surdina, para não chamar a attenção dos espias, o velho hymno, o Hymno da

Carta . . . E faz-se uma grande saude a um futuro melhor!

E ha uma consolação, uma alegria intima, em pensar que á mesma hora, por quasi todos os predios da cidade, a geração que se prepara está celebrando, no mysterio das suas salas, d'um modo quasi religioso, as antigas festas da Patria!

AP. 122

EÇA DE QUEIROZ

# O CONDE D'ABRANHOS

NOTAS BIOGRAPHICAS

POR

Z. Zagallo

E

## A CATASTROPHE

PORTO
Livraria Chardron, de Lello & Irmão, L.da
editores — Rua das Carmelitas, 144
AILLAUD, BERTRAND — LISBOA - PARIS

1925

OBRAS POSTHUMAS DO MESMO AUCTOR

---

A CAPITAL

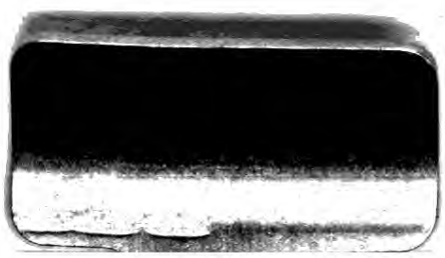
O CONDE D'ABRANHOS

NO PRELO:

ALVES & C.ª

A TRAGEDIA DA RUA DAS FLORES

PAGINAS ESQUECIDAS

NOTAS DE VIAGEM

CORRESPONDENCIA